

Organizador
JOMSON VALOZ

SAUSSURE

Termos, Conceitos e Noções



**SAUSSURE:
TERMOS, CONCEITOS E NOÇÕES**

**JOMSON TEIXEIRA DA SILVA VALOZ
(ORGANIZADOR)**

**SAUSSURE:
TERMOS, CONCEITOS E NOÇÕES**

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Jomson Teixeira da Silva Valoz [Org.]

Saussure: termos, conceitos e noções. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 203p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1409-2 [Impresso]

978-65-265-1410-8 [Digital]

1. Ferdinand Saussure. 2. Linguística. 3. Termos. 4. Conceitos. I. Título.

CDD – 410

Capa: Marcos Della Porta

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

AGRADECIMENTOS

Esta obra não seria possível sem a colaboração dos autores e autoras que têm contribuído de forma exponencial para a continuação e para a divulgação da produção teórica de Ferdinand de Saussure nacional e internacionalmente. Gostaria, imensamente, de agradecer, nesse sentido, ao Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure - CNPq, liderado pelas professoras doutoras Eliane Silveira e Allana Marques, do qual muito orgulho de ser um de seus membros. Agradeço também ao Grupo de Pesquisa em Variação, Ensino de Língua Portuguesa e Teorias Linguísticas (VAELP.TL) coordenado pelo professor Marcus Garcia de Sene e por mim, pela ativa participação neste projeto. Agradeço ainda à Universidade de Pernambuco - Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação - instituição na qual atuo como professor adjunto de Linguística e Práticas de Ensino, pelo financiamento que permitiu a publicação deste livro, através do Edital de Apoio a Pós-Graduação Stricto Sensu UPE - Multicampi / Auxílio para Projetos de Pesquisa (APQ) - 2023.

PREFÁCIO

Passados mais de um século da publicação do livro *O Curso de Linguística Geral*, obra seminal que consagrou o nome do linguista suíço Ferdinand de Saussure, não há dúvida em dizer que o seu pensamento é atual. Esta afirmação acontece em um contexto intelectual no qual não é incomum a afirmação contrária: Saussure é ultrapassado. No entanto, os capítulos deste livro trazem as principais teorias saussurianas discutidas na perspectiva epistemológica do século XXI. Poderíamos dizer que a bibliografia vasta e atualizada, em geral dos últimos vinte anos, presentes nas referências atestam este feito, contudo, é no próprio capítulo em que é apresentada a articulação entre a inteligência artificial e a teoria saussuriana que temos a prova cabal da presença da elaboração saussuriana na atualidade.

Com isso, a reivindicação da atualidade saussuriana, não pretendemos desmerecer a importância dada às teorias saussurianas durante o século XX. À obra de Saussure foi reconhecida o mérito de revolucionar não só a linguística mas toda uma grande área conhecida como ciências humanas. Não há linha de conhecimento dessa área que não conheça a produção do genebrino. Não se esperaria um acolhimento homogêneo de sua obra, estamos falando de conhecimento acadêmico, de ciência, a unanimidade sequer seria desejada, quanto mais esperada. Dessa forma, a maneira como a teoria saussuriana era recebida em determinado espaço acadêmico estava intimamente relacionada com o conhecimento que ali já circulava. Assim, a recepção de Saussure na primeira metade do século XX, não foi igual na Europa e na América, se pode dizer que nem mesmo todas as

regiões da Europa leram Saussure da mesma forma e mais ainda, nem todas as Américas receberam Saussure da mesma maneira.

Além disso, a importância da obra de Saussure, no século XX, não passou de revolucionária a clássica repentinamente e nem mesmo unicamente por obra do tempo. A reflexão de Saussure sobre o tempo na língua é interessante para pensar também o percurso de uma obra no tempo. Saussure nos diz que o tempo não exerce ação sobre a língua, ele não muda uma língua, contudo, é no tempo que uma língua muda. Analogamente poderíamos dizer que o tempo não altera a leitura de uma obra, entretanto essa leitura pode mudar no tempo e a partir das relações que ela entretém com outras teorias que surgem neste percurso. Analisar a recepção de Saussure no século XX ainda é um trabalho que não foi feito por completo e merece atenção, mas não é objeto deste livro que corajosamente reflete a leitura de Saussure no século XXI.

Sim, se pode dizer que a recepção de Saussure no início deste milênio difere daquela do século passado. Notadamente a articulação do livro *O Curso de Linguística Geral* com a fortuna manuscrita do genebrino é um dos traços marcantes da leitura atual das teorias saussurianas, mas seria ingenuidade desconsiderar que se lê o Saussure agora em um outro contexto epistemológico que não mais o do século XX, em primeiro lugar as teorias saussurianas não constituem mais novidade e nem uma revolução. Essa maneira de ler Saussure caracterizou bastante o primeiro meio século de circulação do *O Curso de Linguística Geral*, a grosso modo claro, e também de maneira geral a segunda metade do século XX conheceu o florescer da linguística enquanto ciência, com uma série de avanços epistemológicos que, por vezes, se apoiava em uma crítica às teorias saussurianas. Os capítulos desse livro não têm compromisso como essas duas grandes linhas de leitura de Saussure. Eles trazem o frescor de uma leitura sem compromisso com a fundação da linguística ou com a renovação da mesma. Dedicam-se a abordar conceitos saussurianos sem que a linguística precise disso para sua fundação e, por outro lado,

com o cuidado consciente de saber que a linguística de hoje tem muito mais instrumentos de reflexão que de um século atrás. Munidos dessa liberdade e desse senso de responsabilidade apontam a atualidade da reflexão saussuriana.

Nas primeiras décadas deste século é notável a retomada da leitura dos textos saussurianos em diversos países, o Brasil conhece uma efervescência nesta área apresentando uma pesquisa histórica e epistemológica dos conceitos saussurianos, percorrendo as fontes primárias com afino e propriedade, além das mais variadas fontes que favoreçam uma fina compreensão dos seus conceitos em filigranas. Além disso, os trabalhos começam também apresentar uma reflexão dessa nova leitura de Saussure com temas bastante atuais, inimagináveis no século XIX, como a inteligência artificial, por exemplo. Estamos, certamente, em um momento significativo da recepção de Saussure e este livro é uma bela amostra deste movimento.

Eliane Silveira
(UFU – Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure CNPq)

APRESENTAÇÃO

Esta obra tem um objetivo claro: retomar a leitura do *Curso de linguística geral* (*Curso* ou *CLG*, doravante), de Ferdinand de Saussure publicado originalmente em 1916. Queremos que seja lida junto ao *Curso*. Contudo, esse **Saussure: termos, conceitos e noções** não busca ser um manual de introdução ao *Curso*, mas, a partir da discussão desses termos, desses conceitos e dessas noções que fazem parte da rede conceitual da teorização saussuriana, propomos ampliar visões, desnaturalizar interpretações e instigar (quiza!) a leitura do *Curso* saussuriano que foi capaz de operar o corte epistemológico no campo da linguística e revolucionar a história das ciências humanas e sociais, tornando-se, como afirma Cruz (2016), uma obra cultural. Segundo o autor,

[o] *Curso de linguística geral* adquiriu, durante a história de sua recepção, o *status* de obra cultural: desde sua publicação em 1916 – graças ao trabalho de edição de Charles Bally e Albert Sechehaye – ele não parou de circular, sendo objeto de leituras as mais diversas e mesmo antagônicas (Cruz, 2016, p. 61).

Saussure, então, fica conhecido principalmente devido a esta publicação póstuma, uma edição de aulas ministradas na Universidade de Genebra entre os anos de 1907 e 1911, a partir de anotações feitas em cadernos pelos alunos que assistiram aos cursos e também de poucas notas autógrafas de Saussure.

A história da gênese do *Curso* é bastante conhecida e deu origem a uma série de discussões sobre a suposta existência do que se chamou de o “verdadeiro Saussure” e o “falso Saussure”. Bouquet (2000), por exemplo, chega a afirmar que o *Curso* deturpa

o pensamento saussuriano e defende radicalmente a inexistência de um autor do *Curso*, sendo esta figura criada com que um personagem por seus editores. Trabant (2019, p. 384), por sua vez, afirma: “a gênese do livro é extraordinária e Saussure *não é o autor*”. Milner (2003), no entanto, defende que “na verdade, desde sua publicação, o *Curso* funciona como uma obra¹” (p. 15) e defende que “ao contrário do que se pensa a noção de obra não supõe um autor prévio²” (p. 15).

É nesse sentido, que em Silva Filho (2018) assumimos com Milner (1996; 2023) que a obra *Curso de linguística geral* é de autoria de Saussure, ainda que reconheçamos a complexidade dessa afirmação e todas as abstrações teóricas e filológicas dela decorrentes. Para além disso, percebemos estar havendo um retorno ao pensamento saussuriano em nosso século. Esse retorno, hipotetizamos, está relacionado, dentre outros motivos, à popularização do acesso às fontes manuscritas do próprio Saussure a partir da edição e publicação de outro livro mais uma vez atribuído postumamente ao mesmo genebrino. Devido a isso “Saussure, é hoje em dia, considerado autor de dois livros: o *Curso de linguística geral* e o *Escritos de linguística geral*” (Flores, 2023, p. 29).

A partir disso - mais uma vez, hipotetizamos - tomaram propulsão discussões que retomam aspectos epistemológicos da linguística e seu objeto por meio da releitura de **conceitos, de termos e de noções** que são primeiramente divulgados pelo *Curso*. De Mauro (1972 [1967]), em relação à importância da edição de 1916 para o campo da linguística como um todo, destaca que

Basta olhar a lista das palavras que aparecem pela primeira vez no *Cours*, ou que receberam uma sanção definitiva, em uma aceção determinada, e continuam ainda válidas: *sincronia, diacronia, idiossincrônico, pancronia, pancrônico, etc.; língua, linguagem e fala; signo, significante, significado; unidade linguística; sintagma, sintagmático;*

¹ No original “En realidad, desde su publicación, el *Curso* funciona como una obra”.

² No original “al revés de lo que se piensa, la noción de obra no supone un autor prévio”.

execução, consciência linguística; fonema, fonologia; substância e forma linguística; economia linguística, valor linguístico; código, circuito da fala, modelo; estado da língua, estático, semiologia, semiológico, sema; oposição, opositivo, relativo, diferencial; cadeia, talvez estrutura, certamente sistema. Raras são as palavras-chave da linguística contemporânea que, comuns a várias direções de pesquisas, não têm sua fonte no Cours de linguistique Générale (p. 243)³.

Tendo em mente a afirmação de De Mauro, esta obra que agora entregamos ao público faz parte de um projeto de pesquisa maior intitulado “Epistemologia linguística: Retorno a Saussure através do Curso de linguística geral e dos Escritos de linguística geral” que dentre outros motivos, justifica-se porque busca mitigar a “grande e evidente dívida com Bally e Sechehaye” que foram capazes de nos presentear com “a soma mais completa da doutrina saussuriana”.

Dessa forma, o projeto objetiva promover a (re)leitura do *Curso* - em paralelo ou não com o *Escritos* e outras fontes que fazem parte do *corpus* saussuriano - com o intuito de retomar e rediscutir **termos, conceitos e noções** divulgados primeiramente na obra de 1916. Nesse caminho, na presente obra, operamos um recorte do projeto e apresentamos ao leitor brasileiro um livro para ser lido junto ao CLG.

Assim, convidamos autores brasileiros que têm se debruçado sobre a fortuna saussuriana para comentar primitivos teórico-epistemológicos divulgados pelo *Curso* como *língua, linguagem, signo, valor, arbitrariedade, sistema, analogia, sincronia e diacronia, relações sintagmáticas e associativas* e ainda temáticas como a relação entre Saussure e a formação de professores de Letras e a noção de sistema em Saussure relacionada a Modelos Vetoriais de Linguagem. Esperamos contribuir com o ensino de Saussure especialmente na graduação e despertar o *desejo* pela leitura do “*Curso no Curso*” uma vez que, como afirma Normand (2009),

³ A tradução aqui apresentada foi realizada por Maria Iraci Sousa Costa e Amanda Eloina Scherer (2018).

“uma leitura do conjunto do Curso, se é que é possível, nunca foi encorajada; contenta-se, o mais frequentemente, com extratos que ilustram uma apresentação comentada” (p. 17).

Com esse objetivo em perspectiva, esta obra apresenta doze capítulos. No capítulo inicial “Língua e fala, ou *langue* e *parole*” de Luiza Milano e Laura Amaral Kümmel Frydrych, é retomada a distinção entre os conceitos de língua e de fala, ou com preferem as autoras, de *langue* e de *parole*, na busca por uma “desacomodação” desta distinção, buscando, dentre outros objetivos, definir os termos *langue*, enquanto sistema, e *parole*, como apropriação individual desse sistema, segundo a premissa de que essas definições são um *óbvio que precisa ser dito*.

No segundo capítulo, “O que é um sistema em Saussure?”, Micaela Pafume Coelho retoma a noção de sistema em Saussure. Embora o capítulo tenha como destaque em seu título uma interrogação, Coelho inicia seu texto adiantando que essa pergunta não tem uma resposta direta. No entanto, em consonância com a finalidade deste livro, a autora é enfática: “o que podemos fazer para buscar compreender o que é um sistema linguístico para Saussure é um ato bastante simples: ler o CLG”.

O capítulo é concluído com a constatação segundo a qual em relação à noção de sistema, só há um trecho que se dedica a defini-la de forma específica. Esse trecho permite a autora compreender que há na noção de sistema uma oscilação entre um estado de língua e um modo de funcionamento, um mecanismo, oscilação que não se configura como exclusão, mas complementariedade.

O terceiro capítulo “A noção saussuriana de sistema linguístico em Modelos Vetoriais de Linguagem (MVLs)”, de Leonardo Giamarusti, apresenta uma discussão singularmente interessante. O autor, a partir do axioma saussuriano *a língua é um sistema de signos linguísticos* reflete sobre a possível relação da linguística saussuriana com algumas técnicas de Processamento de Linguagem Natural (PLN) utilizadas em Inteligências Artificiais Generativas. Mesmo concluindo que essa relação

suscita uma série de questionamentos para os quais o autor ainda não apresenta respostas, sua linha argumentativa é de fundamental importância:

há indicativos de que fundamentos linguísticos do século XX podem, sim, propor caminhos para que, no futuro, possamos delimitar melhor o que as IAs baseadas em MVLs entendem por língua, sistema e estrutura; entendimentos estes que, hoje, já parecem fazer uma retomada às noções de sistema em Saussure, evidenciando o papel crucial do mestre genebrino como fundador de quase todo trabalho que envolva fatos de linguagem (Saussure, 2012 [1916]); sejam eles humanos, ou gerados por um computador,

No quarto capítulo, “A noção de semiologia no *Curso de linguística geral*”, Heloisa Monteiro Rosário se ocupa da noção de semiologia no *Curso* como atesta seu título. A partir de outros comentadores, Rosário destaca que há uma pluralidade de acepções para a noção de semiologia nas anotações dos frequentadores dos cursos de Saussure, entre 1907 e 1911, em Genebra, pluralidade essa que não foi destacada na edição de 1916. A autora afirma que a semiologia é apresentada no *Curso* a partir de uma determinada perspectiva: a de uma “ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social”.

Assumindo, com Flores (2023) e Milner (2002), que Saussure é o autor do *Curso*, Rosário mostra, contudo, que, além da ideia de semiologia como ciência, um outro sentido de semiologia é mobilizado na obra – a ideia de sistema de signos –, sentido que Saussure relaciona à questão da arbitrariedade. O capítulo é finalizado com uma breve referência à reflexão semiológica de Benveniste e de Barthes. Segundo a autora, Benveniste propõe uma semiologia baseada na língua, diferentemente de Saussure, que propõe uma semiologia geral baseada no signo linguístico. Já Barthes propõe uma inversão na relação entre linguística e semiologia, uma vez que, para o autor, é a semiologia que faz

parte da linguística e não o contrário, como defende Saussure no “Capítulo III” da “Introdução” do *Curso*.

Valdir do Nascimento Flores, no seu “O signo linguístico” objetiva apresentar uma introdução ao tema do “signo linguístico”, tal como ele foi estabelecido por Ferdinand de Saussure, no *Curso*. Para tanto, o autor lança mão da seguinte estratégia: num primeiro momento, Flores apresenta o conceito de signo saussuriano no contexto da reflexão filosófica no qual se insere. Em seguida, aborda o signo especificamente no CLG, sua definição, constituição e características, para então apresentar suas conclusões interpretativas, a partir das quais é possível aprofundar a perspectiva saussuriana. Flores conclui seu texto com uma recomendação: “Recomendamos, portanto, que o leitor, para melhor compreender a noção de “signo” aqui trabalhada, a associe às noções de “valor”, “sistema” e “arbitrariedade”.

Em “O arbitrário saussuriano: um princípio epistemológico”, Stefania Montes Henriques”, apresenta como objetivo principal realizar um percurso teórico no *Curso*, com vistas a explicitar em que consiste o arbitrário, assim como compreender qual o papel da arbitrariedade na teorização saussuriana, particularmente no que concerne à definição de língua, à mutabilidade e imutabilidade do signo e à teoria do valor. A autora inicia sua discussão destacando o lugar (ou não-lugar) da noção de arbitrariedade nos estudos da linguagem, elucidando a partir de Gadet (1990) que essa noção pode ser tomada em duas perspectivas, a saber, a filosófica e a linguística.

No primeiro caso, a relação que estabelece é entre o nome e o referente, de modo que essa relação se dá no interior do signo. É aquela exemplificada no Crátilo. A segunda perspectiva, a linguística, é apresentada por Saussure no *Curso*, segundo a qual a relação se dá internamente ao signo, entre o significante e o significado. Em seguida, Henriques discute em seu texto as consequências do arbitrário em relação à negação da língua como uma nomenclatura, no tocante a mutabilidade e imutabilidade do signo e sobre o valor linguístico e o mecanismo da língua, por fim.

A autora conclui que a arbitrariedade se torna um axioma da teoria saussuriana: uma proposição fundamental a partir da qual todo o arcabouço teórico se constrói.

No sétimo capítulo, de Jomson Teixeira da Silva Filho, “o princípio da linearidade como um conceito estruturante da linguística saussuriana”, o autor faz uma retomada do conceito de linearidade e a partir de Testenoire (2017) argumenta que o segundo princípio do signo linguístico não obteve a mesma fortuna de outros conceitos, como a arbitrariedade, por exemplo. O presente capítulo intenta colocar em perspectiva o princípio da linearidade não só como um dos princípios do signo, mas de todo o funcionamento do sistema linguístico.

Nessa direção, o autor conclui que o princípio da linearidade não está vinculado apenas ao significante como parece à primeira vista, mas, por meio do funcionamento do eixo sintagmático da língua, esse princípio se apresenta internamente à rede conceitual de Saussure, de forma que está intimamente ligado à sua concepção de língua e como evidência de que a relação entre língua e fala não se dá pela ordem da exclusão se uma em relação a outra, mas como da ordem da complementariedade e indissociabilidade.

Alena Ciulla, no oitavo capítulo intitulado “O valor linguístico” inicia seu texto destacando a importância da reflexão sobre o valor na linguística saussuriana, apresentando dois motivos para tal: o alcance dessa reflexão e o fato de ter sido ela a responsável pela distinção do pensamento teórico de Saussure em relação à linguística de seu tempo. A autora ressalta que, ao elaborar a definição de signo linguístico, Saussure refuta teses anteriores - a língua como nomenclatura, por exemplo - para então encaminhar sua discussão para a teoria do valor, uma vez que como defende Ciulla, é o valor que permite ao signo se constituir.

No capítulo, Alena Ciulla discute o conceito de valor em relação à língua como um todo, em relação a cada uma das partes do signo e, finalmente, em relação ao signo como uma totalidade, o que confere ao capítulo uma importante descrição e discussão

sobre a temática em relevo, pois, como ainda conclui a autora, a noção de valor perpassa toda a reflexão saussuriana no CLG. Ao encerrar o capítulo, Ciulla destaca que para se chegar à noção de valor, é preciso passar por todos os principais conceitos saussurianos. Ao citar Normand (2009), a autora atualiza que o valor se sobrepõe mesmo ao signo e, por isso, é possível estabelecer o axioma “a língua é um sistema de valores puros”, já que os signos são valores. Conclui a autora: “podemos concordar com Flores (2023) de que, ao menos no CLG, trata-se sobretudo de uma Teoria do Valor.”

O nono capítulo “Relações sintagmáticas e relações associativas”, das autoras Camila Pilotto Figueiredo e Daiane Neumann”, mantém uma relação direta com a discussão sobre o valor linguístico. Figueiredo e Neumann abordam o modo como as relações sintagmáticas e as relações associativas constituem a língua como um sistema de signos. Segundo as autoras, essas são responsáveis por gerar duas ordens de valores, motivo pelo qual não há como abordar tais relações sem considerar sua íntima conexão com a noção de valor linguístico.

O capítulo em tela ainda estabelece uma relação com os capítulos sobre a linearidade e a distinção língua e fala. Isso se dá porque ao tratar das relações sintagmáticas, as autoras destacam que os valores estabelecidos nessas relações se apoiam na linearidade, princípio que se espraia para todos os elementos da língua e não apenas na sintaxe, repercutindo inclusive no discurso.

As autoras concluem com afirmações importantes: i) as relações sintagmáticas e associativas estão na base da delimitação das unidades da língua, sendo tal reflexão fundamental para a instituição da língua como ciência autônoma no século XIX; ii) seria impossível abordar tais relações sem situá-las na discussão do valor linguístico, bem como seria absurdo tratá-las como pares dicotômicos isolados, haja vista que o mecanismo linguístico opera pelas duas ordens conjuntamente e iii) sem as relações

associativas e sintagmáticas, a noção de valor cairia por terra e, com ela, todos os princípios a elas conectados.

Marcus Garcia de Sene e Paulo Henrique Alves da Silva, no décimo capítulo, apresentam uma discussão introdutória, mas consistente sobre o par conceitual sincronia e diacronia tal como foi estabelecido por Ferdinand de Saussure no *Curso de linguística geral*. Os autores ressaltam que a opção de Saussure pela sincronia, reflete uma tentativa metodológica para investigação do objeto língua, destacando ainda que essa predileção está relacionada a relação existente entre a natureza do signo e o método sincrônico, uma vez que o signo é investigado dentro do sistema do qual ele faz parte, haja vista que só assim é capaz de depreender qual é o seu valor.

Entretanto, sinalizam De Sene e Silva, que a diacronia é convocada, na teorização saussuriana, como um princípio fundamental, pois atua na delimitação da *langue*, carregando as sucessões de eventos e estados da língua e que, só por questão metodológica, é colocada em segundo plano. Dessa forma, os autores concluem o capítulo afirmando que Saussure não exclui a história (diacronia) de suas discussões, ao contrário, fomenta princípios que permitem estabelecer pontos teóricos-metodológicos possíveis para elegê-la como um objeto da linguística.

O capítulo onze, de autoria de Ítalo de Freitas Almeida, se propõe a discutir o conceito de analogia no *Curso de linguística geral*. Partindo de uma perspectiva historiográfica que tem como pano de fundo o contexto de produção das concepções saussurianas sobre a Linguística geral no último quartel do século XIX, Freitas objetiva apresentar duas definições teóricas para o conceito de analogia, tal como apresentado no *Curso*. Retomando a escola neogramática, o autor afirma que esse grupo recorre à analogia para explicar as exceções à ação regular da mudança fonética. Em outras palavras, a analogia seria convocada como fator de perturbação diante da ausência de regularidade de formas engendradas pela ação fonética.

Ao abordar o conceito de analogia na linguística sincrônica e na linguística diacrônica, o autor conclui sua discussão afirmando que Saussure propõe duas definições teóricas para o conceito levando em consideração aspectos relacionados aos conceitos de língua e de fala. Segundo Freita, na visão do saussuriana, a analogia é um fenômeno que tem incidência na esfera da língua, já que ocorre no plano psíquico.

Contudo, ressalta o autor, como a criação analógica é percebida pelos sujeitos falantes, ela pressupõe e pertence também à fala. Ao relacionar a analogia com o conceito de língua, ela pode ser categorizada como fenômeno de ordem psicológica e de ordem gramatical, portanto, fenômeno circunscrito ao escopo da Linguística sincrônica, mas também, de acordo com a segunda definição do conceito de analogia, está relacionado a dimensão da linguística diacrônica, já que de acordo com Saussure, uma consequência possível para o desaparecimento de uma forma linguística antiga estaria ligada ao desuso, então a analogia poderia ser, nesse sentido, vista como fator de evolução das línguas.

Com Gadet (1987), Freita encerra sua discussão ao reconhecer que a analogia proposta por Saussure permite articular e separar, ao mesmo tempo, o lugar do sujeito falante no fenômeno linguístico, assim como as distinções entre sincronia e diacronia, de um lado, e, de outro, as distinções entre língua e fala.

Diante do que se apresenta, esperamos, com esta obra, contribuir com mercado editorial brasileiro, entregando à comunidade acadêmica um livro que discute termos conceitos e noções relacionados ao pensamento saussuriano, mas também que busca impulsionar a leitura do *Curso de linguística geral* nele mesmo. Boa leitura!!

Jomson Teixeira da Silva Valoz
Organizador

REFERÊNCIAS

- BOUQUET, S. Introdução à leitura de Saussure. São Paulo: Cultrix, 2000.
- CRUZ, A. Pêcheux, leitor do Curso de linguística geral. In: CRUZ, A.; PIOVAZANI, C.; TESTENOIRE, P-Y. *Saussure, o texto e o discurso: cem anos de heranças e recepções*. São Paulo: Parábola, 2016. p. 61-79.
- DE MAURO, Tullio. *Cours de linguistique générale. Édition critique préparée par Tullio de Mauro*. Paris: Payot, 1972 [1967].
- FLORES, Valdir do Nascimento. *A linguística geral de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Contexto, 2023.
- MILNER, Jean-Claude. *A obra clara*. Buenos Aires, Bordes Manantial, 1996.
- MILNER, Jean-Claude. Saussure: Retorno a Saussure. In: *El periplo structural: figures e paradigma*. Amorrortur/Editores, Buenos Aires, 2003.
- NORMAND, C. *Saussure*. Tradução Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução Antônio Chelini et al. 25a edição. São Paulo: Cultrix, 2003 [1916].
- SAUSSURE. BOUQUET, Simon.; ENGLER, Rudolf (Orgs. e Eds.). *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004 [2002].
- SILVA FILHO, J. T. da. *Linearização e hierarquia: retomando o paradoxo posicional a partir do programa minimalista*. 2018. 146 f. Tese (doutorado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2018.
- TRABANT, Jürgen. O Curso em busca de autor. *Revista Leitura*, [S. l.], v. 1, n. 62, p. 381–393, 2018. DOI: 10.28998/2317-9945.2019.62.381-393. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/ve-ristaleitura/article/view/5460>. Acesso em: 29 de abril. 2024.

SUMÁRIO

- 25 **CAPÍTULO 1**
LÍNGUA E FALA, OU LANGUE E PAROLE
LUIZA MILANO
LAURA AMARAL KÜMMEL FRYDRYCH
- 45 **CAPÍTULO 2**
O QUE É UM SISTEMA EM SAUSSURE?
MICAELA PAFUME COELHO
- 59 **CAPÍTULO 3**
A NOÇÃO SAUSSURIANA DE SISTEMA LINGUÍSTICO EM MODELOS VETORIAIS DE LINGUAGEM (MVLS)
LEONARDO GIAMARUSTI
- 85 **CAPÍTULO 4**
A NOÇÃO DE SEMIOLOGIA NO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL
HELOÍSA MONTEIRO ROSÁRIO
- 103 **CAPÍTULO 5**
O SIGNO LINGUÍSTICO
VALDIR DO NASCIMENTO FLORES
- 115 **CAPÍTULO 6**
A ARBITRARIEDADE DO SIGNO: UM CONCEITO EPISTEMOLÓGICO
STEFANIA MONTES HENRIQUES

- 131** **CAPÍTULO 7**
A LINEARIDADE: UM CONCEITO FUNDANTE DA
TEORIZAÇÃO SAUSSURIANA
JOMSON TEIXEIRA
- 145** **CAPÍTULO 8**
O VALOR LINGUÍSTICO
ALENA CIULLA
- 161** **CAPÍTULO 9**
RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS E RELAÇÕES
ASSOCIATIVAS
CAMILA PILOTTO FIGUEIREDO E DAIANE
NEUMANN
- 175** **CAPÍTULO 10**
A NOÇÃO DE ANALOGIA NO CURSO DE
LINGUÍSTICA GERAL
ÍTALO ALMEIDA
- 193** **CAPÍTULO 11**
ALGUMAS NOTAS SOBRE O PAR CONCEITUAL
SINCRONIA E DIACRONIA
MARCUS GARCIA DE SENE E PAULO HENRIQUE
ALVES DA SILVA

Capítulo 1

LÍNGUA E FALA, OU *LANGUE* E *PAROLE*

Luiza Milano¹

Laura Amaral Kümmel Frydrych²

INTRODUÇÃO

O presente capítulo busca, além de apresentar, desacomodar uma compreensão não raras vezes tomada como óbvia da abordagem saussuriana: a distinção entre língua e fala, ou entre *langue* e *parole*, para usarmos os termos na versão em língua francesa. Com “desacomodar” a distinção língua e fala visamos investigar, assumindo tal pressuposto, os desdobramentos da mesma. Em considerar a língua distinta da fala, podemos a) discorrer sobre uma interessante questão terminológica ítalo-franco-portuguesa; também b) buscar definir os termos *langue*, enquanto sistema, e *parole*, como apropriação individual desse sistema; podemos c) interrogar o objeto, por meio de perguntas axiomáticas, tais como “o que é língua?”, cujas respostas constituem o percurso para o estabelecimento dessa distinção, pois que abarcam outros elementos, tais como “linguagem”; podemos ainda d) esboçar decisões metodológicas; bem como e)

¹ Docente nos Cursos de Letras e Fonoaudiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professora e orientadora no Programa de Pós-graduação em Letras na mesma universidade. luizamilanos@gmail.com

² Docente no Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). lauraletraslibras@gmail.com

considerar distintas materialidades da *parole* em *langue*, dentre outras possibilidades.

Se afirmarmos que “a *langue* é distinta da *parole*”, e alguém nos perguntasse “e daí?”, essas seriam algumas possibilidades de encaminhamentos para respondê-la. Nas próximas seções deste capítulo, delinearemos cada um desses desdobramentos. Aliás, começaremos justamente pela questão terminológica, já apontada desde o título deste capítulo. Mas não sem antes retomarmos, brevemente, a premissa saussuriana “óbvia” da qual aqui tratamos.

UM ÓBVIO QUE PRECISA SER DITO

Ao percorrermos as páginas do clássico livro Curso de Linguística Geral (CLG), encontramos uma série de conceitos fundantes da reflexão de Ferdinand de Saussure. Na verdade, o que os editores Charles Bally e Albert Sechehaye realizaram foi um grande esforço para transformar em livro alguns rascunhos preparatórios das aulas do mestre e anotações dos cadernos dos alunos que frequentaram essas aulas. Nessa obra póstuma lemos, então, sobre os conceitos de *langue* (língua) e *parole* (fala), uma apresentação bastante didática que nos diz que a língua é da ordem do social e a fala é da ordem do individual. Saussure anunciava que a organização do campo deveria iniciar pelo estudo do que é mais geral e homogêneo em termos de linguagem, ou seja, a *langue* (língua).

Alguns capítulos e seções do CLG são mais explícitos em abordar diretamente os conceitos de *langue* e *parole*. Em alguns deles constatamos essa presença desde o título dado, como por exemplo no parágrafo 1º do capítulo III da Introdução, em que lemos “A **língua**; sua definição” e no capítulo IV, o qual foi intitulado “Linguística da **língua** e linguística da **fala**” (os grifos são nossos). Neles, encontramos afirmações tais como: “com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório

e mais ou menos acidental” (Saussure, 1977, p. 22), e também que “existe (...) interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas” (Saussure, 1977, p. 27). Por certo que, dada a amplitude e complexidade de ambas noções, essa teorização não é limitada a essas seções do CLG, pois elas perpassam todo o texto. Da Introdução à Conclusão, e por todas as suas cinco Partes, além do Apêndice, percebemos *langue* e *parole* implicadas e imbricadas na reflexão saussuriana apresentada no CLG.

Por isso, diversos pesquisadores, linguistas e estudiosos da linguagem, a partir dessa “semente” saussuriana sobre a relação *langue* e *parole*, constante no CLG e em outros de seus muitos escritos³, se debruçaram sobre a fecunda questão e produziram a partir dela. A linguista francesa Claudine Normand, por exemplo, em um texto intitulado “Língua/fala: uma distinção “que permanece confusa” (Normand, 2009a), menciona outros teóricos que haviam abordado esses conceitos também, como Robert Godel e Simon Bouquet, ao recensar algumas das críticas que as noções saussurianas tiveram nas diferentes leituras que receberam ao longo do tempo. O linguista e filósofo francês Simon Bouquet, em seu particular Introdução à leitura de Saussure (Bouquet, 2000), apresenta um capítulo inteiramente dedicado à noção de língua. Homônimo ao tema, o capítulo versa sobre “o comparatismo e os linguajares (*parlers*)”, a gênese do conceito de “a língua”, dentre outros. O livro também contém, em um capítulo dedicado ao “valor semântico”, uma seção intitulada “valor, língua, fala”, no qual Bouquet menciona diversos excertos dos cadernos de alunos de Saussure para abordar a questão. Ele defende que a “dicotomia língua/fala” não acarreta uma

³ Encontramos nos excertos de manuscritos de Saussure, compilados nos Escritos de Linguística Geral (SAUSSURE, 2004), também uma seção intitulada “Linguagem - Língua - Fala”. Ainda que este título tenha sido atribuído pelos editores, ele não deixa de explicitar a abordagem constante nessa nota saussuriana manuscrita, bem como não restringe a reflexão sobre o tema a ela.

“contradição teórica no pensamento saussuriano”, tratando-se “apenas de um *problema* teórico particularmente irresolvido, mas perfeitamente identificado pelo linguista” (Bouquet, 1997, p. 274, grifos do autor). Por vezes, os trabalhos e pesquisas se voltam ao escrutínio específico de uma das noções, só à língua ou só à fala, ainda que tomadas em relação a partir do escopo da teoria. É o caso, por exemplo, do texto de Silveira (2013), no qual a pesquisadora brasileira desenvolve, em abordagem de cunho mais filológico, reflexão visando identificar o “lugar do conceito de fala na produção de Saussure”.

Esses são apenas alguns exemplos de trabalhos e publicações que se dedicaram a abordar a questão da *langue* e da *parole* na ou a partir da linguística saussuriana. Não é apenas em trabalhos que anunciam a questão desde o título que encontramos discussões e estudos sobre essas noções, evidentemente. Ainda que não de forma única ou exclusiva, qualquer um que se dedique a ler e a produzir leituras sobre a linguística saussuriana irá se deparar, quer queira quer não, com a necessidade de compreender as noções de *langue* e *parole* em Saussure. Isso é óbvio. A maneira como cada um o fará, contribui para o enriquecimento da leitura de Saussure, em suas múltiplas e distintas possibilidades. E isso não é tão óbvio. A leitura que apresentamos aqui é mais uma dentre tantas, no intuito de jogar mais luz à questão, seguindo o legado saussuriano. Vamos a ela.

LANGUE E PAROLE

Nossa opção por grafar os termos como no original francês, acompanha sugestão feita por Tullio De Mauro. Em sua edição crítica do Curso de Linguística Geral, o linguista italiano recomenda que se mantenha, na versão italiana por ele empreendida, os termos *langue* e *parole* em francês, ou seja, que não se traduzisse-os para italiano. E isso, segundo ele, por dois motivos: 1. por se tratarem de conceitos-chave da reflexão de Ferdinand de Saussure; e 2. por serem termos de difícil

correspondência semântica em diferentes línguas do mundo. Essas considerações, por si só, renderiam extensa reflexão sobre a tradução dos textos saussurianos, suas implicações e limitações. No presente capítulo, porém, não iremos além delas. Na nota 68 de sua edição crítica, De Mauro (Saussure, 2005, p. 425) diz textualmente:

Considerando todas essas dificuldades, especialmente em uma tradução como a atual, baseada na mais precisa concordância com o original, preferiu-se manter o vocábulo francês no texto italiano. [...] É difícil não concluir que, contra a profissão de fé nas “coisas”, Saussure, tendo se servido do francês, pode mais facilmente elaborar a clássica tripartição.⁴

Acompanhamos, então, a posição de Tullio De Mauro ao mantermos os termos em francês. Essa decisão tenta também evitar a confusão que eventualmente se pode ter, na língua portuguesa, com relação aos substantivos comuns “língua” (em algumas ocasiões sendo interpretada como sinônimo de “idioma”) e “fala” (em várias situações sendo interpretada como sinônimo de “oralidade”). O que de fato se pode perceber é uma oscilação: mesmo nas fontes autográficas, Saussure experimentou alternância em relação a aspectos concretos e abstratos de vários conceitos. No entanto, sua preocupação em relação à necessidade de teorização da ciência da linguagem era constantemente reiterada, o que se refletia na ênfase que dava ao dizer que no terreno da linguística as bases são de natureza psíquica, ou seja, mental/abstrata. Isto posto, neste capítulo utilizamos os termos *langue* e *parole* como no original francês. Exceção feita a passagens em que citamos traduções já em circulação em português, como é o caso do Curso de Linguística Geral e dos Escritos de Linguística Geral.

⁴ A tradução deste trecho da nota 68 se deu a partir da edição italiana do CLG e está presente em Milano & Ottaran (2022) (disponível em <http://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?id=62>).

Para um leitor lusófono, talvez, o só lançar mão de termos “estrangeiros” possa causar um estranhamento, ou, no mínimo, um distanciamento, que o convoca à reflexão. Afinal, de que “língua” estamos falando?! Nesse sentido, o aporte teórico da Linguística, em geral, serve como meio para se obter mais conhecimentos sobre essa questão. E, no que concerne à linguística saussuriana, especificamente, pode-se dizer que justamente essa delimitação do objeto é que foi o que lhe conferiu o status e lugar dentre as ciências. Ferdinand de Saussure, um comparatista poliglota, em sua atividade estudava e comparava diversas línguas; tantas que não foi por acaso que ele pode elaborar as reflexões que esboçou.

Talvez alguém possa pensar que utilizar-se dos termos *langue* e *parole* seja puro preciosismo (ou elitismo). Não pensamos assim. Do contrário, teríamos então que só usar ou referir e estudar as teorias em seus idiomas originais de publicação, quando justamente nos valem das inúmeras traduções como forma de acesso justamente às teorias e estudos. Com nossa opção por referir a relação *langue* e *parole* em francês, mantemos, além do já apontado por De Mauro, ao leitor brasileiro o alerta para redobrar a atenção ao valor dos termos usados no escopo da teoria linguística. As seções subsequentes neste capítulo reforçam este argumento. Fica também o convite para que, cada vez mais, a gente possa conhecer diferentes interpretações da teoria saussuriana, inclusive em outros idiomas!

SISTEMA E APROPRIAÇÃO INDIVIDUAL DO SISTEMA

Ao apresentarmos os conceitos saussurianos de *langue* e *parole*, sublinhamos uma posição de leitura que considera a noção de *langue* como sistema e a de *parole* como apropriação individual desse sistema. Foi a noções como essas que o genebrino Saussure se dedicou, buscando um olhar científico para suas inquietações. O escritor francês Paul Bouissac aponta com nitidez essa questão, inicialmente atentando para o conceito de *langue*:

É isto o que, independentemente de todas as outras considerações, Saussure chamou de *langue*, redefinindo, assim, uma palavra comum do francês para dar a ela um *status* teórico, ou, no mínimo, heurístico. Saussure deu uma definição explícita a sua noção de *langue*, oposta a todos os outros sentidos em que a palavra língua pode ser entendida, tanto em sua forma singular como na forma do plural. *Langue* no singular é o que é universal. É a base de todas as línguas passadas, presentes e futuras. É a língua reduzida ao sistema essencial sem o qual os outros aspectos perderiam sua relevância linguística. É por isso que, para Saussure, tal sistema pode formar a base de uma ciência. (Bouissac, 2012, p. 130)

Para avançarmos no entendimento do conceito de *parole* parece-nos importante consultar o caderno de Émile Constantin, aluno que esteve presente na segunda e terceira edição do curso de Linguística Geral ministrado por Saussure. No curso III, na aula do dia 19 de maio de 1911, Constantin anota:

De que maneira a fala se apresenta nessa mesma multidão? Ela é a soma daquilo que as pessoas dizem umas para as outras, isto é, a) combinações individuais, frases, que dependem da vontade do indivíduo e respondem ao seu pensamento individual; b) atos de fonação, que são a execução dessas combinações, igualmente voluntárias. Será que esses atos de fonação e de combinações interiores se correspondem entre si? Existe um ato de fala coletivo dessa multidão? Não. $1+1+1\dots = 1+1+1\dots$ (Saussure, Curso III, Notas de Constantin, 19 de maio de 1911, p. 304)⁵

É interessante perceber que Constantin apontou não existir uma correspondência direta entre as combinações e as execuções. Essa constatação, além de particularizar, individualizar a *parole*, dá margem a uma interpretação que relativiza o peso da substância fônica associada à *parole*. Esses “atos de fonação, que

⁵ A tradução deste trecho, de Maria Ferreira, se deu a partir da edição brasileira do livro “Compreender Saussure a partir dos manuscritos”, de Loic Depecker (2012).

são a execução dessas combinações” ao serem também “voluntários”, vão ancorar-se na(s) materialidade(s) ao dispor do sujeito falante - fônicas e/ou gestuais, ou ainda, gráficas. Contudo, não apenas da *langue* e da *parole* se servem os sujeitos falantes. Ambas integram, no escopo das reflexões saussurianas, um conjunto ainda maior, e mais complexo, a linguagem (*langage*).

DO DOIS AO TRÊS

Além de seguir a decisão terminológica de manter os termos em francês, destacamos também a atenção que Tullio De Mauro dá à “clássica tripartição” *langage-langue-parole*. Ao que tudo indica, o mestre genebrino, ao tratar da abordagem a ser dada à ciência da linguagem, problematizava o objeto em questão sob a ótica dessas três instâncias em causa. É o que lemos na conhecida passagem do Curso de Linguística Geral, no capítulo intitulado “Objeto da Linguística”:

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe inferir sua unidade. (Saussure, 1977, p. 17)

Vemos nesse recorte que, ao tentar definir a *langue* como objeto da linguística, Saussure primeiramente a relaciona à linguagem. Temos aí uma pista importante: a ciência é da linguagem - que é uma faculdade dos humanos, é sua capacidade simbólica - e que a linguagem tem sua versão social (*langue*) e sua versão individual (*parole*). O fenômeno linguístico, portanto, tem

um lado social e um lado individual que são interdependentes. Porém, em função da linguagem ser multiforme e heteróclita e ser simultaneamente constituída por aspectos tão heterogêneos e a *parole* ser da ordem do individual, Saussure reconhece a necessidade de delimitar como objeto aquilo que não é nem tão múltiplo nem tão particular: eis porque, mesmo considerando a tríade linguagem, *langue* e *parole* um todo indivisível, propõe que se tome a *langue* como objeto da linguística.

Será um pouco mais adiante, no mesmo capítulo do CLG, que encontraremos essa nova tentativa de delimitação:

Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas. (Saussure, 1977, p. 23)

Vemos, então, que sendo a linguagem um “aglomerado confuso de coisas heteróclitas” (SAUSSURE, 1977, p. 16), Saussure assume a decisão metodológica de apontar a *langue* como objeto principal da linguística: “é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem” (Saussure, 1977, p. 16-17).

Conforme destacamos nesta seção, o olhar saussuriano pairava sobre três noções, e não apenas sobre duas, como muitas vezes ainda se pensa. Além disso, a abordagem do genebrino apontava sempre para o aspecto integrador dessas três noções. Linguagem, *langue* e *parole* são separadas e conceitualizadas apenas para fins científicos e/ou didáticos, já que como fenômeno são uma coisa só. Ou seja, a tripartição é sugerida por Saussure para que, a partir da consideração da especificidade do objeto, o método pudesse vir também a ser delineado.

QUESTÕES DE MÉTODO

A questão é que Saussure, apesar do esforço teórico-metodológico, deixa claro que a divisão entre *langue* e *parole* é um empenho acadêmico. O fenômeno da linguagem se manifesta nos sujeitos falantes de modo empírico, e a divisão das categorias, por outro lado, será um gesto do pesquisador ao buscar definir e explicar seu objeto.

Trata-se de um tesouro depositado pela prática de fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (Saussure, 1977, p. 21)

Assim, cabe ao linguista, ao pesquisador, considerar prioritariamente em suas reflexões teóricas ou analíticas o estatuto de *parole* ou de *langue*, refletindo sua decisão metodológica e escolhas. Se consideramos o ponto de vista do sujeito falante, linguagem é condição, é sua capacidade simbólica; já *langue* e *parole* são para ele uma coisa só, que talvez seriam até melhor representadas se grafadas de modo que apontasse sua interdependência (*langue-parole*, por exemplo, como proposto por Milano 2017, Stawinski 2020, Milano & Stawinski 2023). De qualquer forma, parece-nos importante sublinhar aqui três constatações extraídas do trecho acima:

- a *langue* é efeito da *parole* (da prática dos indivíduos);
- a *langue* é virtual (portanto, uma criação conceitual do linguista);
- a *langue*, em um indivíduo, está incompleta.

Sobre a *parole*, conforme bem lembram Charles Bally e Albert Sechehaye no “Prefácio à primeira edição” do CLG, ela seria tema de especial atenção do mestre genebrino: “Prometida aos ouvintes

do terceiro curso, esse estudo teria tido, sem dúvida, lugar de honra nos seguintes” (Saussure, 1977, p. 4).

Hoje, nós, leitores do CLG - obra que buscou compilar anotações de Saussure e de alunos que frequentaram seus três primeiros cursos de linguística geral - encontramos pistas importantes da abordagem saussuriana sobre a apropriação individual da *langue*. São muitas as passagens (do CLG, mas não só) em que Saussure se ocupa da *parole*. Já ao nos direcionarmos à definição de *langue* mesmo, na seção “Lugar da língua nos fatos da linguagem” (seção 2, do capítulo sobre o objeto da linguística), vemos que para encontrarmos a *langue* no conjunto da linguagem é necessário nos colocarmos diante do ato individual que permite reconstituir o circuito da *parole*. Sim, visto que a *langue* é virtual, será necessário operar um recorte daquilo que circula entre os sujeitos falantes para que se possa deliberar sobre as unidades com as quais o linguista trabalha:

Sem dúvida, esses dois objetos se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato de fala vem sempre antes (Saussure, 1977, p. 27).

Sendo *langue-parole* separadas apenas didaticamente por Saussure, ainda assim precisamos de pistas concretas para saber afinal com que unidade trabalha o linguista. Seria pertinente considerar distintas materialidades, para evidenciar de que forma(s) a *langue* se consubstancia em *parole*? É o que buscaremos discutir na próxima seção.

QUAL MATERIALIDADE?

A questão trazida neste subtítulo é decorrente do fato de que nós hoje, pesquisando em linguística mais de um século depois de Saussure, não mais precisamos trabalhar para definir a Linguística como ciência e nem a *langue* como seu objeto. Saussure já fez isso!

Hoje, podemos nos fazer outras perguntas, que evidentemente se valem do esteio trazido pela linguística saussuriana, e desdobrando-a, fazendo-a avançar. Ora, em analisando os fatos da linguagem, e seu funcionamento via mecanismo e ordenamento da *langue*, o que é diretamente observável é o produto da realização motora do sujeito falante. Podemos nos perguntar, nesse ínterim, de que maneira a *langue*, sistema de signos, está ligada a esse produto. E uma das questões que vimos pesquisando recentemente surge do entendimento de que a *parole* não tem necessariamente compromisso com a oralidade, com o fônico⁶. E isso já estava apontado em Saussure.

Em se posicionando quanto ao que seria “natural” no homem, há uma passagem no CLG que expressa claramente que “não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua, vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (Saussure, 1977, p. 18). Esse trecho do texto, no original em francês, apresenta um termo complementar à linguagem – falada –, e que na versão para língua portuguesa não aparece: “*ce n’est pas le langage parlé qui est naturel à l’homme, mais la faculté de constituer une langue (...)*” (Saussure, 1972, p. 26 – negrito nosso). Nessa ocorrência, *parole* (fala) diz respeito à realização motora. Como bem observa Normand, “fala designa em Saussure tanto o escrito quanto o oral” (Normand, 2009a, p. 55).

O estatuto da materialidade fônica, do oral, no escopo da linguística saussuriana é discutido em detalhes por Milano (2015; 2016a; 2016b; 2017). Tanto no CLG e nos ELG como também em

⁶ O aspecto fônico das línguas foi a porta de entrada das pesquisas do grupo que integramos, “O rastro do som em Saussure” (vinculado ao PPG Letras UFRGS). No entanto, o fônico produziu desvios e avanços inesperados e vimos surgir inquietações acerca de outras materialidades que não a fônica. Assim, tudo o que se disse sobre o som precisou ser deslocado e pensado sobre a grafia, no caso da escrita, e sobre o gesto, no caso de línguas de sinais e da multimodalidade. Tais pesquisas indicam que a gestualidade e a escrita também podem sustentar uma leitura sobre o não fônico a partir de Saussure (cf. FRYDRYCH, 2013, 2020; OLIVEIRA, 2022).

outras fontes (como no manuscrito *Phonétique*), há pistas de que Saussure dedica especial atenção à materialidade fônica das línguas. No entanto, como apontado de forma recorrente por ele, a materialidade presente na porção significativa do signo linguístico de forma alguma tem caráter substancialista:

Isso é ainda mais verdadeiro no que respeita ao significante linguístico; em sua essência, este não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído, não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras. (Saussure, 1977, p. 138)

É por reconhecermos a importância de indicações como essa no pensamento do genebrino que investimos em pesquisas que buscam também olhar para outras materialidades linguísticas. Então, inspiradas no “fônico porque não fônico”, conforme já anunciado em Milano Surreaux (2013), partimos para a escuta de outras formas de manifestação linguageira.

Em Frydrych (2020) encontramos uma defesa do estatuto linguístico da gestualidade humana, e os caminhos teóricos para uma concepção linguística ao gesto. Justamente uma das implicações em se considerar a gestualidade como linguística, é ela integrar a *parole* saussuriana também, e nesse sentido, o gestual poder ser designado pelo termo *parole*. E não é esta “linguagem” que é natural ao homem. Conforme o CLG: “tudo isso nos leva a crer que, acima desses diversos órgãos, existe uma faculdade mais geral, a que comanda os signos e que seria a faculdade linguística por excelência” (Saussure, 1977, p.18). Ou seja, a “faculdade linguística” da linguagem não tem compromisso com a materialidade que a consubstancia, a torna “concreta”. E é nesse sentido que a teoria saussuriana põe em suspenso a materialidade linguística. No entanto, a materialidade é inescapável ao sujeito falante, e evidentemente ao linguista, uma vez que ela mostra a substância da *langue*.

O objeto concreto de nosso estudo é, pois, o produto social depositado no cérebro de cada um, isto é, a língua. Mas tal produto difere de acordo com os grupos linguísticos: o que nos é dado são as línguas. O linguista está obrigado a conhecer o maior número possível delas para tirar, por observação e comparação, o que nelas exista de universal. Ora, geralmente, nós as conhecemos somente através da escrita. (...) Dessarte, conquanto a escrita seja, por si, estranha ao sistema interno, é impossível fazer abstração dum processo por via da qual a língua é ininterruptamente representada; cumpre conhecer a utilidade, os defeitos e os inconvenientes de tal processo. (Saussure, 1977, p. 33).

Dessa passagem registrada no CLG, depreendemos que, para Saussure, era imperativo que o linguista deveria conhecer o maior número possível de línguas, para, de suas comparações e observações, encontrar aquilo que lhes fosse comum. No entanto, há a ressalva de que, em sua maioria, a forma de se conhecer uma língua é por meio de sua escrita. Ora, como bem aponta Saussure, a escrita traz suas particularidades para a análise, porquanto “estranha ao sistema interno” da *langue*. Conhecer sua “utilidade, defeitos e inconvenientes” é uma das tarefas do linguista, segundo ele. É interessante notar que Saussure distingue “a língua” (sistema), de “as línguas” (idiomas), termo no plural, nesse excerto, assim como as situa em relação à escrita, como “processo” que as mostra.

São leituras como essas que permitem a observação dirigida dos fenômenos, e o conceito de *langue*, especificamente, faz com que encontremos um fio condutor em meio à diversidade, “heteroclicidade” e “multiformidade” da linguagem. Isso não é diferente, por exemplo, da análise dos fatos de linguagem gestuais, quando tomados via mecanismo linguístico. Aí também, o que é diretamente observável é o produto da realização motora corporal. Nesse sentido, os *gestos*, em sua diversidade, pertencem à *parole*, enquanto os *sinais*, que permitem pensar a unidade dos gestos fisicamente mais ou menos dessemelhantes, pertencem à *langue*. Em relação às línguas de sinais, o conceito de “sinal”

permite conduzir a observação dos diversos dados gestuais. Assim, ao considerarmos as línguas de sinais (LS), percebemos que o específico e diferencial desse sistema, está menos na denominação “língua” e mais no “de sinais”, adjetivo que lhe serve de complemento e designador. A LS não tem seu status de *langue* diminuído por isso; muito pelo contrário: ela representa, ou melhor, é prova da heterogeneidade da linguagem, da capacidade simbólica humana, e da potencialidade significativa de tudo o que é do homem e, por conseguinte, o faz humano. A língua de sinais é uma ordem sistêmica que produz e sustenta seus próprios elementos (gestuais). Assim sendo, a língua de sinais oferece uma categorização inteiramente conceitual da realidade – da diversidade de dados gestuais observáveis na *parole* sinalizada, na voz gestual – e se apresenta como um objeto abstrato, uma realidade do pensamento. Assim, conceber as línguas de sinais como *langue*, sistemas de signos linguísticos, significa também levar em conta todas as características desses sistemas, ratificando os princípios que os regem e seu modo de funcionamento.

As línguas, enquanto realidades empíricas são sim, sustentadas por um substrato material; já em se tratando da *langue* enquanto conceito teórico, é na abstração que se fundamenta a “percepção das diferenças”. Nesse sentido, abordar linguisticamente línguas de sinais, por exemplo, é considerar a abstração necessária à percepção das diferenças que a materialidade gestual sustenta. Nesse ínterim, discutir a gestualidade, enquanto potencial materialidade linguística, resulta não mais da necessidade em se determinar o objeto da Linguística, tal como era a necessidade que se apresentava para Saussure ao final do século XIX, mas da necessidade de se compreender o fenômeno linguístico como multimodal, não restrito ao aspecto vocal fônico. Stawinski (2016) argumenta que “a realidade linguística (...) só tem como ser definida a partir do dado concreto, que, na sistemática da língua, não será mais apenas a materialidade sonora, pois o que era puro som passa ao estatuto de significante do que já é signo linguístico” (Stawinski,

2016. p. 34). Ora, é justamente a partir da noção de significante, considerada em relação ao valor, no escopo da teoria linguística saussuriana que encontramos ancoragem para uma abordagem ao aspecto material da *langue*: aspecto esse não exclusivamente fônico/sonoro, mas conformado por qualquer substância que possa ser reconhecida pelos sujeitos falantes.

Por fim, podemos afirmar que a materialidade, qualquer que seja - fônica, gestual, gráfica - por si só não define o significante. Como vimos, na linguística saussuriana há todo um conjunto de conceitos e noções que, interligados, conduzem à uma concepção de *langue*. Nesse sentido, concordamos com Normand (2009b) quando diz que a *langue* é um objeto concreto, abstratamente definido. Isso fica evidente quando Saussure, por exemplo, analisou, ou mesmo exemplificou algum aspecto linguístico em suas reflexões, porque ele se valeu da substância “enformada” ou “formatada”, significada (tornada signo): ele recorreu a exemplos de fonemas/palavras de línguas diversas e até mesmo à materialidade da escrita para evidenciar os princípios linguísticos que buscava definir. Um hipotético diálogo entre Saussure e seus colegas comparatistas, tecido por Normand, ilustra a preocupação que ele teria em compreender a “formatação” do conceito de *langue*:

Vocês descrevem, detalham, classificam alguma coisa cuja natureza não conhecem. Vocês descobrem cada vez mais detalhes, mas não sabem o que fazem. Vocês comparam muitas línguas, vivas ou mortas, traçam sua história, mas já se perguntaram o que é a língua?

-A linguagem?

-Não! A LÍNGUA! O que se deve supor presente nas falas, que faz com que ela seja diferente de ruídos, cantos de pássaros ou trovão.

-Mas essa presença, ela não é o pensamento?

-Sem dúvida, mas sob que forma? Como o caroço da azeitona? Como o sangue nas veias? Como o Corpo Santo na hóstia? Compreendam que “qualquer um que põe o pé no terreno da *língua*

pode se dizer abandonado por todas as analogias do céu e da terra” (Normand, 2009b, p. 199).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma analogia que cabe ser feita, à guisa de fechamento para este capítulo, pode ser a comparação entre o que até aqui apresentamos, da forma como o fizemos, com o abrir de uma caixa de quebra-cabeças e o ato contínuo de espalhar suas peças sobre a mesa. *Langue* e *parole* são duas, dentre tantas outras peças presentes na reflexão linguística saussuriana. Talvez a analogia com um mosaico a representasse melhor...! Pois bem, seguindo o conselho de Saussure imaginado por Normand, abandonamos essa tentativa para concluir enfatizando o quão profícuas são as noções de *langue* e *parole* no escopo da teoria saussuriana.

Ao marcarmos a ocorrência dos termos como em francês demos destaque aos conceitos saussurianos mobilizados, e diminuímos o risco da interpretação, por exemplo, de *parole* como “realização oral da língua”. Inclusive a consideração da materialidade gestual como linguística é consequência dessa compreensão. Ainda que distintas, *langue* e *parole* formam uma tríade (sim, porque integrantes da linguagem!) específica para calcar a compreensão do fenômeno linguístico em relação a quem mais importa: o sujeito falante. É ele quem, em sua atividade languageira, através da escuta⁷, atualiza individualmente o sistema virtual coletivo do qual se apropria, ou seja, é ele quem faz da distinção (teórica e conceitual) entre *langue* e *parole*, *langue-parole*.

⁷ A noção de escuta linguística a partir de uma abordagem saussuriana é tema central da tese de Stawinski (2020), mas também repercute nas discussões e nas publicações dos demais integrantes de nosso grupo de pesquisa. Assim como a noção de *parole*, “escuta” no íterim de nossas leituras, é um termo mais complexo do que a noção fisiológico-acústica, visto que ela pressupõe o papel ativo do interlocutor (o sujeito B do circuito da *parole*). Nesse sentido, a escuta pode ser de elementos fônicos, gráficos ou gestuais.

Há mais de um século atrás, Ferdinand de Saussure refletia sobre noções e conceitos que careciam de definições, delimitações, e em última análise, de validação científica. Agora que não estamos mais diante da necessidade de definir o “objeto da linguística”, e nem de comprovar-lhe o estatuto científico, avançamos na análise de conceitos que se fazem pertinentes à reflexão linguística contemporânea. O presente século nos apresenta novas (ou mesmo renovadas) questões e problemáticas concernentes aos sujeitos falantes, sobre o que falam e como falam; o plurilinguismo se faz presente e a multimodalidade linguística alcança a maioria (para não dizer todas) as esferas de nossa sociedade. Um olhar atento a isso, e que se vale do legado saussuriano, resulta de saber quais peças se tem em mãos. E *langue* e *parole* são peças fundamentais.

REFERÊNCIAS

- BOUISSAC, Paul. *Saussure: um guia para perplexos*. Tradução Renata de Gaspar Nascimento. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.
- BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. Tradução de Carlos Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2000.
- DEPECKER, Loic. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.
- FRYDRYCH, Laura. *O estatuto linguístico das línguas de sinais: a libras sob a ótica saussuriana*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/81382>
- FRYDRYCH, Laura. *A essência dupla da linguagem: materialidade gestual em questão*. Porto Alegre: UFRGS. Tese de Doutorado, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/217765>
- MILANO, Luiza. Fonético e fonológico em Saussure: o lugar do fônico no Curso de Linguística Geral. *EUTOMIA*. Vol. 1, nro 16, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/1945>

MILANO, Luiza. O que cabe em um signo linguístico? O caso do fonema. *EUTOMIA*. Vol. 1, nro 17, 2016a. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/2095>

MILANO, Luiza. O fônico em Saussure: um apêndice do Curso de Linguística Geral? In: FARACO, C. A. *O efeito Saussure: cem anos do Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Parábola, 2016b.

MILANO, Luiza. Le statut du phonique dans le CLG. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, Genebra, n. 70, p. 85-100, 2017.

MILANO, Luiza; OTTARAN, Elisa Devit. A contribuição da linguística italiana para os estudos saussurianos. *Revista ReVEL*, edição especial, vol. 20, n. 19, 2022. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/pt/edicoes/?id=62>

MILANO, Luiza; STAWINSKI, Aline. *O rastro do som em Saussure*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2024. (no prelo)

NORMAND, Claudine. *Saussure*. Tradução de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009a.

NORMAND, Claudine. *Convite à Linguística*. Tradução de Cristina Birck et al. São Paulo: Contexto, 2009b.

OLIVEIRA, Rosana. *O signo multimodal: uma leitura saussuriana*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/238374>

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye; colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1977.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique préparée par Tullio De Mauro. Paris: Payot, 2005.

SILVEIRA, Eliane. 2013. O lugar do conceito de fala na produção de Saussure. In: *Saussure: a invenção da linguística*. FIORIN, J. L., FLORES, V. N., BARBISAN, L. B. São Paulo: Contexto, 2013.

STAWINSKI, Aline. *O aspecto fônico da língua: uma reflexão sobre o lugar do ouvinte na proposta Saussuriana*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado, 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/140177>

STAWINSKI, Aline. *À escuta da langue-parole: considerações a partir da teoria saussuriana*. 2020. 186 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/217016>

SURREAUX, Luiza Milano. O rastro do som em Saussure. *Nonada*, 20 (1): 285-295, 2013.

Capítulo 2

O QUE É UM SISTEMA EM SAUSSURE?

Micaela Pafume Coelho¹

INTRODUÇÃO

Embora o objetivo deste texto seja trazer reflexões acerca da pergunta que o intitula, desde já adiantamos: essa pergunta não tem resposta. Aliás, essa pergunta não tem resposta, se buscarmos encontrar uma resposta direta, clara e categórica, proveniente do Curso de Linguística Geral (CLG) e com a marca registrada de autoria de Ferdinand de Saussure, tal como aquelas máximas que circulam na internet, grafadas ao lado da foto de seu autor.

Porém, o que podemos fazer para buscar compreender o que é um sistema linguístico para Saussure é um ato bastante simples: ler o CLG. É claro que, na atualidade, há outras fontes documentais que nos permitem acessos diversos às ideias saussurianas: os inúmeros manuscritos² herdados do mestre, as edições dos cadernos de anotações³ dos estudiosos que participaram de seus cursos ministrados entre 1907 e 1911, as

¹ Doutora em Estudos Linguísticos. Professora do Instituto Federal de Mato Grosso, cedida para o Ministério do Trabalho e Emprego. E-mail: micaelapafumecoelho@gmail.com.

² Por exemplo, os manuscritos dedicados às conferências que ele ministrou na Universidade de Genebra (cf. Saussure, 1891)

³ Os cadernos de É. Constantin são um grande exemplo dessas anotações (cf. Saussure, 1996).

edições críticas⁴ que nos fornecem interpretações e referências para irmos além daquilo que é colocado no CLG, e outras mais. Essas fontes são tão válidas quanto o CLG.

Apesar disso, o que propomos aqui é a leitura do livro que popularizou as ideias daqueles que consideramos como o fundador da Linguística Moderna (ao menos nos cursos de Letras, Linguísticas e em outras licenciaturas e cursos superiores congêneres). É por esse motivo – pelo fato de ser o “carro-chefe”, o “cavalo de batalha” da introdução da teorização saussuriana – que proponho essa leitura. Por isso, e também pelo fato de que, muitas vezes, os professores optam por deixar a fonte de lado e introduzir Saussure por meio de comentadores, sejam eles secundários (os que comentam a obra em si), sejam eles terciários (os que comentam os comentários de quem comenta a obra em si).

Assim, para que esse processo de leitura que propomos funcione, é necessário que o leitor deste texto esteja munido do CLG, para que vá até os trechos indicados e faça sua própria interpretação e análise, para além das interpretações e análises aqui fornecidas. Assim, será possível construir uma pluralidade de perspectivas, que ora poderão convergir, ora poderão se exceder ou até mesmo divergir. Com isso, contribuiremos para a manutenção da diversidade que a teorização de Saussure proporciona, por não ser teleológica ou categórica, muito embora se mantenha consistente e, ao mesmo tempo, aberta a constantes descobertas e reafirmações.

OS SENTIDOS DA NOÇÃO DE SISTEMA NO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

O sistema consiste em uma noção central para a teorização Saussuriana. A própria definição do objeto da linguística, amplamente reconhecida na frase “a língua é um sistema de

⁴ As edições críticas de Tullio de Mauro e de Rudolf Engler são duas das mais consagradas (cf. Saussure, 1967 e Saussure, 1968).

signos”, demanda que compreendamos essa noção, para que possamos conceber um conceito de língua. No CLG, o sistema aparece repetidas vezes e, majoritariamente, em pontos cruciais da obra – principalmente nas partes consideradas por muitos como a “contribuição original” de Saussure⁵.

Especificamente, a partir de uma análise atenta da edição, é possível notar que o sistema constitui o conteúdo do CLG em quatro principais momentos: i) nos trechos que visam apresentar a definição de língua e, conseqüentemente, também uma diferenciação entre os termos “língua, “linguagem” e “fala”; ii) no tratamento do princípio da arbitrariedade; iii) na constituição do princípio do valor linguístico; e iv) nas elaborações acerca das abordagens sincrônica e diacrônica da língua. Neste texto, não nos ateremos a todos esses momentos, pois buscamos uma leitura do CLG que se deixe levar pela noção de sistema em si, e que considere os demais elementos apenas quando eles se impuserem.

Em respeito a isso, iniciamos nossa leitura por um trecho do terceiro capítulo da Introdução, intitulado “Objeto da Linguística”, que consiste em um dos primeiros momentos do CLG em que a noção de sistema aparece. Nele, temos a seguinte afirmação:

[...] poder-se-ia dizer que não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua, vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas. (Saussure, 2006 [1916], p. 18).

Essa asserção é proveniente de uma crítica acerca do posicionamento de Whitney: Saussure se afasta do autor quando ele se posiciona sobre a aleatoriedade da definição do aparelho vocal como meio para exercício da linguagem, mas se aproxima dele, no que tange à sua perspectiva acerca do aspecto

⁵ Geralmente, as partes do CLG consideradas como responsáveis por apresentar a contribuição original de Saussure são a Introdução, a Primeira Parte e a Segunda Parte.

convencional da língua. E é por se aproximar desse segundo ponto defendido por Whitney que Saussure determina que, na verdade, o que é natural ao homem é a faculdade de constituição de uma língua. Nesse momento, Saussure define uma língua como um sistema de signos⁶ e ideias. Nota-se que, nessa primeira utilização do termo “sistema”, ele já aparece de forma relacionada a uma definição preliminar do conceito de língua.

Há uma questão terminológica que deve ser considerada nesse trecho e em alguns outros do CLG: o termo “signos” designa, na verdade, as imagens acústicas ou significantes, e o termo “ideias” designa os conceitos ou significados. Ademais, vale também ressaltar a utilização do termo “uma”, antes da palavra língua, que levanta um questionamento possível: haveria, aqui, a menção a uma língua específica – isto é, um idioma – ou tratar-se-ia da língua enquanto funcionamento geral – isto é, o objeto de estudo da Linguística?

Dando prosseguimento à nossa leitura do CLG em busca de reflexões acerca da definição do sistema em Saussure, destacamos um outro momento do CLG em que o sistema ajuda a compor a conceituação da língua:

Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde essas duas partes do signo são igualmente psíquicas (Saussure, 2006 [1916], p. 23).

Nessa nova procura por delimitar o objeto de estudo da Linguística, Saussure o estabelece como um sistema de signos, e esses signos não são mais considerados como elementos que exprimem ideias: são um lugar que abriga, de essencial, apenas a união de seus elementos componentes. Aqui, encontram-se

⁶ Uma discussão mais aprofundada sobre essa questão pode ser encontrada em Coelho (2015).

distinguidos, entre si, os conceitos (não necessariamente os termos) de signo, significado (sentido) e significante (imagem acústica).

Essa distinção atesta um afluxo na teorização de Saussure, tal qual a noção de movimento criada e sustentada por Silveira (2007). Assim como a autora, entendemos esse afluxo (esse movimento) de forma que se afasta de um desenvolvimento linear, que inicia com dúvidas e indecisões e chega a um ponto em que todos os termos e conceitos se encontram bem definidos e delimitados. Essa mobilidade permite reconsiderações e reconstruções de ideais, mas, mesmo assim, possibilita a construção de uma teorização consistente.

Os contextos em que o uso do termo “sistema” está inserido, nos trechos do CLG lidos até agora, nos propicia a compreensão de que a noção de sistema está intimamente relacionada ao aparato de funcionamento da língua. Essa compreensão é ainda reforçada pelo seguinte trecho da edição: “Nossa definição de língua supõe que eliminemos dela tudo que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema, numa palavra: tudo quanto se designa pelo termo ‘Linguística externa’”. (Saussure, 2006 [1916], p. 29).

É dito, na literalidade, que o sistema é o organismo da língua. A partir disso, depreendemos que o sistema pode ser considerado como o conjunto de elementos e mecanismos que, em funcionamento mútuo, possibilitam que a língua se estabeleça da forma como concebida por Saussure. Nessa perspectiva, a língua se estabelece como um modo de funcionamento geral, um alicerce que permite a existência de todos os idiomas existentes no globo.

Embora essa compreensão da noção de sistema seja perfeitamente possível a partir da leitura do CLG, também é possível compreendê-la de outro modo. No trecho que leremos a seguir, é verifica-se uma bifurcação dessa noção sobre a qual procuramos refletir. Contudo, antes de apresentá-lo, precisamos contextualizá-lo.

O valor linguístico consiste, assim como o sistema, em um dos elementos centrais das elaborações saussurianas. No CLG, Saussure destaca o valor como princípio indispensável a todas as

ciências cujo objeto deva ser estudado a partir de dois eixos: i) o das simultaneidades, “concernente às relações entre coisas coexistentes, de onde toda intervenção do tempo se exclui”; e ii) o das sucessões, “sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações” (Saussure, [1916] 2006, p. 95). Assim, o linguista considera que:

Para as ciências que trabalham com valores, tal distinção se torna uma necessidade prática e, em certos casos, uma necessidade absoluta. Nesse domínio, pode-se lançar aos estudiosos o desafio de organizarem suas pesquisas de modo rigoroso, sem levar em conta os dois eixos, sem distinguir o sistema de valores considerados em si, desses mesmos valores considerados em função do tempo (Saussure, 2006 [1916], p. 95).

Essa reflexão faz parte do capítulo “A Linguística estática e a Linguística evolutiva” do CLG. Entre as ciências que trabalham com valores, sobre as quais Saussure discorre, se encontra, obviamente, a Linguística – dado que o valor linguístico consiste em um dos princípios fundamentais da Linguística saussuriana. Em face disso, o uso da noção de sistema, no momento destacado acima, é feito de forma atrelada à noção de valor (isso pode ser notado pela utilização da expressão “sistema de valores”). A partir disso, são estabelecidas duas formas de se considerar o que entendemos que seja o fato linguístico: i) como o sistema de valores em si e ii) como os valores (que emanam desse sistema) através do tempo.

Essas duas perspectivas podem ser entendidas, respectivamente, como a ótica sincrônica e a ótica diacrônica de abordagem da língua. Assim, uma vez que, no trecho apresentado, a perspectiva sincrônica é definida como um “sistema de valores”, revela-se um vínculo existente entre a noção de sistema e a de estado de língua, tal como sustentado por Gadet: “um sistema é um equilíbrio em um momento dado de evolução

de uma língua, um ‘estado de língua’ em que entre em jogo tudo o que um locutor tem à sua disposição para falar”⁷ (Gadet, 1987, p. 54, tradução nossa).

Ao aprofundarmos a leitura do trecho do CLG em análise, destacamos que, para se referir à perspectiva sincrônica, ou seja, ao eixo a partir do qual é possível considerar a língua independentemente de sua história, Saussure utiliza a expressão “sistema de valores”. Todavia, para se referir à perspectiva diacrônica, o linguista abandona o termo “sistema” e utiliza apenas a palavra “valores” para indicar o objeto que deve ser estudado, em função do tempo, para que se compreenda a historicidade da língua. Retomemos:

pode-se lançar aos estudiosos o desafio de organizarem suas pesquisas de modo rigoroso, sem levar em conta os dois eixos, sem distinguir o **sistema de valores** considerados em si, desses mesmos **valores** considerados em função do tempo (Saussure, 2006 [1916], p. 95, grifo nosso).

Em face disso, pode-se pensar que, quando se estuda a língua sob o ponto de vista sincrônico, a noção de sistema parece imperar; por outro lado, ao considerá-la diacronicamente, essa mesma noção parece não ser mais tão indispensável. Não obstante, com base nesse pensamento, resta uma questão a ser feita: é possível que haja relações de valores que operem fora de um sistema?

A expressão “sistema de valores” é utilizada, também, quando Saussure estabelece uma analogia entre o funcionamento da língua e o quadro de regras de um jogo de xadrez – ambos entendidos, pelo linguista, como sistemas em que a noção de valor se mostra como imperativa.

⁷ « *Un système est un équilibre à un moment donné de l'évolution d'une langue, un 'état de langue' où joue tout ce qu'un locuteur a à sa disposition pour parler* ».

Mas de todas as comparações que se poderiam imaginar, a mais demonstrativa é a que se estabeleceria entre o jogo da língua e uma partida de xadrez. De um lado e de outro, estamos em presença de um sistema de valores e assistimos às suas modificações. Uma partida de xadrez é como uma realização artificial daquilo que a língua nos apresenta sob forma natural (Saussure, 2006 [1916], p. 104).

Como é possível observar, enquanto, no jogo de xadrez, os valores são estabelecidos artificialmente e determinados por regras criadas por meio de convenções sociais comuns, na língua, os valores são apresentados espontaneamente – o que entendemos que ocorra devido ao fato de que a língua possui, segundo Saussure, uma ordem própria: “a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria” (Saussure, 2006 [1916], p. 31).

Esse entendimento é ainda reforçado pela leitura do seguinte trecho da edição:

Existe apenas um ponto em que a comparação falha: o jogador de xadrez tem a **intenção** de executar o deslocamento e de exercer uma ação sobre o sistema, enquanto a língua não premedita nada; é espontânea e fortuitamente que suas peças se deslocam – ou melhor, se modificam (Saussure, 2006 [1916], p. 105, grifo original).

Nessa leitura, não podemos deixar de notar que, ao admitirmos o fato de existirem modificações e/ou deslocamentos em um sistema de língua, consideramos esse sistema enquanto um estado de língua. Isso porque o sistema em si, considerado enquanto alicerce que rege o funcionamento da língua, não se modifica ao longo do tempo; ou seja, a língua funciona sempre da mesma forma: por meio das relações opositivas estabelecidas entre os elementos do sistema. Esses elementos, por sua vez, são e serão sempre unidades arbitrárias (ou relativamente arbitrárias), negativas, que não possuem nenhuma característica dada de antemão, e que estabelecem, entre si, relações de valor,

constituindo-se sempre em oposição a cada um dos elementos no sistema.

Em contrapartida, o sistema considerado enquanto estado de língua se modifica – isto é, o estado de uma língua, analisado comparativamente a um estado posterior dessa mesma língua, apresentará modificações. São essas modificações que permitem que a língua apresente um caráter evolutivo, ao mesmo tempo em que também apresenta um caráter estático.

Essas duas formas (evolutiva e estaticamente, ou diacrônica e sincronicamente) de se considerar o objeto da Linguística e, conseqüentemente, o sistema que o rege, referem-se exatamente aos dois eixos mencionados anteriormente, a partir dos quais se concebem todas as ciências que lidam com valores. Trata-se de duas possibilidades distintas, mas não excludentes, de se considerar um mesmo objeto. Dito de outro modo, a visão sincrônica da língua não impossibilita a sua visão diacrônica; ao contrário, no nosso entendimento, essas duas visões se estabelecem como óticas complementares, dado que o sistema (entendido como funcionamento da língua) consiste no mecanismo que permite a existência do sistema de valores (entendido como um estado de língua).

A partir dessa compreensão, que emana da leitura do CLG que buscamos prover até agora, ressalta-se a relevância da noção de negatividade como peça fundamental para tecer reflexões acerca da noção de sistema. Segundo Saussure,

em lugar de *ideias* dadas de antemão, [há] *valores* que emanam do sistema. Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas **negativamente por suas relações com os outros termos no sistema**. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são (Saussure, 2006 [1916], p. 136, grifo em itálico original, grifo em negrito nosso).

O signo linguístico é negativo (ou seja, esvaziado de características intrínsecas), pois não pressupõe a existência de ideias preestabelecidas, nem de imagens acústicas dadas previamente. As ideias (conceitos, significados...) só se ligam a um significante, constituindo o signo, a partir do sistema, por meio de relações opositivas e diferenciais estabelecidas entre si. Essa noção de negatividade, atrelada às noções de diferença e de oposição, permite que haja a única definição direta de sistema encontrada por nós no CLG. No entanto, assim como ressalta Milner (2002, p. 29), nessa definição, não é o termo “sistema”, tomado isoladamente, que é definido, mas a expressão “sistema linguístico”:

Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de um certo número de signos acústicos com outras tantas divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores; e é tal sistema que constitui o vínculo efetivo entre os elementos fônicos e psíquicos no interior de cada signo (Saussure, 2006 [1916], p. 139-140).

Nota-se que essa definição da expressão “sistema linguístico” envolve diretamente grande parte das noções do quadro teórico saussuriano que se relacionam à noção de sistema ao longo do CLG. São elas: a ideia de relação, diferença, oposição, associação e signo linguístico. Contudo, mais do que isso, com base nessa definição, podemos notar que a noção de sistema pode estar vinculada, ao mesmo tempo, tanto ao funcionamento da língua quanto à noção de estado de língua.

Afirmamos isso, pois, se o sistema linguístico é “uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias”, então, nada impede que se entenda o sistema linguístico não só como um modo de funcionamento geral, mas também como um estado de língua – que é o extrato dessa combinação de diferenças, traduzido no estado de uma língua particular. Isso

porque, quando considerado apenas como uma combinação de sons e ideias, ou seja, como uma série de signos, o sistema reflete a associação proporcionada pela relação de oposição e negatividade dos elementos da língua em um determinado espaço de tempo – associação essa que pode ser compreendida como uma generalidade ou como um retrato de um idioma.

Entretanto, embora sejam formas distintas de se compreender a noção de sistema, não cremos que seja possível considerá-las como formas excludentes. Portanto, como já afirmamos, é possível afirmar que um sistema se refere, ao mesmo tempo, a um estado de língua e ao mecanismo de funcionamento da língua. Ademais, com base na leitura do CLG que nos propomos realizar, é possível compreender que a noção de sistema é parte fundamental do movimento de teorização de Saussure, uma vez que o acompanha na sua trajetória de delimitação da língua, dos signos e de seus elementos componentes – ao passo que também depende dessas delimitações para que seja circunscrito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do questionamento que intitula este texto – “O que é um sistema em Saussure?” – propusemos uma leitura do CLG guiada pela busca da noção de sistema. Com essa leitura, procuramos mostrar de que forma Saussure se utiliza dessa noção para conceituar a língua e seus elementos componentes, colocando o sistema como um dos elementos centrais de suas elaborações. Ao mesmo tempo, essa leitura nos propiciou observar que esses elementos atuam em contrapartida, compondo a delimitação do sistema que é possível extrair do CLG. Isso evidencia uma reciprocidade na delimitação dos princípios que integram a teorização saussuriana, estabelecendo, desse modo, uma via de mão dupla.

No que tange especificamente à definição da noção de sistema, encontramos apenas um trecho da edição dedicado a defini-la diretamente. Em concordância com o trecho encontrado,

foi possível notar que a compreensão da noção de sistema oscila entre a possibilidade de apreendê-la como um estado de língua e a possibilidade de tomá-la como um modo de funcionamento, ou seja, um mecanismo. Não obstante, essa oscilação se apresenta, para nós, como maneiras diferentes de se considerar o mesmo objeto; por isso, entendemos que esses dois pontos de vista não são excludentes, mas complementares.

Por meio dessa leitura guiada da edição em busca da noção de sistema, esperamos ter provido uma via de acesso a essa densidade teórica que constitui o arcabouço saussuriano. Nosso objetivo consistiu em encorajar a leitura da obra, iniciada por passos pequenos, mas que, quando bem direcionados, podem levar a uma compreensão preliminar do todo, promovendo o enfrentamento da complexidade teórica que permeia as elaborações de Saussure.

REFERÊNCIAS

COELHO, M. P. *A noção de sistema na fundação da Linguística Moderna*. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2015.

COELHO, M. P. *A trajetória de elaboração da noção saussuriana de sistema*. Domínios de Linguagem, v. 12, n. 1, p. 396-434, 2018. <https://doi.org/10.14393/DL33-v12n1a2018-14>.

COELHO, M. P. *Caminhos e retornos: estratégias de abordagem de documentos saussurianos*. Revista Leitura: Novo retorno a Saussure, Maceió, v. 1, nº 62, p. 394-414, 2019.

GADET, F. *Saussure: une science de la langue*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. 2^e e tirage. Genève : Librairie Droz, [1957] 1969.

MILNER, J-C. Le périple structural : Figures et paradigmes. Paris : Seuil, 2002.

SAUSSURE, F.; *Première conférence à l'Université* (cours d'ouverture, novembre 1891). In : *Papiers Ferdinand de Saussure*, 3951/1. Bibliothèque de Genève, 1891. 30 f.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Cours de linguistique general. Charles Bally e Albert Sechehaye (org.), com a colaboração de Albert Riedlinger, [1916].

SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale - Édition critique préparé par Tullio de Mauro*. Paris: Payot, 1967.

SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale. Édition critique par Rudolf Engler* (Tome 1). Wiesbaden: Harrassowitz, 1968.

SAUSSURE, F. *Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911): d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin*. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1993.

SAUSSURE, F. *Première Cours de Linguistique Générale (1907): d'après les cahiers d'Albert Riedlinger / Saussure's first course of lectures on general linguistics (1907): from the notebooks of Albert Riedlinger*. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by George Wolf. Pergamon Press, 1996.

SAUSSURE, F. *Deuxième Cours de Linguistique Générale (1908-1909): d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois/ Saussure's second course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Albert Riedlinger and Charles Patois*. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by George Wolf. Pergamon Press, 1997.

SILVEIRA, E. M. As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística. 2003. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.

SILVEIRA, E. M. As marcas do movimento se Saussure na fundação da Linguística. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

Capítulo 3

A NOÇÃO SAUSSURIANA DE SISTEMA LINGUÍSTICO EM MODELOS VETORIAIS DE LINGUAGEM (MVLS)

Leonardo Giamarusti ¹

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, busco, em primeiro lugar, a partir de concepções de Ferdinand de Saussure sobre a língua como um sistema de signos linguísticos (Saussure [1916], 2012), refletir sobre o possível papel da linguística saussuriana para o desenvolvimento de novas tecnologias, em especial sua possível articulação com algumas técnicas de Processamento de Linguagem Natural (PLN) (Freitas, 2023) utilizadas em Inteligências Artificiais Generativas² no século XXI.

Os estudos em PLN não são algo recente e são concomitantes ao próprio surgimento do computador entre as décadas de 40-60

¹ Graduado em Letras - Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU, 2022) e mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos na mesma IES. Possui experiência em pesquisas relativas à história das ideias linguísticas e à epistemologia linguística. Tem interesse por áreas que envolvem os estudos saussureanos e sua pertinência para a século XXI. Pesquisa sobre as possíveis influências do pensamento saussuriano no século XX para o desenvolvimento de técnicas de Processamento de Linguagem Natural (PLN) para Inteligências Artificiais generativas, no século XXI, como o ChatGPT.

² Inteligência Artificial Generativa é o nome dado às IAs que conseguem gerar produtos, sejam eles textos, imagens, músicas etc.

(Jurafsky; Martin, 2008). E, desde o seu surgimento, nota-se a importância da ciência linguística para a consolidação e aplicação do Processamento de Linguagem Natural.

Sobre isso, Jurafsky e Martin (ibidem) pontuam a importância da gramática gerativa de Chomsky (1955) para o fortalecimento das primeiras técnicas de PLN, principalmente as suas ideias de que, com finitas regras, é possível gerar, por natureza, infinitas sentenças:

Chomsky primeiro considerou as máquinas de estados finitos como uma forma de caracterizar uma gramática e definir a linguagem de estados definidos como uma linguagem gerada pela gramática de estados finitos. Esses primeiros modelos levaram ao campo da teoria da linguagem formal, que usou álgebra e teoria dos conjuntos para definir linguagens formais como sequências de símbolos. (Jurafsky; Martin, 2008, p. 09, grifo dos autores, tradução nossa).

Em primeira análise, chamou-me³ a atenção, inclusive, o termo escolhido pelo autor para referir-se à teoria chomskyana, adjetivando-a com o título de “teoria formal da linguagem”. Afinal, o que se pretende uma teoria formalista para a Linguística. Ao refletir sobre isso, indubitavelmente, recorri a Aurox (1968), partilhando do mesmo questionamento do autor: mas o que é uma ideia linguística?

Concordo com Aurox (ibidem), de modo que defendo uma delimitação de ideia linguística que compreenda o saber linguístico como construído a partir de reflexões metalinguísticas; isto é, a linguagem em função da própria linguagem. Quanto ao formalismo, aproximo-me do que argumenta Neves (1997), a qual considera uma corrente formalista aquela cujo objeto resida no aspecto formal da(s) língua(s).

³ Faço uma observação ao meu leitor de que, neste trabalho, propositalmente, escolhi me valer da primeira pessoa pelo meu objetivo de apresentar algumas reflexões que nasceram de interpretações particulares sobre a possível relação entre Saussure e Inteligências Artificiais Generativas de texto..

Nesse sentido, a proposição de Maria Helena de Moura Neves, atrelada à concepção de ideia linguística de Aurox (1968), parece ressaltar uma lacuna argumentativa na afirmação que fazem Jurafsky e Martin (2008) sobre Chomsky como o precursor de uma teoria formalista da linguagem.

Ora, se assumimos que uma corrente formalista se faz por meio de reflexões que retomam à natureza da linguagem, admitimos, por consequência, que a língua é forma, não substância (Saussure [1916], 2012). E, se assim nos posicionamos, irrefutavelmente deve-se retomar à Linguística Geral de Ferdinand de Saussure, uma vez que é o mestre genebrino quem argumento ter dado os primeiros passos rumo a uma descrição formal do que se pode entender por natureza linguística⁴, o que lhe permitiu delimitar uma ciência - a Linguística Moderna (Flores, 2023; Silveira, 2022); ciência esta que possui um método, o sincrônico; e um objeto⁵, a *langue* (língua).

Contudo, tais reflexões não anulam a importância da linguística chomskyana para o desenvolvimento do Processamento de Linguagem Natural. Porém, ao assumirmos Saussure como também um dos precursores de uma vertente de análise formalista, possibilitamos novos olhares sobre a contribuição da ciência linguística para o aprimoramento do PLN.

Para além de entender a língua como uma forma, outras propostas da linguística saussuriana, cada vez mais, parecem demonstrar uma afinidade com algumas técnicas de

⁴ Vale dizer que não assumimos que Saussure “inventou” a Linguística, até porque não desconsidero as célebres universalidades linguísticas de Herman Paul, Whitney e Humboldt na gramática comparada. Contudo, defendo que Saussure pôde ressignificar alguns desses fundamentos, demarcando um lugar especial à noção de sistema em sua teoria, o que lhe conferiu, posteriormente, o título de genitor de uma Linguística Moderna.

⁵ Embora o objeto da Linguística, como relembra Saussure (2012 [1916]), não seja dado de antemão, infere-se que o objeto ao qual o mestre genebrino se refere no CLG é a língua como um sistema de signos linguísticos no seio da vida social. Para complementar esta observação, sugere-se conferir o capítulo III “Objeto da Linguística” (Saussure [1916], 2012), p.40-49.

Processamento de Linguagem Natural, como nos sugere o funcionamento de Modelos Vetoriais de Linguagem (MVLs) (Mikolov et al, 2017).

Os MVLs, em resumo, são uma técnica de PLN que transforma os signos linguísticos em sequências numéricas (vetores) que podem ser compreendidas pelo computador para gerar textos, como faz, por exemplo, inteligências artificiais generativas, como o ChatGPT.

Para isso, porém, parece fundamental o entendimento de que as línguas são organizadas sistematicamente. Mais do que isso, o que sugiro é que, em MVLs, admite-se tal organização por meio de um sistema linguístico de valores relativos negativos e positivos (Saussure [1916], 2012). Mikolov et al (2017), ao proporem seu modelo vetorial de linguagem, assumem a ideia lógica de que uma sequência numérica só pode ser compreendida pela máquina se sua numeração for suficientemente distintiva das outras, o que nos revela uma possível articulação com a proposta saussuriana para língua, a saber, as relações de ausência e presença do sistema: “a característica mais exata dos signos é ser o que os outros não são” (Saussure [1916], 2012, p.164).

Dito isso, neste capítulo, à luz dos estudos saussurianos (Silveira, 2007; 2009; Coelho, 2015; Marques, 2016; Flores, 2023), proponho uma possível articulação entre o que se entende por sistema linguístico em Saussure com o funcionamento de modelos vetoriais de linguagem, de modo que me apoiarei em reflexões sobre o amadurecimento da noção de sistema linguístico a partir da Linguística Geral de Ferdinand de Saussure, valendo-me do CLG como minha principal fonte saussuriana.

Além disso, interessa também entender como a noção de sistema se desdobrou ao longo da tradição da linguística, recebendo diferentes abordagens e novas interpretações, como a proposta de sistema associado à teoria do valor (Normand, 2009) e o tripé epistemológico de Coseriu (1973 [1952]) sistema, norma e fala.

Com isso, espero sensibilizar os interessados a um despertar (Foucault, 1966) para a influência que Ferdinand de Saussure

pode exercer, nos dias de hoje, para o desenvolvimento de modelos de linguagem natural para inteligências artificiais generativas, evidenciando que a linguística saussuriana é, além de atualizável, uma fonte inesgotável de pesquisa.

SISTEMA EM SAUSSURE: ESMIUÇANDO O CLG

Ao propor o recorte clássico entre Linguagem, Língua e Fala, que assinalou a ideia de que *o ponto de vista cria o objeto*, Saussure dá os primeiros passos rumo à uma Linguística Moderna (Silveira, 2007). Por moderno, porém, não me refiro exatamente a uma “inovação”, mas a um fazer linguístico que, até o momento, diferenciava-se dos seus antecessores da gramática comparada, como bem relembra Normand (2011), quando nos diz que foi Saussure quem: “permitiu livrar dos bloqueios da gramática comparada e da Linguística histórica” (p.13).

A ideia de que a linguagem é “multiforme e heteróclita” (Saussure, 2012 [1916], p.17), sendo a língua e a fala partes de um todo, contribui para uma questão basilar para se compreender o percurso teórico de Saussure: a noção de relação (Marques, 2016). Para Marques, a ideia de relação perpassa todos os pressupostos saussurianos, atravessando, inclusive, o que se entende por sistema linguístico. Ou seja, embora linguagem, língua e fala não se confundam, elas também não se excluem.

As dicotomias saussurianas, como são chamadas as escolhas didáticas de Saussure pela maioria dos manuais acadêmicos de Linguística até hoje, não são máximas opostas: um termo não exclui o outro; pelo contrário, defendo que o tema da exclusão, nos estudos saussurianos, é bastante contraditório.

Ao descrever sua visão para a língua, a essência da relação é notável (Marques, 2016). Isso porque o mestre genebrino assinala que a fala (*parole*) só se realiza por meio da língua (*langue*), assim como o significado é o verso de uma folha de papel, e o significante, seu anverso; como a sincronia que nada mais é que a sucessão de fatos diacrônicos (Saussure [1916], 2012).

Embora essa natureza linguística relacional - a qual sugere uma interpretação de sistema linguístico - atravessasse todos os pactos didáticos assumidos no Curso de Linguística Geral⁶, os próprios editores parecem apresentar apenas ideias fragmentadas sobre o tema “sistema” ao longo da obra.

Para Normand (2011), essa aparente incompletude teórica é o que faz a obra de Saussure também ser inacabada. Por isso, argumento que tentar buscar por definições encerradas no CLG, ou em qualquer outra fonte saussuriana, por exemplo, seria o mesmo que procurar o fim de uma estrada infinita.

Partilhando dessa mesma noção de incompletude da linguística saussuriana, concordo com Flores (2023), o qual reconhece a carência de uma definição explícita para o que seria “sistema” dentro do CLG.

Essa definição, mesmo em trabalhos anteriores aos Cursos, também não é definitiva. Sobre isso, Micaela Coelho (2015) esclarece que:

No *Mémoire*, por exemplo, a falta de uma definição direta de noções que são centrais para o trabalho, como a de sistema e a de valor, pode incidir como uma marca de movimento da teorização saussuriana. Isso porque essa falta não compromete o entendimento da forma como essas noções contribuem para a tese do linguista, mas, apesar disso, deixa em aberto um caminho para a procura de caracterizações e definições dessas noções, procura esta que funciona, a nosso ver, como um combustível para a trajetória de elaboração das reflexões de Saussure. Essa falta, contudo, não é uma característica exclusiva do *Mémoire* (Coelho, 2015, p.14)

⁶ Neste trabalho, não me atei a reflexões profícuas sobre a obra intitulada “Curso de Linguística Geral”, atribuída a Saussure postumamente. Embora reconheça a necessidade de reflexões sobre a autoria saussuriana x as marcas de identidade de seus editores, tomarei o CLG como base para fundamentar minhas interpretações sobre o percurso teórico de F. de Saussure. Sobre a importância do CLG e sua contribuição para a emancipação da Linguística Moderna, sugiro conferir Arrivé (2010).

Nesse sentido, para propor uma interpretação para esse conceito, Valdir (2023, p.101) elenca algumas vezes em que a palavra “sistema” aparece no Curso de Linguística Geral, valendo-se da edição brasileira de 2012 como fonte saussuriana:

- “Uma língua, vale dizer: um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (CLG, p.18);

- “A língua é um sistema de signos que exprimem ideias” (CLG, p.24);

- “A tarefa do linguista é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos” (CLG, p.24);

- “Nossa definição da língua supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranha ao organismo, ao seu sistema” (CLG, p.29);

- “A língua é um sistema que conhece apenas a sua ordem própria” (CLG, p.31);

- “Uma língua constitui um sistema” (CLG, p.87); “a língua, sistema de signos arbitrários” (CLG, p.87);

- “A língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica” (CLG, p. 102).

Há, ainda, a ocorrência de outras expressões, como:

- “sistema da língua” (CLG, p.127, 154);

- “sistema de equivalência” (CLG, p.95);

- “sistema de valores” (CLG, p. 95, 96, 104, 139);

- “sistema de relações” (CLG, p.100);

- “sistema de elementos” (CLG, p.138);

- “sistema de fonemas” (CLG, p.138);

- “sistema de um estado da língua” (CLG, p.151);

- “sistema de sons” (CLG, p.268).

Nos é explícita a ideia de que a noção de sistema perpassa praticamente todo o CLG, mesmo sem uma definição clara, sendo recorrente em quase todos os capítulos da obra. Por isso, inclusive, prefiro o termo “noção de sistema” à “concepção de sistema” em se tratando de Saussure. Isso porque “noção”, como

denota o dicionário Michaelis⁷, aduz a um entendimento de uma forma de pensamento não completa, incipiente e em efervescência. Já “concepção” retoma uma identidade encerrada, isto é, a uma teorização já finalizada e intencionalmente formulada, o que não me parece fazer jus às possibilidades interpretativas da linguística saussuriana.

Nesse sentido, também em busca da noção de sistema em Saussure, Coelho (2015) faz um exímio trabalho em sua dissertação de mestrado “A noção de sistema na fundação da Linguística Moderna”, indicando alguns caminhos para uma conceituação do termo à luz do pensamento saussuriano. Em primeiro lugar, a autora relembra que “tal noção de sistema já se apresentava como fundamental desde os primeiros estudos da linguagem desenvolvidos no ocidente” (p.9).

Diante disso, ao se propor a analisar a noção de sistema no CLG, Coelho (2015) conclui que:

A noção de sistema é um elemento central para que o mecanismo de funcionamento da língua proceda conforme pensado por Saussure. Por outro lado, as reflexões do linguista que fundamentam a distinção entre os aspectos sincrônicos e diacrônicos da língua, apresentados no CLG, indicam que a noção de sistema parece não se diferir daquela de sincronia. Isto é, **um sistema de língua nada mais é que um estado de língua** (p.37-38, grifo nosso)

Embora definir sistema como uma interpretação de estado de língua pareça isolar outros fundamentos da natureza dos signos linguísticos, como a arbitrariedade e o valor (Saussure, 2012 [1916]), assumo que, pelo contrário, essa delimitação proposta por Micaela é integradora.

Para que se possa propor um sistema baseado em estados de línguas, precisamos, antes, admitir que o funcionamento da língua se

⁷ Noção = 2. Conhecimento incipiente e superficial acerca de algo: *Não tenho noção alguma de cálculo.* (Michaelis, versão on-line).

dá por estados de línguas consecutivos; ou seja, por um conjunto de recortes temporais, diacrônicos, que, por essência, só podem funcionar ao se admitir que tais consecuições estão intimamente relacionadas e organizadas por uma dinâmica de valores relativos positivos e negativos. Sendo assim, é impossível conceber um estado de língua que não considere que sua constituição se dê, exclusivamente, via um jogo de valores distintivos.

Esse entendimento, quando posto sob o olhar da Teoria do Valor, parece ainda mais esclarecedor. Por isso, na sequência, apresento de que modo Normand (2009) introduz um entendimento de sistema à luz de um sistema linguístico de valores relacionados entre si (Saussure [1916], 2012).

O SISTEMA SAUSSURIANO: A INTERPRETAÇÃO DE NORMAND

Como vimos, é impreciso resumir o que é sistema linguístico para Saussure em poucas linhas ou em uma máxima passível de generalizações. Contudo, ainda que não haja uma delimitação objetiva sobre o que é “sistema” no CLG, Normand (2009) defende que essa proposta pode ser melhor entendida por meio das metáforas saussurianas, em especial a do Jogo de Xadrez, a qual precede uma interpretação de sistema que considera a língua como fruto da organização dos signos linguísticos numa escala de valores.

Falemos sobre essa clássica metáfora, então. Em termos saussurianos, o autor elucida que:

[...] de todas as comparações que se poderiam imaginar, a mais demonstrativa é a que se estabeleceria entre o jogo da língua e uma partida de xadrez. De um lado e de outro, estamos em presença de um sistema de valores e assistimos às suas modificações. Uma partida de xadrez é como uma realização artificial daquilo que a língua nos representa sob forma natural (Saussure [1916], 2012, p.104).

É verdade que são várias as interpretações feitas sobre essa metáfora ao longo do tempo (Flores, 2023). Todavia, parece-me mais factível a ideia de que o tabuleiro de xadrez representa a língua como um sistema estruturado por signos linguísticos e por regras de funcionamento. Assim como as peças de xadrez têm seus movimentos definidos dentro do jogo, os elementos de um sistema linguístico também os têm. Isto é, as peças do xadrez são como os signos linguísticos, em que cada peça tem um valor (como um movimento específico) associado a eles, de modo que cada movimento interfere na dinâmica de outra peça.

A ideia de que cada movimento da língua está intimamente conectado ao valor que cada signo admite com o outro é o que fundamenta a proposta saussuriana para a Teoria do Valor.

Silveira (2009), inclusive, afirma que essa teoria é, talvez, um dos fundamentos da Linguística Geral de Saussure mais importantes, haja visto que ela nos estimula a admitirmos um olhar metalinguístico, portanto formalista, da língua. Para a autora, para pontuarmos o que seria, afinal, uma definição de sistema para Saussure, devemos pensar, primeiro, sobre a natureza da língua (Silveira, 2009). E, se a natureza da língua é a relação (Marques, 2016), logo, o conceito de língua dependerá do que se entende por isso, consequentemente, pelo que ela acarreta, o sistema.

Nesse sentido, os signos só possuem valor na negatividade, de maneira que “tudo o que precede equivale a dizer que na língua só existem diferenças” (Saussure, 2006, p.139). Saussure também é categórico ao dizer que o que existe na língua, na verdade, é apenas oposição:

Quando se comparam os signos entre si — termos positivos — não se pode mais falar de diferença; a expressão seria imprópria, pois só se aplica bem à comparação de duas imagens acústicas, por exemplo pai e mãe, ou de duas idéias, por exemplo a idéia de “pai” e a idéia de “mãe”; dois signos que comportam cada qual um significado e um significante não são diferentes, são somente distintos. Entre eles existe apenas oposição. Todo o mecanismo da

linguagem, que será tratado mais adiante, se funda em oposições desse gênero e nas diferenças fônicas e conceituais que implicam (Saussure, 2012 [1916], p.141).

Esse trecho nos sugere o entendimento de que a língua é um sistema de signos linguísticos⁸. Em níveis didáticos, o signo *porta* só o é porque ele constitui uma relação de negatividade com *janela*; de forma mais clara: por não ser *janela*, *porta* é *porta*. Com isso, podemos inferir, aliás, que uma descrição na língua nada mais é que a delimitação de outros signos linguísticos. Por exemplo, para descrever uma dona de casa Joana, em vez de se acentuar suas características, na verdade, assinala-se aquilo que as outras *Joanas* não são; ou seja, um signo não é descrito pelo que ele é, mas pelo o que os outros não são (Saussure, 2012 [1916]).

Pensemos ainda numa construção: assim como as pedras, que estão dispostas numa relação de oposição, mas estreitamente interligadas, dão sustentação a uma muralha; os signos linguísticos, por suas diferenças, constroem todo o aspecto material e concreto da língua. E é essa *muralha* da língua que Normand (2009), à luz da Teoria do Valor, parece chamar de sistema: a saber, esse conjunto de signos linguísticos dispostos numa relação de presença, negatividade e arbitrariedade uns com os outros.⁹

Em contrapartida, vale dizer que essa interpretação de valor linguístico, a qual supõe uma noção de sistema, deve ser abordada com cautela.

⁸ Para um maior aprofundamento da discussão sobre o que são os signos linguísticos e como eles são constituídos, conferir Marques (2016): “A noção de relação na teoria de Ferdinand de Saussure”.

⁹ Dessa noção relacional que sugiro nascer, portanto, uma possível primeira concepção de *estrutura* na linguística saussuriana. Sugiro complementar esta discussão com a leitura de Flores (2023), no apêndice “Saussure: pai do estruturalismo?”, em sua obra “A Linguística Geral de Ferdinand de Saussure”.

Em outras palavras, se a *langue* fosse meramente um conjunto que unisse termos, isto é, uma nomenclatura, ela seria logicamente um conjunto organizador de substâncias definidas previamente às operações da língua. É precisamente o que Saussure descarta ao afirmar que a unidade linguística não se compõe por meio da ligação de uma palavra a uma realidade externa, e nem a uma realidade interna, a um conceito/pensamento que lhe daria substância e positividade. Saussure abala a ideia milenar de que a linguagem é designação e representação (Lier De-Vitto; Oliveira; Souza, 2022, p.272).

Lier De-Vitto, Oliveira e Souza (2022) admitem, por exemplo, que se a *langue* apenas fosse um sistema que “une” termos relacionados, haveria um confronto com o que Saussure propõe ao não considerar a língua uma simples nomenclatura, haja vista que estaríamos não diante de uma forma homogênea e concreta, mas de uma miscelânea de substâncias. Isso nos faz construir um olhar atento para a interpretação canônica sobre a Teoria do Valor (Normand, 2011), a saber, aquela que admite o sistema linguístico baseado numa relação de valores negativos.

Tal atenção se deve ao fato de que não se pode, ao mesmo tempo, reduzir a teoria saussuriana a puras relações, já que esse movimento pode desconsiderar, em alguma medida, a natureza constitutiva do signo linguístico, compreendida pelas outras proposições da linguística saussuriana, como diacronia, sincronia, relações associativas e paradigmáticas etc.

Nesse ínterim, antes de avançarmos nossas discussões para a articulação entre o que se entende por sistema em Saussure e o funcionamento de modelos vetoriais de linguagem, vale apresentar mais uma interpretação para o sistema linguístico saussuriano; agora, à luz do pensamento estruturalista de Eugenio Coseriu (1973 [1952]), o qual propõe uma inferência que se distancia, talvez, do que expus até aqui como sistema linguístico, uma vez que o autor propõe uma delimitação de língua que considera uma vertente epistêmica baseada no tripé sistema, norma e fala.

SISTEMA SAUSSURIANO: A INTERPRETAÇÃO DE COSERIU

É, no mínimo, intrigante, o status de apagamento que a Linguística de Eugenio Coseriu sofreu ao longo da história das ideias linguísticas. Pouco estudado nos cursos de Letras e Linguística hoje em dia, o autor propõe uma interpretação do Curso de Linguística Geral baseada numa inquietação entre a distinção *langue* e *parole*. Para o autor, essa discussão não é uma inovação saussuriana, tendo em vista que muito se tem falado, desde a Antiguidade, sobre a natureza da linguagem e de seus elementos constitutivos (Coseriu, 1973 [1952]).

Ainda que Coseriu pareça retomar, em certa medida, à ideia de Normand de que o sistema saussuriano é um conjunto de signos linguísticos organizados numa relação que incita um regresso à Teoria do Valor, o autor enfatiza que o seu conceito de língua difere, em alto grau, daquele tradicionalmente ecoado ao longo da linguística do século XX¹⁰.

O linguista romeno faz constantes referências a Devoto, expoente do estruturalismo italiano, com o qual concorda nas críticas que são feitas às “excesivas abstracciones y el geometrismo a que llegan ciertos cultores de la lingüística estructural, y en particular Hjelmslev” (ibidem, p.15). Essas ressalvas à Linguística Estrutural residem na inquietação que Coseriu e Devoto nutrem quanto a propostas linguísticas que se enfocam mais na abstração que na concretude da língua/linguagem, ainda que ambos os autores reconheçam a importância do abstracionismo para o conhecimento científico.

Contudo, a grande diferença entre a linguística coseriana e aquela proposta por Saussure está, primeiramente, nas considerações acerca da *parole*. Em sua interpretação do CLG,

¹⁰ Coseriu ressalta a importância de Hjelmslev e Benveniste, especialmente as escolas linguísticas de Copenhague e Paris, respectivamente, como grandes responsáveis pela difusão do conceito de língua saussureano, que se baseia na relação *langue* e *parole* (1973 [1952], p.15).

Coseriu admite que Saussure delega um destaque maior à *langue* em detrimento da *parole*, não porque um termo exclui o outro, mas porque a *parole* parece se apresentar como um conjunto de atos individuais, portanto variáveis, preexistentes à própria língua, não constituindo, pois, o objeto da Linguística sincrônica, a qual, neste trabalho, proponho também o nome de Linguística Sistêmica:

Sem dúvida, estes dois objetos [língua e fala] estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o **fato da fala vem antes** (Saussure, 2012 [1916], p.51, grifo nosso).

Nesse sentido, diferentemente do mestre genebrino que supõe que a língua é a parte da linguagem passível de homogeneidade e, portanto, de uma definição de sistema, Coseriu admite que a fala, por sua vez, também apresenta características sistêmicas, convencionando-a como um *sistema funcional* (1973 [1952], p.60), o qual se difere do que ele chama de *sistema normal* (ibidem).

Em outras palavras, a “língua” está para o sistema normal, enquanto que a “fala” está para o sistema funcional. Mas, de qualquer forma, em ambos os casos, a presença de uma noção de sistema como um conjunto de elementos interligados está presente, uma vez que, para o autor romeno, a língua funciona não numa dualidade *langue* e *parole*, mas numa tripartição indissociável que advém das suas próprias noções de língua, sistema e fala. Ou seja, enquanto Saussure parece introduzir uma noção de sistema apenas à língua, Coseriu vai além e o estende também à fala.

Embora sejam sistemas complementares, o sistema normal não se confunde com o sistema funcional. Para Eugenio, a ideia de “normal” está próxima da definição de “norma linguística” (Faraco, 2009); isto é, o conjunto de fatos de linguagem comuns à determinada comunidade de fala, os quais garantem uma língua que não é mais vista homogeneamente, mas heterogeneamente. O

sistema funcional, por sua vez, por mais que seja considerado individual, não admite excluir uma organização sistemática.

Em outras palavras, ainda que o falante possua determinada liberdade linguística, as mudanças “no modifican las reglas, el “sistema” (Coseriu, 1973 [1952], p.60). Com essa reflexão, inclusive, Coseriu admite a possibilidade de que, no CLG, já haja indícios de uma linguística funcional, uma vez que nos é possibilitada a ideia de que a língua (que não exclui a fala) não é apenas estaticidade, como parecem introduzir os movimentos estruturalistas pós-saussureanos na Europa, mas também movimento e dinamismo.

Ou seja, não é necessário uma exacerbação de fórmulas matemáticas, como a glossemática (Hjelmslev, 1975), para se tentar comprovar o aspecto concreto da língua. É possível que tais reflexões sejam feitas, também, a partir do que se entende por fala. Para isso, à luz da linguística coseriana, basta que olhemos para a linguagem sob um ponto de vista que não é puramente sincrônico, mas também diacrônico. Sobre isso, o autor complementa:

Adelantamos que la tripartición que deseamos proponer podría también intepretarse como basada en una escisión de la “lengua” saussurena, pero que esto no sería ni necesario ni exacto, puesto que nuestro concepto de lengua de ninguna manera coincide con en enunciado por Ferdinand de Saussure y sus continuadores: para nosotros, la “lengua” se sitúa en un momento ulterior al análisis del lenguaje como fenómeno concreto y corresponde más bien a la lingüística histórica que a la teórica (Coseriu, 1973 [1952], p. 15).

Nessa perspectiva, ainda que diferentes abordagens sobre o sistema linguístico saussureano tenham sido propostas ao longo da tradição da Linguística, ainda parece consensual o entendimento de que a língua é um sistema de signos linguísticos cujas propriedades estão intimamente relacionadas em um jogo de valores, de modo que essa reflexão pode se estender, também, à fala.

Sendo assim, feito este panorama teórico acerca das possíveis interpretações para a noção de sistema trazidas no CLG, podemos, então, dedicar-nos a correlacionar tais fundamentos ao funcionamento de modelos vetoriais de linguagem e ao próprio desenvolvimento de técnicas de Processamento de Linguagem Natural (PLN). Antes, contudo, é fundamental esclarecermos o que entendemos por PLN e o que consideramos por MVLs.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E PROCESSAMENTO DE LINGUAGEM NATURAL: ONDE ESTÁ A LINGUÍSTICA?

O marco zero para os estudos em IA tem origem no Teste de Turing (Russel; Norvig, 2004). O teste envolvia uma interação entre um ser humano, conhecido como o "juiz", e duas entidades ocultas: uma máquina e outro ser humano. O juiz formulava perguntas para ambas as entidades, sem saber qual delas era a máquina e qual era o humano. Se, após um período de questionamento, o juiz não pudesse consistentemente distinguir qual entidade eram quem, a máquina era considerada "aprovada" no teste, demonstrando, assim, um comportamento inteligente - conceito este que me serve de base para delimitar o que entendo por "máquinas inteligentes".

Essa ideia proposta por Turing de que as máquinas poderiam responder a comandos humanos pré-determinados por meio da interação linguística com o homem fez com que os estudos em Processamento de Linguagem Natural (PLN) assumissem grande protagonismo nos projetos de IA.

As aplicações com PLN são muitas e dizem respeito a tarefas do nosso dia a dia. Na sequência, apresentamos algumas dessas aplicações (Russel; Norvig, 2004):

- (I) Tradução automática;
- (II) Identificação de opinião (análise de sentimento);
- (III) Sistemas de perguntas e respostas;
- (IV) Robôs conversacionais (*Chatbots* e assistentes virtuais);
- (V) Sumarização automática;

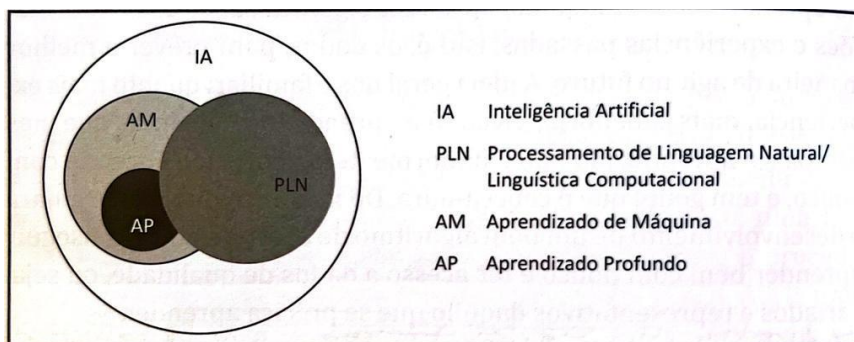
(VI) Corretor gramatical;

(VII) Entre outras.

Nesse sentido, assim como definir o que é IA, também é uma tarefa complexa delimitar um conceito de PLN. Há autores que defendem que ele é a parte prática da Linguística Computacional (Freitas, 2023). Há outros autores, porém, que defendem se tratar de uma área multidisciplinar que tem papel importante no desenvolvimento de inteligências artificiais, não possuindo relação direta com a Linguística Computacional (Russel; Norvig, 2004); proposta esta com a qual concordo.

Porém, em ambas as proposições, há um fundamento comum: IA não é PLN, e PLN não é IA.

Sobre isso, Freitas (2023) escreve: “Nem tudo o que é IA é PLN - e, por isso, ser especialista em IA não é garantia de ser especialista em PLN, campo que tem seus próprios desafios e especificidades” (p.16). A Figura 2, a seguir, ajuda-nos nessa compreensão:



Fonte: Freitas, 2023, p.16

Na figura, podemos notar que, embora o PLN integre os projetos em Inteligência Artificial, ele ocupa um espaço à parte, uma vez que os desafios entre as áreas são diferentes. As áreas comuns entre o PLN e a IA, por sua vez, dizem respeito à utilização do *machine learning* (aprendizado de máquina) e do *deep learning* (aprendizado profundo), os quais veremos mais detalhes adiante.

Dito isso, em linhas gerais, o PLN pode ser dividido em dois tipos: técnicas baseadas em regras linguísticas e técnicas baseadas em aprendizado de máquina (Freitas, 2023).

O PLN baseado em regras linguísticas, de acordo com Dagon (2013), é uma estratégia na área de inteligência artificial que se dedica à compreensão e à criação de linguagem através da aplicação de um conjunto pré-determinado de regras e de padrões de linguagem. Esses modelos, que surgem das propostas gerativistas de Chomsky (Russel; Norvig, 2004), entendem que é possível, com um conjunto limitado de regras, produzir ilimitadas sentenças. Nesse método, as regras de funcionamento sintáticas e semânticas da língua são elaboradas manualmente por linguistas e utilizadas para a análise e processamento de texto ou fala.

Os sistemas baseados em regras foram as primeiras técnicas de PLN que foram utilizadas em larga escala (Freitas, 2023), e até hoje elas são utilizadas em alguns projetos de IA pelo mundo. Porém, devido à complexidade de aplicação e ao alto custo operacional, essas técnicas começaram, na década de 80, a serem substituídas por um grande avanço computacional: o surgimento do aprendizado de máquina (AM).

O PLN baseado em aprendizado de máquina utiliza algoritmos de *machine learning* e de análise estatística para compreender e manipular a linguagem natural de forma automatizada. Em contraste com o PLN baseado em regras linguísticas, em que as regras são definidas manualmente, o PLN baseado em aprendizado de máquina permite que os algoritmos aprendam padrões e relações diretamente dos dados textuais, sem a necessidade de regras explícitas programadas por linguistas, e tudo isso de forma autônoma, daí o nome “aprendizado automático”.

Agora que já compreendemos o lugar da Linguística no PLN, vale fazer algumas considerações acerca da noção de sistema nos modelos vetoriais de linguagem.

A NOÇÃO DE SISTEMA EM MODELOS VETORIAIS DE LINGUAGEM

Na área de Processamento de Linguagem Natural, a tarefa de classificação de texto é atualmente uma das atividades mais solicitadas, pois tem a capacidade de abordar uma ampla variedade de problemas de forma bastante eficaz. Diversos modelos de classificação de texto são empregados em diversos setores para atender a uma variedade de objetivos, entre os quais podemos destacar (Valenotti, 2022):

- Análise de sentimentos;
- Monitoramento de mídias sociais;
- Comentários de clientes em páginas;
- Pesquisas de mercado;
- Geração automática de texto.

Embora ainda seja bastante usada, a abordagem apresenta algumas limitações. Valenotti (2022) esclarece que um desafio significativo nessa modelagem de texto reside no fato de que algoritmos de aprendizado de máquina não podem operar diretamente com o “texto bruto”. Ou seja, é necessário converter o texto em números, ou mais especificamente, em vetores numéricos¹¹. Quando essa vetorização das palavras ocorre, dá-se o nome ao modelo de Modelo Vetorial de Linguagem (MVL) (Mikolov et. al, 2013).

Um dos primeiros modelos de linguagem baseados na vetorização de palavras a ser amplamente utilizado foi o Bag of Words (BoW), popularizado no início dos anos 2000. Trata-se de uma técnica de representação vetorial de dados textuais. Essa representação é muito útil para tarefas de classificação de texto por meio de algoritmos de aprendizado de máquina.

¹¹ Um vetor matemático é uma entidade fundamental na matemática e na física que representa uma quantidade que possui magnitude e direção. Em sua forma mais simples, um vetor é geralmente representado como uma linha orientada em um espaço tridimensional, com uma seta indicando a direção e um comprimento indicando a magnitude.

Uma das vantagens significativas do BoW é sua relativa simplicidade de compreensão e de implementação. Ele consiste em representar documentos de texto como "sacos" (conjuntos) de palavras, ignorando, em primeiro momento, a ordem sintática das línguas, visando apenas uma contagem de frequência e de ocorrência de cada palavra. Basicamente, o método requer dois elementos (Valenotti, 2022, p.4):

- Um vocabulário de palavras conhecidas;
- Uma média da presença de palavras conhecidas.

A complexidade principal do método reside na decisão sobre como estabelecer o conjunto de palavras reconhecidas (ou tokens) e como indicar a presença dessas palavras. Além disso, quanto maior o número de dados, mais complexa e árdua é a etapa de refinamento e limpeza deles, não sendo uma técnica de PLN muito recomendada para trabalhos com grande volume de informações de entrada.

Para obter uma compreensão mais nítida de como o BoW funciona, vamos analisar o seguinte exemplo (ibidem):

Este foi o nosso melhor momento

Este foi o nosso pior momento

Este é o nosso momento

O primeiro passo é definirmos o nosso vocabulário de análise, o qual poderia ser representado por: $V = [\text{este, foi, é, o, nosso, melhor, pior, momento}]$, em que V é igual à vocabulário. Notemos que não contabilizei todas as palavras linha à linha, apenas registrei uma única ocorrência de cada. Com isso em mãos, podemos ir para a próxima e última etapa, que é etiquetar as palavras com numerações binárias (0 e 1). Temos, então:

Quadro 1: *token* de palavras.

Este	1
Foi	0
É	1

O	0
Nosso	1
Melhor	0
pior	1
momento	0

Quadro 2: vetorização numérica de palavras.

<i>Este foi o nosso melhor momento</i>	[0, 0, 0, 1, 0, 0]
<i>Este foi o nosso pior momento</i>	[0, 0, 0, 1, 1, 0]
<i>Este é o nosso momento</i>	[0, 1, 0, 1, 0]

Feito isso, o BoW já estaria pronto para que a IA pudesse trabalhar, uma vez que cada palavra poderia, agora, já ser reconhecida e processada.

Após o fortalecimento desse modelo, outros surgem baseados nessa noção espacial da língua. Nesse ínterim, Tomàs Mikolov, cientista computacional de extrema relevância para o cenário de trabalhos com IA atualmente, publica seu célebre trabalho, em parceria com alguns colegas: *Efficient Estimation of Word Representations in Vector Space*, em 2013¹².

Apoiando-se nos modelos pós-BoW, como o Word2Vec, Mikolov et al (2013) propõem um método que se pretende a resolver os problemas advindos das técnicas antecessoras. Como já dito, há uma dificuldade para que Bag of Words produzam grandes quantidades de texto, primeiramente porque os dados com os quais ele lida são bem menores. Diferentemente dos modelos de BoW, Tomàs Mikolov parece partir da noção de que, na verdade, as palavras de uma língua estão intimamente relacionadas, compreensão essa que facilita a produção de textos longos a partir da noção espacial que as palavras admitem, semanticamente, umas coisas as outras.

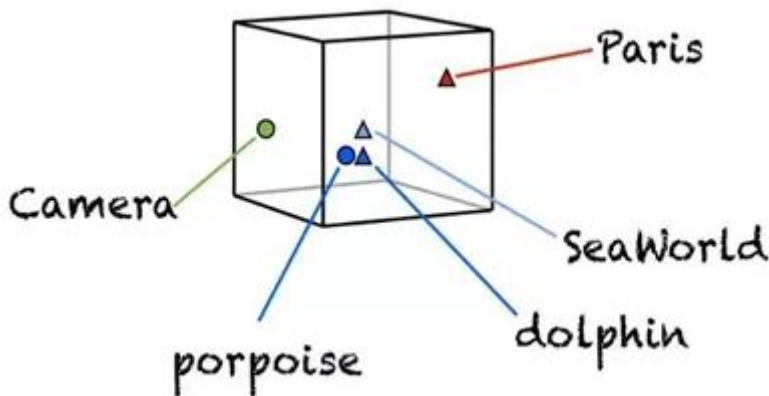
¹² Desde 2013, este artigo já foi referenciado mais de 37.000 vezes, como nos mostra o indexador numérico do Google Acadêmico.

A compreensão das redes neurais artificiais é de extrema importância para a proposta de Mikolov. Isso porque, diferentemente dos Bag of Words que utilizavam uma quantidade limitada de neurônios, o modelo vetorial mikoloviano é capaz de, por meio de camadas profundas de aprendizagem (Mikolov et al, 2013), processar uma grande quantidade de dados simultaneamente.

A conclusão de Mikolov parte de uma comparação entre modelos vetoriais tradicionais, como Word Embeddings e BoW, e a eficiência deles para perceber as relações de sentido entre as palavras. Para ele, por meio de modelos matemáticos e estatísticos, é possível que se preveja prováveis relações entre os termos de uma sentença, de maneira a assinalar a importância da relação (Coelho, 2015) em se tratando de produção de linguagem.

A fim de compreendermos melhor esta proposta, analisemos a Figura 3.

Figura 3. Representação vetorial de palavras



Fonte: Carvalho, 2018, p.18.

No exemplo proposto por Carvalho (2018) a fim de tentar explicar modelos vetoriais de linguagem, podemos encontrar a essência da nossa articulação Saussure-PLN: a língua é tomada sob um aspecto espacial e tridimensional. Cada seta possui uma

cor, que representa o conjunto de neurônios artificiais mobilizados para “ativar” a palavra dentro de uma rede neural. Vale notar que cada face do cubo indica um campo semântico, de modo que termos usados em contextos parecidos têm uma probabilidade de ocorrência próxima, como, no caso, *porpoise* (Toninha, espécie de golfinho), *dolphin* (golfinho), SeaWorld (parque aquático da Disney).

A Figura 3 nos sugere, ainda, uma interpretação linguística à luz dos estudos saussurianos. Para que uma IA generativa baseada em MVLs adquira o entendimento de que as palavras estão agrupadas em grupos semânticos, é essencial a compreensão de que há uma natureza distintiva entre os elementos do sistema.

Se “Camera” ocupasse o mesmo espaço vetorial de “Porpoise”, seria impossível ao modelo de linguagem diferenciar termos e suas ocorrências de uso. Isso revela uma preocupação de que, em MVLs, o fator de dependência entre os signos linguísticos, que surgem das relações de ausência entre eles (Saussure [1916], 2012), é fundamental para que os objetivos de produção de linguagem sejam alcançados.

Além disso, caberiam também, nesta análise, algumas discussões sobre as relações associativas e paradigmáticas, já que a ideia de ativação do neurônio artificial se aproxima da noção de campo semântico utilizada em modelos vetoriais de linguagem, enquanto que o eixo paradigmática revela o uso, ou não, de determinada palavra para completar uma sequência. Contudo, esta análise nos levaria, conseqüentemente, a um outra capítulo...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, busquei evidenciar de que modo o pensamento saussuriano e suas reflexões sobre a língua seguem vivos e passíveis de serem articulados com o desenvolvimento de novas tecnologias.

Para isso, propus uma retomada a algumas interpretações já consolidadas na epistemologia linguística sobre o que se entende

por sistema em Saussure, valendo-me, em primeiro lugar, de autores brasileiros com origem nos estudos saussurianos, perpassando, também, nomes como Normand e Coseriu.

Na sequência, escolhi a proposta mikoloviana para MVLs para tentar evidenciar de que modo pode ser sustentada a argumentação de uma possível contribuição saussuriana para o PLN. Com isso, dou indícios de que é possível que as noções de sistema para Saussure e para os estruturalistas da Linguística do século XX tenham servido de base teórica para propor modelos probabilísticos nos quais as relações de dependência entre palavras garantam a homogeneidade do sistema e, por consequência, a geração de textos coerentes.

É claro, porém, que essa relação suscita uma série de questionamentos, muitos dos quais ainda não tenho respostas. Em outras palavras, não pretendo afirmar que Mikolov partiu, conscientemente, de Saussure ou dos estruturalismos para propor seu modelo de linguagem vetorial.

Porém, defendo, neste trabalho, que há indicativos de que fundamentos linguísticos do século XX podem, sim, propor caminhos para que, no futuro, possamos delimitar melhor o que as IAs baseadas em MVLs entendem por língua, sistema e estrutura; entendimentos estes que, hoje, já parecem fazer uma retomada às noções de sistema em Saussure, evidenciando o papel crucial do mestre genebrino como fundamentador de quase todo trabalho que envolva fatos de linguagem (Saussure, 2012 [1916]; sejam eles humanos, ou gerados por um computador).

REFERÊNCIAS

- CHARNIAK, E; MCDERMOTT, D. *A Bayesian Model of Plan Recognition*. Massachusetts: Addison-Wesley, 1985.
- CHOMSKY, N. *Logical syntax and semantics: their linguistic relevance*. *Language*, n. 31, 1955, p. 36-45.

- COELHO, M. P. *A noção de sistema na fundação da linguística moderna*. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. DOI <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2015.307>
- COSERIU, E. Sistema, norma y habla. IN: Coseriu, E. *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid: Gredos, 1973 [1952], p.11-113.
- DAGON, I. *Recognizing Textual Entailment - Models and Applications*. *Synthesis Lectures on Human Language Technologies*. Morgan & Claypool Publishers: Toronto, 2013.
- DALE, R. Classical Approaches to Natural Language Processing. In: INDURKHYA, N.; DAMERAU, F. J. (org.). *Handbook of Natural Language Processing*. 2 ed. Boca Raton: Chapman & Hall/CRC, p. 37, 2010.
- DUCROT, Oswald. *Estruturalismo e Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1968.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FLORES, V. do N. *A Linguística Geral de Ferdinand de Saussure*. Editora Contexto: São Paulo, 2023.
- FREITAS, C. *Linguística Computacional*. Parábola: São Paulo, 2022.
- HAUGELAND, J. *Artificial Intelligence: The Very Idea*. Massachusetts: The MIT Press, 1985.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. 2ª ed., Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- JURAFSKY, D; MARTIN, H. J. *Speech and Language Processing: An Introduction to Natural Language Processing, Computational Linguistics, and Speech Recognition*. ed. 2. Upper Saddle River: New Jersey, 2008.
- LIER DE-VITTO, M.F.; OLIVEIRA, M. T.; SOUZA, B. A língua é forma e não substância: revisitando um aforisma saussureano. IN: Silveira; E.; Henriques, S. (orgs). *Saussure: Manuscrito, Aulas e Publicações*. EDUFU: Uberlândia, 2022.
- MARQUES, A. C.M. *A noção de relação na teoria linguística de Ferdinand de Saussure*. 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em

Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.180>

MIKOLOV, T., SUTSKEVER, I., CHEN, K., CORRADO, G., DEAN, J. Distributed representations of words and phrases and their compositionality. IN: *Proceedings of the 26th International Conference on Neural Information Processing Systems-Volume 2(NIPS'13)*, 2013.

NORMAND, C. Saussure: uma epistemologia da Linguística. IN: *As bordas da Linguagem*. SILVEIRA, E. M. (org). Editora Edufu: Uberlândia, 2021.

NORMAND, C. *Convite à linguística*. Trad. Cristina de campos Velho Birck et al. São Paulo: Editora contexto, 2009.

SAUSSURE, F. d. *Curso de linguística geral*. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2012. Cours de linguistique general. Charles Bally e Albert Sechehaye (org.), com a colaboração de Albert Riedlinger, [1916].

SILVEIRA, E. M. *As marcas do movimento se Saussure na fundação da Linguística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

SILVEIRA, E. M.. A teoria do valor no Curso de Linguística Geral. IN: *Revista Letras & Letras*, Uberlândia, Edufu, v. 25, n. 1, p. 39-54, 2009.

Capítulo 4

A NOÇÃO DE SEMIOLOGIA NO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

Heloisa Monteiro Rosário¹

INTRODUÇÃO

A noção de semiologia é desenvolvida ao longo do pensamento de Ferdinand de Saussure e, conforme De Angelis (2017, p. 205) e Chidichimo (2014, p. 103), está presente nas diferentes fontes manuscritas (textos autógrafos² ou não) que constituem o *corpus* saussuriano, não aparecendo, contudo, em nenhum texto publicado em vida pelo mestre genebrino.

De Angelis (2017, p. 205) e Chidichimo (2014) observam que essa noção é primeiramente abordada por Saussure entre os anos de 1881 e 1891, em especial no conjunto de documentos conhecidos com o título de *Phonétique* (1881-1885), no curso de gótico (1885-1886) e no manuscrito *Sobre a essência dupla da linguagem* (1891), tornando-se conhecida do grande público somente com a publicação póstuma, em 1916, de seu *Curso de linguística geral* (doravante CLG).

De 1907 a 1911, Saussure ministra três cursos de “Linguística geral” na Universidade de Genebra, e a semiologia continua em pauta. O primeiro curso ocorre de janeiro a julho de 1907; o

¹ Professora do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: heloisa.monteirorosario@gmail.com

² Ou seja, textos originais de Saussure.

segundo vai de novembro de 1908 a julho de 1909; o terceiro, por fim, se estende de outubro de 1910 a julho de 1911. Após seu falecimento em 1913, seus colegas na universidade, Albert Sechehaye e Charles Bally, com a colaboração de um de seus ex-alunos, Albert Riedlinger, se valem de notas tomadas por alunos de Saussure, durante esses três cursos, para editar o CLG. Além das anotações de Riedlinger, os editores dispunham das notas de Louis Caille, Léopold Gautier, Paul Regard, Marguerite Andrée Sechehaye, George Dégallier e Francis Joseph³.

Se, como atesta De Angelis (2017, p. 206), há uma pluralidade de acepções da noção de semiologia no conjunto das anotações daqueles que frequentavam esses cursos, essa pluralidade não é, por sua vez, considerada nem restituída pelos editores, e a semiologia é apresentada no CLG a partir de uma determinada perspectiva: a de uma “ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social”⁴.

Embora a noção de semiologia tenha sido, portanto, pensada pelo linguista em diferentes momentos e contextos de sua discussão teórica⁵, como brevemente apontamos, trataremos, neste capítulo, especificamente do modo particular como é apresentada no CLG; modo esse que acaba instaurando, na linguística, “o” pensamento de Saussure a respeito do tema. Para

³ A propósito dos cursos e da edição do CLG, conferir o “Prefácio à edição brasileira” do CLG (Saussure, 2006[1916]) e “A gênese da obra de linguística geral de Saussure” (Flores, 2023).

⁴ A autora indica que a noção de semiologia não tem o mesmo espaço nos três cursos. No primeiro, aparece pouco e de modo mais indireto, através do adjetivo “semiológico” relacionado à teoria do valor, que se liga, por sua vez, à ideia de sistema de signos. No segundo, a noção de semiologia é mais desenvolvida e, no terceiro, ganha mais atenção. Nestes dois últimos cursos, a noção de semiologia é associada a discussões que envolvem, por exemplo, a relação entre a linguística e a semiologia, a distinção entre a língua e os outros sistemas (sobretudo, a língua e a escrita), as noções de arbitrariedade e de valor, a natureza social dos signos e a ideia de instituição (De Angelis, 2017, p. 206-214).

⁵ Para uma visão mais ampla dessa noção no pensamento de Saussure, sugerimos a leitura de Chidichimo (2014) e De Angelis (2017).

tanto, destacaremos as passagens nas quais a noção de semiologia é central, comentando-as e mostrando a relação dessa noção com outras também formuladas por Saussure.

Cabe, por fim, uma última observação em relação à autoria do CLG. Ainda que se chame a atenção para a questão editorial envolvendo o CLG, é Saussure seu autor. Nesse sentido, junto com Flores (2023), seguimos a reflexão de Milner acerca do CLG e a ideia de obra. Em seu livro *Le périple structural: figures et paradigme*, o autor defende que a autoria do CLG é retroativamente atribuída a Saussure, uma vez que, desde sua publicação, o CLG funcionou como uma obra, comprovando que, diferentemente do que se acredita, a noção de obra não supõe a existência prévia de um autor (Milner, 2002, p. 17-18). Assim, em nossos comentários, faremos indistintamente referência ao mestre genebrino e ao próprio CLG, pois entendemos que é com “o Saussure do CLG” que, de um modo ou outro, os diferentes atores do campo da linguística (e de fora dele) desde sempre dialogaram. O que, evidentemente, também ocorre em relação à reflexão semiológica.

Passemos, então, à análise da noção de semiologia no CLG.

A LINGUÍSTICA E AS CIÊNCIAS CONEXAS

No “Capítulo II” da “Introdução” do CLG, intitulado “Matéria e tarefa da linguística; suas relações com as ciências conexas”, buscando pensar cientificamente o campo, Saussure inicia estabelecendo do que trata a linguística – “todas as manifestações da linguagem humana” –, assim como sua tarefa, que se desdobra em três tarefas distintas:

a) fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família;

b) procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;

c) *delimitar-se e definir-se a si própria*. (2006[1916], p. 13, grifos nossos)

Na sequência, o linguista reflete sobre as relações existentes entre a linguística e as chamadas ciências conexas, examinando, mais atentamente, o ponto de vista pelo qual a etnografia, a antropologia, a sociologia, a psicologia, a fisiologia e também a filologia consideram a língua em seus estudos. Para Saussure, os limites que separam a linguística desses outros campos são, com frequência, pouco nítidos, na medida em que essas ciências, cada uma a seu modo, “tanto lhe tomam emprestados como lhe fornecem dados” (2006[1916], p. 13).

Daí por que, conforme o item “c”, a linguística deve não apenas definir-se em termos de objeto e método de estudo, mas também delimitar-se em relação ao conjunto das ciências. Ou seja, mesmo que questões linguísticas interessem e sejam abordadas por diversos campos do conhecimento, há uma especificidade no estudo da língua que diz respeito somente à linguística; por isso, Saussure busca defini-la, de um lado, e determinar seu lugar entre as ciências, de outro.

Observamos que, nesse momento da reflexão, quando são discutidas as relações entre a linguística e as ciências conexas no CLG, o linguista não faz absolutamente nenhuma referência à semiologia. Isso ocorre porque, apesar de o termo “semiótica” (do grego *sēmeîon*, “signo”) existir desde o século XVII⁶, a semiologia ainda não existe como ciência no início do século XX (Dortier, 2010, p. 47). O projeto de uma disciplina voltada ao estudo dos signos surge apenas com o CLG, em 1916, mais especificamente na discussão que segue a do “Capítulo II” da “Introdução”, que acabamos de mostrar.

⁶ Quando foi utilizado, pela primeira vez, pelo filósofo inglês John Locke na obra *Ensaio sobre o entendimento*, que data de 1690.

Salientamos, entretanto, que, paralelamente a Saussure, o filósofo americano Charles Sanders Peirce também elabora uma teoria geral dos signos – denominada semiótica – com escritos que datam de 1885 a 1911 (Dortier, 2010, p. 46). Ou seja, entre o final do século XIX e o início do século XX, Saussure e Peirce – sem conhecimento um do outro, aliás – pensaram ao mesmo tempo a questão semiológica. Saussure, com sua semiologia, tem grande influência especialmente na França; Peirce, com sua semiótica, tem grande influência nos países anglo-saxões, chegando, na França, tardiamente (Dortier, 2010, p. 47).

Mas voltemos a Saussure e à noção de semiologia no CLG!

A LINGUÍSTICA E A SEMIOLOGIA

No “Capítulo III” da “Introdução” do CLG, intitulado “Objeto da linguística”, Saussure prossegue com sua reflexão, concentrando-se na tarefa de delimitar e definir a linguística (o item “c” referido anteriormente). Para tanto, divide o capítulo em três partes distintas: na primeira, o linguista define a língua como objeto integral e concreto da linguística, distinguindo-a sobretudo da noção de linguagem; na segunda, continua seu exame das características específicas da língua, distinguindo-a, nesse momento, sobretudo da noção de fala; por fim, na terceira parte, tendo estabelecido o lugar da língua nos fatos da linguagem (ou seja, tendo determinado os limites entre as noções de linguagem, língua e fala⁷), Saussure passa a tratar do lugar da língua nos fatos humanos e, a partir daí, propõe a semiologia. Eis aqui, resumidamente, os três movimentos do mestre genebrino no capítulo.

⁷ A linguagem tem, ao mesmo tempo, um lado individual e um lado social, sendo multiforme e heteróclita/heterogênea. Além disso, a linguagem implica, simultaneamente, um sistema estabelecido e uma evolução. A língua é a parte social da linguagem, tem um caráter essencial e sua natureza é homogênea. Já a fala é a parte individual da linguagem, tem um caráter acessório e mais ou menos acidental.

Nessa terceira parte, intitulada “Lugar da língua nos fatos humanos. A semiologia.”, Saussure pondera que as características específicas da língua fazem com que “uma outra [característica] mais importante” seja descoberta e, conseqüentemente, deva ser considerada: a língua, ao contrário da linguagem, “é classificável entre os fatos humanos”, constituindo, portanto, “uma instituição social” (2006[1916], p. 23-24). Trata-se, contudo, conforme o linguista, de uma instituição social que se diferencia das outras (as instituições políticas, jurídicas, etc.) por sua “natureza peculiar” (2006[1916], p. 24), uma natureza semiológica.

Mas Saussure não se limita à constatação de que a língua, a parte social da linguagem, “é um sistema de signos que exprimem idéias” (um sistema semiológico, portanto) e vai além; para ele, a língua “é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc., etc.”, sendo, por outro lado, “o principal desses sistemas” (2006[1916], p. 24). Ou seja, Saussure insiste sobre o caráter social da língua (o objeto da linguística), ao mesmo tempo em que salienta sua natureza semiológica; daí por que relaciona o sistema da língua, um sistema de signos linguísticos, a outros sistemas também formados por signos, mostrando, de um lado, a natureza semiológica de todos esses sistemas (sejam ou não linguísticos, portanto), e, de outro, a preeminência da língua nesse conjunto.

E, em decorrência dessa reflexão, o linguista conclui:

*Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de Semiologia (do grego *sēmēion*, “signo”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. A Lingüística não é senão uma parte dessa ciência geral; as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Lingüística e esta se achará dessarte vinculada a um*

domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos. (2006[1916], p. 24, grifos do autor)

Em outras palavras, buscando delimitar e definir a linguística (o item “c” da tarefa atribuída à linguística/ao linguista já referido), Saussure: 1º.) estabelece a língua, e não a linguagem nem a fala, como seu objeto de estudo; 2º.) mostra o caráter social da língua, assim como sua natureza semiológica; 3º.) sustenta que o sistema da língua pode ser comparado a outros sistemas semiológicos; 4º.) propõe, por conta disso, a semiologia, uma ciência geral cuja tarefa seria, segundo ele, o estudo da estrutura e do funcionamento dos sistemas semiológicos como um todo; 5º.) relaciona a linguística, uma ciência particular, à essa nova ciência geral, tornando possível, com isso, determinar seu lugar entre as ciências; e, conseqüentemente, 6º.) afirma a subordinação da linguística à semiologia.

O linguista também acrescenta que, enquanto o psicólogo tem a tarefa de pensar “o lugar exato da Semiologia” (devido à sua ligação à psicologia social e, por conseguinte, à psicologia geral), “a tarefa do lingüista é definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos” (2006[1916], p. 24).

E segue, nesse sentido, com a observação:

nada mais adequado que a língua para fazer-nos compreender a natureza do problema semiológico; mas para formulá-lo convenientemente, necessário se faz estudar a língua em si; ora, até agora a língua sempre foi abordada em função de outra coisa, sob outros pontos de vista. (Saussure, 2006[1916], p. 24)

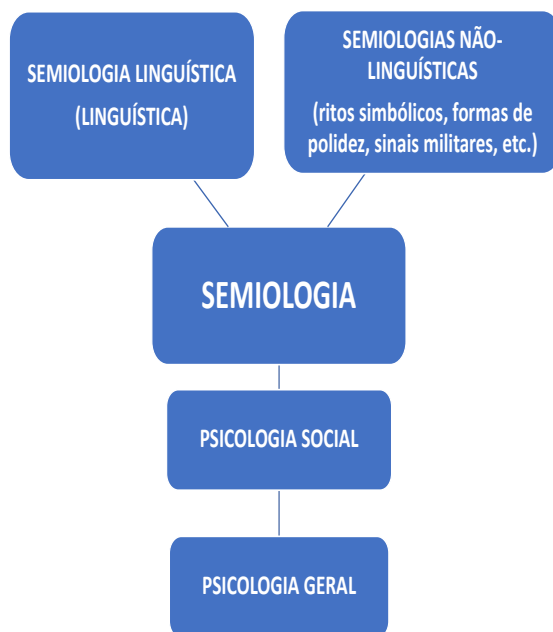
Desse modo, a delimitação e a definição da linguística não fazem apenas com que a língua passe a ser estudada a partir de um ponto de vista propriamente linguístico⁸, instaurando assim o campo específico da linguística, mas levam Saussure a relacioná-la à semiologia (nova ciência proposta no CLG) e, por

⁸ E não mais a partir da perspectiva de outros campos do conhecimento.

consequente, a estabelecer mais uma tarefa para a linguística/o linguista: a de explicar o porquê de a língua ter um papel especial no conjunto dos demais sistemas semiológicos.

Salientamos que, nesse momento da reflexão, Saussure não apresenta nenhuma explicação a respeito desse lugar de destaque conferido à língua. O linguista simplesmente afirma que a língua é um sistema especial entre os sistemas de signos e, sendo assim, para que se compreenda mais sobre sua natureza semiológica (sua “verdadeira natureza”), é preciso determinar o que “ela tem de comum com todos os outros sistemas da mesma ordem”; movimento que, de um lado, “esclarecerá o problema linguístico” em si, e, de outro, fará com que os fatos semiológicos sejam agrupados e explicados pelas leis da nova ciência (2006[1916], p. 25).

É, portanto, em decorrência da delimitação e da definição da linguística como ciência que surge, para Saussure, a necessidade de pensar e de propor a semiologia, essa nova ciência geral – ligada à psicologia social e, por isso, à psicologia geral – à qual estão subordinadas, de seu ponto de vista, tanto uma semiologia linguística (a linguística propriamente dita) quanto semiologias não-linguísticas (reunindo, por exemplo, os ritos simbólicos, as formas de polidez, os sinais militares), conforme mostra o esquema a seguir:



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse sentido, no “Capítulo III” da “Introdução” do CLG aqui discutido, o termo semiologia recobre, na reflexão de Saussure, sobretudo a ideia de uma teoria geral dos signos. Trata-se, como demonstrado, da proposição de uma ciência até então inexistente, a semiologia, que tem os signos linguísticos e não-linguísticos como objeto. Através dessa nova ciência, segundo Saussure, é possível, pela primeira vez, “assinalar à Linguística um lugar entre as ciências” (Saussure, 2006[1916], p. 24).

Nesse mesmo capítulo, contudo, um outro sentido para o termo semiologia também é mobilizado. Observamos que, quando afirma que “o problema linguístico é, antes de tudo, *semiológico*” (2006[1916], p. 25, grifo nosso), Saussure mostra que é justamente o ponto de vista semiológico no estudo da língua que confere à linguística sua especificidade em relação aos outros campos do conhecimento. Continua em pauta, portanto, a discussão da

linguística como ciência e de seu lugar entre as ciências; porém, dessa perspectiva, “semiológico” refere-se, mais especificamente, à noção de língua formulada no CLG. Ou seja, nesse viés, o termo semiologia recobre a ideia de sistema de signos.

Temos, assim, dois sentidos para o termo semiologia no CLG; dois sentidos que estão, aliás, estreitamente inter-relacionados⁹. Ainda que o primeiro – a ideia de uma teoria geral dos signos, de uma ciência geral dos signos – tenha destaque na reflexão do linguista trazida no CLG, o segundo – a ideia de sistema de signos (a língua como um sistema de signos) – está sempre lá e não é menos importante.

No “Capítulo I” da “Primeira parte” do CLG, intitulado “Natureza do signo linguístico”, Saussure define inicialmente as noções de signo, significado e significante para, na sequência, tratar de dois princípios fundamentais: a arbitrariedade do signo (o primeiro princípio) e o caráter linear do significante (o segundo princípio)¹⁰.

Quando Saussure apresenta o primeiro princípio – “o signo linguístico é arbitrário” (2006[1916], p. 81) –, volta ao debate no CLG a questão da semiologia. Saussure explica que o “laço que une o significante ao significado é arbitrário”, o que ilustra dizendo que “a idéia de ‘mar’ não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; [essa ideia então] poderia ser representada igualmente bem por outra seqüência, não importa qual” (2006[1916], p. 81-82, grifos do autor). O linguista prossegue afirmando que esse princípio de “importância primordial” – cujas “conseqüências são inúmeras”, apesar de nem todas aparecerem “à primeira vista, com igual evidência” – “domina toda a lingüística da língua” (2006[1916], p. 82). E, nesse momento da reflexão, faz um parêntese:

⁹ Robert Godel já aponta esses dois sentidos do termo semiologia em seu estudo das fontes manuscritas do CLG. Conferir a esse respeito, Godel (1957).

¹⁰ Sobre essas noções e esses dois princípios, assim como outros conceitos da linguística saussuriana, conferir *Conceitos básicos de linguística: sistemas conceituais* (Battisti, Othero & Flores, 2021).

Uma observação de passagem: quando a Semiologia estiver organizada, deverá averiguar se os modos de expressão que se baseiam em signos inteiramente naturais – como a pantomima – lhe pertencem de direito. Supondo que a Semiologia os acolha, seu principal objetivo não deixará de ser o conjunto de sistemas baseados na arbitrariedade do signo. Com efeito, todo o meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio num hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção. Os signos de cortesia, por exemplo, dotados freqüentemente de certa expressividade natural (lembramos os chineses, que saúdam seu imperador prosternando-se nove vezes até o chão) não estão menos fixados por uma regra; é essa regra que obriga a empregá-los, não seu valor intrínseco. *Pode-se, pois, dizer que os signos inteiramente arbitrários realizam melhor que os outros o ideal do procedimento semiológico; eis porque a língua, o mais completo¹¹ e o mais difundido sistema de expressão, é também o mais característico de todos; nesse sentido, a Lingüística pode erigir-se em padrão de toda Semiologia, se bem a língua não seja senão um sistema particular.* (Saussure, 2006[1916], p. 82, grifos nossos)

Em sua reflexão sobre a natureza do signo linguístico, Saussure mostra que o princípio da arbitrariedade organiza a linguística (“o signo linguístico é arbitrário”) e, conseqüentemente, também reorganiza a relação entre a linguística (ciência particular) e a semiologia (ciência geral), uma vez que, repetimos as palavras do linguista já mencionadas, “nada mais adequado que a língua para fazer-nos compreender a natureza do problema semiológico” (2006[1916], p. 24).

Assim, se, em um primeiro momento, Saussure coloca a linguística como subordinada à semiologia e suas leis, essa relação agora se inverte, e a linguística (ainda que seja uma ciência particular) torna-se o modelo da semiologia (uma ciência geral).

¹¹ Salientamos que, no original, Saussure não diz “completo”, mas “complexo” (“la langue, le plus complexe et le plus répandu des systèmes d’expression, est aussi le plus caractéristique de tous” (1976[1916], p. 101)).

Eis aí uma das consequências não tão evidentes desse primeiro princípio que caracteriza o signo linguístico.

Com isso, Saussure deixa claro que a semiologia tem como objeto os sistemas de signos baseados no princípio da arbitrariedade, ou seja, os sistemas cujos signos não se caracterizam por um laço natural entre significado e significante, mas um laço que é imotivado¹². Esses signos não têm, portanto, um significado intrínseco, mas um significado que depende exclusivamente das relações estabelecidas no interior do sistema do qual fazem parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recorrente nas reflexões de Saussure entre os anos de 1881 e 1891, bem como durante seus três cursos de “Linguística geral” ministrados entre 1907 e 1911 na Universidade de Genebra, a noção de semiologia chega, no entanto, ao grande público apenas com a publicação, em 1916, de seu CLG, obra póstuma editada por Albert Sechehaye e Charles Bally (colegas da universidade), com a colaboração de Albert Riedlinger (ex-aluno), a partir de notas de aula de alunos de Saussure.

Embora sejam identificadas diferentes acepções dessa noção nas fontes manuscritas utilizadas na preparação do CLG, essa pluralidade é desconsiderada pelos editores, que escolhem uma determinada perspectiva de abordagem. Essa perspectiva é apresentada no momento em que a delimitação e a definição da linguística como ciência são discutidas, estando, desse modo, diretamente vinculada à essa reflexão.

¹² Saussure diferencia, nesse sentido, o signo, que é imotivado, do símbolo, que “tem como característica não ser jamais completamente arbitrário; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado” (2006[1916], p. 82). Por isso, acrescenta: “O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído por um objeto qualquer, um carro, por exemplo” (2006[1916], p. 82).

A semiologia – uma ciência ainda inexistente – é proposta e definida no “Capítulo III” da “Introdução” do CLG como uma ciência geral que estuda “a vida dos signos no seio da vida social”, à qual, por sua vez, estaria subordinada a linguística, ciência particular apresentada como um dos seus ramos, já que tem como objeto a língua, um sistema particular de signos (o dos signos linguísticos). Como vemos, desse ponto de vista, o linguista considera principalmente o vínculo entre ciência particular e ciência geral, buscando situar a linguística no campo do conhecimento através de sua ligação com a semiologia. Saussure vai, no entanto, além desse aspecto em sua análise e mostra, no “Capítulo I” da “Primeira parte” do CLG, uma relação de outra natureza entre essas ciências. Desse outro ponto de vista, há uma inversão, e a linguística surge como padrão da semiologia, na medida em que o sistema da língua se baseia na noção de arbitrariedade. Ou seja, não é mais a relação particular-geral entre ciências que está predominantemente em questão, mas sim a natureza semiológica e arbitrária dos diferentes sistemas de signos, de um lado, e (sobretudo) o lugar de preeminência da língua em meio a esses sistemas, de outro. Logo, além da ideia de semiologia como ciência, Saussure mobiliza um outro sentido de semiologia – a ideia de sistema de signos –, que relaciona à questão da arbitrariedade.

É esse, portanto, “o” pensamento de Saussure em relação à semiologia que o CLG instaura¹³ e com o qual se estabelece diálogo, seja do próprio campo da linguística, seja do campo semiológico. Por isso, mesmo pontuando a questão editorial que caracteriza o CLG, insistimos anteriormente na atribuição de sua autoria a Saussure (ainda que retroativamente), conforme propõe Milner (2002) e defende Flores (2023).

A título de ilustração, finalizamos estas páginas sobre a noção de semiologia trazendo dois autores franceses – Émile

¹³ Mesmo que, como mostramos, Saussure não tenha aprofundado suas considerações a respeito.

Benveniste (linguista) e Roland Barthes (semiólogo e crítico literário) – que, como muitos outros, pensaram a questão semiológica a partir das bases lançadas pelo CLG¹⁴.

Em seu artigo “Semiologia da língua” (1989[1969]) e em suas aulas no Collège de France entre 1968 e 1969¹⁵, Benveniste retoma a discussão inaugurada por Saussure, acrescentando, porém, ao objeto da semiologia proposto no CLG (os sistemas de signos e as leis que os governam) as relações existentes entre esses sistemas. O autor também reconhece a preeminência da língua entre os sistemas semiológicos, mas, em consequência disso, coloca a língua (seu lugar entre os sistemas de signos, mais precisamente) como o problema central da semiologia. Dessa perspectiva, mobilizando, em especial, as noções de semiótico, semântico e interpretância formuladas em sua reflexão, Benveniste propõe uma semiologia baseada na língua¹⁶, diferentemente de Saussure, que propõe uma semiologia geral baseada no signo linguístico¹⁷.

Por sua vez, em seus *Elementos de semiologia* (1964)¹⁸, Barthes inicia retomando a tarefa da semiologia (uma tarefa dupla) – “de um lado, esboçar uma teoria geral da pesquisa semiológica, de outro elaborar semióticas particulares, aplicadas a objetos, a domínios circunscritos (o vestuário, a alimentação, a cidade, a

¹⁴ Segundo Dortier (2010, p. 46-48), surgem três correntes de influência saussuriana na França: a semiologia da comunicação (com Georges Mounin), a semiologia da significação (com Roland Barthes) e a semiologia da narrativa (com Algirdas Greimas).

¹⁵ Sobre essas aulas, conferir Benveniste (2014[2012]), publicação editada por Fenoglio e Coquet a partir de manuscritos do próprio Benveniste e de alguns de seus alunos.

¹⁶ Benveniste, ao contrário de Saussure, não explica a preeminência da língua em função do princípio da arbitrariedade do signo. Para ele, essa preeminência deve-se ao fato de a língua ser o único sistema semiológico que tem uma dupla significância: a do modo semiótico (relacionada à ideia de língua como sistema de signos) e a do modo semântico (relacionada à ideia de língua em emprego).

¹⁷ A propósito da reflexão semiológica de Benveniste, sugerimos a leitura de Rosário (2018).

¹⁸ Publicação que retoma as reflexões do primeiro seminário de Barthes na Escola Prática de Altos Estudos, realizado, em Paris, entre os anos de 1963 e 1964.

narrativa, etc.)” (1996[1964], p. 7) – para, em seguida, esclarecer que seu objetivo é o de discutir os fundamentos de uma teoria semiológica geral, o que fará a partir da linguística, especialmente das ideias de Saussure no CLG¹⁹. Para ele, é preciso admitir “a possibilidade de revirar um dia a proposição de Saussure: a Linguística não é uma parte, mesmo privilegiada, da ciência geral dos signos: a Semiologia é que é uma parte da Linguística; mais precisamente, a parte que se encarregaria das *grandes unidades significantes do discurso*” (1996[1964], p. 13, grifos do autor). Ou seja, o vínculo entre ciência particular (a linguística) e ciência geral (a semiologia) estabelecido no “Capítulo III” da “Introdução” do CLG é questionado por Barthes, que propõe sua inversão. Conhecido como o grande nome da semiologia francesa entre os anos de 1950 e 1960, o autor sustenta ainda que “o signo é *traduzível* em outros sistemas que não a linguagem articulada” (1996[1964], p. 8, grifo do autor). Assim, como faz Saussure no CLG, Barthes igualmente propõe uma semiologia geral baseada no signo linguístico²⁰.

Com essa retomada da noção de semiologia, esperamos incentivar tanto a (re)leitura do CLG e de outros textos do *corpus* saussuriano quanto a descoberta do campo semiológico aberto pela reflexão do mestre genebrino. Boas leituras e discussões!

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland (1964). *Elementos de semiologia*. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

BARTHES, Roland (1985). *A aventura semiológica*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.

¹⁹ No prefácio à edição brasileira, o autor afirma que suas noções também se baseiam no pensamento de Hjelmslev, Jakobson e Benveniste, tendo a linguística de Chomsky pouca influência sobre a semiologia (1996[1964], p. 7).

²⁰ A propósito da reflexão semiológica de Barthes, sugerimos a leitura de *A aventura semiológica* (2001[1985]).

- BATTISTI, Elisa; OTHERO, Gabriel; FLORES, Valdir do Nascimento. *Conceitos básicos de linguística: sistemas conceituais*. São Paulo: Contexto, 2021.
- BENVENISTE, Émile (1969). "Semiologia da língua". *In*: BENVENISTE, Émile (1974). *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BENVENISTE, Émile (2012). *Últimas aulas no Collège de France (1968 e 1969)* (Orgs. Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio). São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- CHIDICHIMO, Alessandro. "L'évolution du terme 'sémiologie' chez Saussure: 1881-1891". *In*: KASEVICH, Vadim; KLEINER, Yuri; SÉRIOT, Patrick (Orgs.). *Selected Papers from the 12th International Conference on the History of the Language Sciences (ICHoLS XII). Saint-Petersburg, 28 August – 2 September 2011*. Amsterdam: John Benjamins, 2014, pp. 103-113.
- DE ANGELIS, Rossana. "Sémiologie(s)". *In*: FOREL, Claire; ROBERT, Thomas (Orgs.). *Saussure: Une source d'inspiration intacte*. Genève: MetisPresses, 2017, pp. 205-227.
- DORTIER, Jean-François. *Le Langage: Introduction aux sciences du langage*. Auxerre: Sciences Humaines Éditions, 2010.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *A Linguística Geral de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Contexto, 2023.
- GODEL, Robert. *Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale*. Genève : Droz, 1957.
- MILNER, Jean-Claude. *Le périple structural: figures et paradigme*. Paris: Verdier, 2002.
- ROSÁRIO, Heloisa Monteiro. *Um períplo benvenisteano: o semiólogo e a semiologia da língua*. 2018. 174p. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1916). *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de (1916). *Cours de linguistique générale*.
Edição crítica preparada por Tullio de Mauro. Paris: Éditions
Payot (Payothèque), 1976.

Capítulo 5

O SIGNO LINGUÍSTICO

Valdir do Nascimento Flores¹

INTRODUÇÃO

O objetivo que temos com este texto é apresentar uma pequena introdução ao tema do “signo linguístico”, tal como ele foi estabelecido por Ferdinand de Saussure, em sua obra o *Curso de linguística geral* (CLG).

Para tanto, fazemos, inicialmente, uma contextualização da discussão promovida por Saussure, tentando delimitar o contexto teórico no qual se insere sua proposta. Em seguida, trazemos, sucessivamente, as considerações em torno do tema presentes no CLG. Finalmente, tecemos algumas conclusões interpretativas, a partir das quais consideramos ser possível aprofundar a perspectiva saussuriana.

O SIGNO SAUSSURIANO NO CONTEXTO DA REFLEXÃO FILOSÓFICA

A proposta saussuriana de abordagem do signo linguístico se inclui em um contexto maior, que diz respeito à histórica – e antiga – discussão acerca da relação entre a língua e o “mundo dos objetos” (a realidade). O tema é antigo e tem início com o

¹ Professor Titula de Língua Portuguesa e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pesquisador PQ-CNPq.

diálogo *Crátilo* do filósofo grego Platão (428/427 a.C- 348/347 a.C). O diálogo apresenta duas partes distintas: a primeira traz o diálogo entre Sócrates e Hermógenes; a segunda, o diálogo entre Sócrates e Crátilo.

O livro inteiro fica em torno de uma extensa discussão - e de suas consequências - sobre a correção ou exatidão dos nomes em relação às coisas. Por um lado, Hermógenes defende a tese que ficou conhecida como “convencionalista”, que argumenta que a precisão e a adequação dos nomes às coisas decorrem de um acordo convencional entre as pessoas. Por outro lado, Crátilo defende a tese conhecida como “naturalista”, que sustenta que a correção e a adequação dos nomes estão ligadas a um vínculo natural que eles têm com as coisas. O diálogo apresenta argumentos que sustentam ambas as teses.

Para Lyons (1979: 4), entre os gregos, discutia-se “se o que regia a língua era a ‘natureza’ ou a ‘convenção’”. Essa oposição da ‘natureza’ e da ‘convenção’ era um lugar-comum da especulação filosófica”. Ora, considerar que algo era natural era o mesmo que dizer que se originara “em princípios eternos e imutáveis fora do próprio homem, e era por isso inviolável”; porém, dizer que algo era convencional era o mesmo que dizer que resultara “do costume e da tradição, isto é, de algum acordo tácito, ou ‘contrato social’, entre os membros da comunidade – ‘contrato’ que, por ter sido feito pelos homens, podia ser pelos homens violado”. Explica ainda Lyons que a distinção entre “natureza” e “convenção” deu origem à discussão sobre *anomalía* e *analogía*, irregularidade e regularidade, nas línguas.

Os que acreditam que a relação entre as línguas e o “mundo dos objetos” é natural são “anomalistas” e defendem a prioridade do estudo das irregularidades nas línguas; os que acreditam que a relação entre as línguas e o “mundo dos objetos” é convencional são “analogistas” e defendem a prioridade do estudo das regularidades nas línguas:

Se a língua fosse realmente produto de uma ‘convenção’ humana, era de se esperar que não encontrássemos ‘irregularidade’ [...]; e, se existissem, seriam corrigidas. Os anomalistas sustentavam que a língua, produto da ‘natureza’, era, apenas em parte, suscetível de uma descrição sob padrões analógicos de formação e que se devia dar atenção ao ‘uso’, por mais ‘irracional’ que este possa ser (Lyons, 1979: 7).

Isso posto, cabe perguntar: por que iniciamos nosso capítulo sobre “signo linguístico” com essa discussão?

Porque, embora o pensamento de Platão sobre a língua e sua influência na história das ideias linguísticas sejam muito mais complexos do que o resumo que fizemos acima, o fato é que a reflexão de Platão ilustra perfeitamente o ponto inicial de um debate que se estenderá por muitos séculos. Qual seja: a discussão sobre a natureza convencional ou natural da língua surge em conexão com a reflexão sobre a relação entre a língua e a realidade (o “mundo dos objetos”, conforme Platão concebe). Em outras palavras, a abordagem platônica delimita os limites desse debate no contexto das relações entre os nomes (a linguagem), as ideias e as coisas.

Essa atitude de Platão será retomada, através dos séculos, por muitos filósofos e gramáticos. Quer dizer, tradicionalmente o debate acerca da linguagem humana está centrado nas relações entre a linguagem e as coisas². É isso que vemos na Escolástica de Tomás de Aquino (1225-1274), nos Gramáticos de Port-Royal (1660), em Leibniz (1646-1716), em Hume (1711-1776), em Berkeley (1685-1753), entre outros.

E Saussure, como ele se liga a essa discussão?

Ora, não seria um excesso dizer que o pensamento que está presente no *Curso de linguística geral* desloca esse debate para um outro âmbito, diferente do da relação entre as “palavras” e as “coisas”: em Saussure não se trata de ver como se relacionam as

² A esse respeito recomendamos firmemente a leitura de *As palavras e as coisas* de Michel Foucault, cf. *Referências*.

palavras e as coisas, uma vez que essa é uma questão mais filosófica do que linguística, mas, sim, de ver como no “espírito do sujeito falante” se combinam a “imagem acústica” (o significante) e o conceito (o significado). Bem entendido, Saussure desloca a discussão do âmbito da língua e o que não é ela (a realidade) para o interior da língua, ou seja, entre o significante e o significado³. Ademais, não estamos sozinhos na interpretação que fazemos. Uma das maiores leitoras de Saussure no século XX atesta algo muito semelhante ao que dissemos. Françoise Gadet, em seu livro *Saussure une Science de la langue* assim enquadra a discussão a respeito do signo e da relação entre a materialidade de uma língua e o sentido que é transmitido:

Isso vai nos conduzir a abordar dois problemas clássicos na reflexão filosófica, mas que não são considerados com o mesmo interesse pela linguística:

- a relação entre o que se ouve (o som) e o que aí se ouve (o sentido). Esse é um problema onipresente na linguística;
- a relação entre língua e realidade, questão suspensa pelos linguistas, marcados pela herança saussuriana, que colocam a realidade em separado de sua disciplina.

A relação entre os dois problemas é tradicionalmente abordada por meio de um triângulo que representa o signo, tal como ele é concebido numa abordagem filosófica: a coisa, a palavra e a ideia.

Saussure utiliza igualmente a noção de signo. Poderíamos pensar que ele retoma aqui uma longa tradição da filosofia da linguagem, transmitida desde os estoicos. Mas o signo saussuriano comporta não três polos, mas apenas dois: o significante e o significado. Há supressão de um polo, redistribuição dos termos ou modificação da problemática? (Gadet, 1987: 33).

³ A esse respeito, Foucault reafirmará a necessidade de que, “... reencontrando o projeto de uma semiologia geral, Saussure desse ao signo uma definição que pôde parecer “psicologista” (ligação de conceito com uma imagem): é que, de fato, ele redescobria aí a condição clássica para pensar a natureza binária do signo” (Foucault, 1995: 82).

Mais adiante, responde Gadet, ao considerar a posição de Saussure nos termos desse debate:

A diferença de posição não está sempre exposta, mas ela se impõe, de fato, através do estabelecimento de um novo edifício teórico que tem por efeito tornar o outro envelhecido.

Em sua argumentação, Saussure permanece próximo do debate filosófico, pois os argumentos que ele utiliza são os do debate clássico entre naturalistas e convencionalistas: o ponto de vista do nomenclador, a comparação entre *signo* e *símbolo*, as onomatopeias e a origem da linguagem. Mas, pouco a pouco, vemos sua posição se afastar do ponto de vista clássico e sua concepção linguística emergir.

É essa nova concepção linguística que se edifica no início do século XX com a teoria saussuriana e, nela, a noção de signo tem papel fundamental, pois a ideia de signo é condição para o estudo linguístico empreendido por Saussure, uma vez que a linguística, para ele, faz parte da semiologia⁴. Tratamos, a seguir, com mais vagar, essa noção de signo e como ela comparece na argumentação do *Curso de linguística geral (CLG)*.

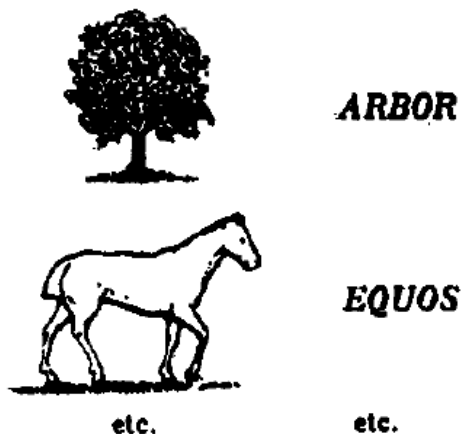
O SIGNO LINGUÍSTICO NO CLG: PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES

No *Curso de linguística geral*, o conceito de signo linguístico é introduzido, de imediato, no Capítulo 1 da “Primeira parte” do livro, intitulado “Natureza do signo linguístico”. Nesse capítulo, são apresentadas diversas informações abrangendo diferentes aspectos da ideia geral de signo linguístico.

Saussure parte do seguinte esquema, apresentado na Figura 1, abaixo:

⁴ A noção de *semiologia* em Saussure é tratada em capítulo específico, neste livro.

Figura 1: Língua como nomenclatura



Fonte: Saussure, 1975, p. 79.

Esse esquema claramente representa a ideia da qual Saussure busca se afastar (o que ele radicaliza ao introduzir o princípio do arbitrário⁵ do signo). Para ele, não se trata de examinar como a língua se relaciona com a realidade ou, em termos filosóficos, como as palavras estão ligadas às “coisas”, conforme é mostrado na Figura 1, numa leitura horizontal, em que a palavra “arbor” é conectada ao objeto “árvore” e a palavra “equos” é conectada ao objeto “cavalo”. Saussure apresenta três razões para justificar sua rejeição a essa perspectiva, argumentando que ela reduz a língua a uma mera nomenclatura sobreposta à realidade.

A primeira razão diz respeito ao fato de essa concepção supor ideias, noções, conceitos preexistentes à língua, e, para Saussure, “não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua” (Saussure 1975: 130); a segunda razão tem a ver com o fato de essa concepção não explicitar o ponto de vista a partir do qual o signo pode ser tratado (se psíquico, se físico, por exemplo); a terceira razão é que tal concepção leva a pensar que o vínculo que une um signo à “coisa” é algo simples e, embora

⁵ O *arbitrário* é tema de um capítulo específico, neste livro.

Saussure não comente esse vínculo, ele resguarda o caráter complexo de uma tal operação (cf. Saussure 1975: 79).

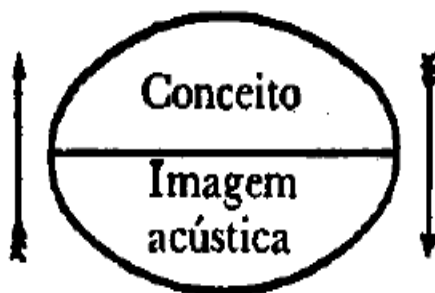
É em função desse raciocínio de Saussure presente logo no começo do Capítulo 1 do CLG que introduzimos, acima, a discussão do signo pelo viés da tradição filosófica. De certa maneira, Saussure a reconhece para dela se afastar. O seu interesse diz respeito à relação entre o *significante* e o *significado*, também chamados, nesta parte do CLG, de *imagem acústica* e *conceito*, e não entre a *palavra* e a “coisa”, quer dizer: “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (Saussure, 1975: 80).

Assim, Saussure mantém-se distante da discussão que relaciona língua e “mundo dos objetos”, embora a evoque como contraponto; se não fosse assim, a língua seria considerada, aos olhos de Saussure, uma simples nomenclatura superposta à realidade. Por fim, ao conceber o signo como uma entidade de duas faces, Saussure passa de uma visão trina do signo para uma visão dualista.

O SIGNO LINGUÍSTICO: DEFINIÇÃO E CONSTITUIÇÃO

O entendimento saussuriano de que o signo é constituído por duas faces fica bem evidente no esquema da Figura 2, a seguir, presente no CLG:

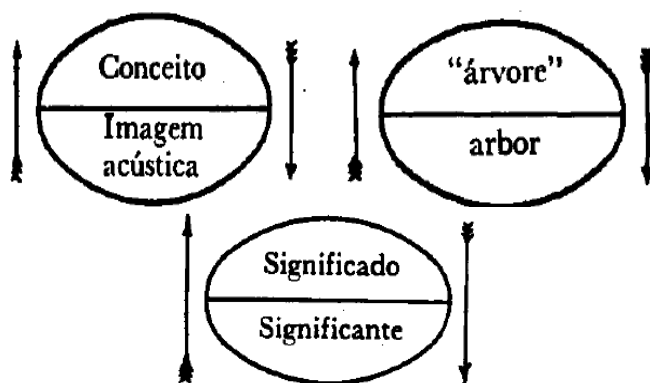
Figura 2: o signo como entidade de dupla face



Fonte: Saussure 1975, p. 80.

Essas duas faces são de natureza “psíquica” ou, nas palavras de Saussure no CLG, “os termos implicados no signo linguístico são ambos psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro por um vínculo de associação” (Saussure 1975: 79-80). Ou seja, o signo é psíquico e suas próprias faces são também de natureza psíquica, o que implica que não são nem físicas nem fisiológicas. A ideia presente na Figura 2 é reiterada muitas vezes e em esquemas muito semelhantes no decorrer do CLG. É isso que a Figura 3, abaixo, mostra.

Figura 3: Reiteração do esquema do signo linguístico no CLG



Fonte: Saussure 1975, p. 80, 81 e 136.

Assim, após ter (I) afirmado a independência do linguístico relativamente à realidade e ter (II) destacado que a língua não é uma nomenclatura, Saussure (III) pode definir o signo como “uma entidade de duas faces” (Saussure, 1975: 80).

O SIGNO LINGUÍSTICO: SIGNIFICANTE E SIGNIFICADO

Mais adiante, ainda no mesmo capítulo do CLG, Saussure introduz, em função da definição do signo, uma questão

terminológica fundamental e que tem importante papel na compreensão da tese saussuriana. Leiamos:

Esta definição suscita uma importante questão de terminologia. Chamamos *signo* a combinação do conceito e da imagem acústica: mas, no uso corrente, esse termo designa geralmente a imagem acústica apenas, por exemplo uma palavra (*arbor* etc.). Esquece-se que se chamamos a *arbor* signo, é somente porque exprime o conceito “árvore”, de tal maneira que a ideia da parte sensorial implica a do total.

A ambiguidade desapareceria se designássemos as três noções aqui presentes por nomes que se relacionem entre si, ao mesmo tempo que se opõem. Propomo-nos a conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*; estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte (Saussure 1975: 81).

O que essa passagem registra de tão importante? Vamos tentar sintetizar em alguns pontos:

a) Saussure reconhece que o termo “signo” pode ser utilizado com dois sentidos: para designar o conjunto formado pelo significante e pelo significado (significante + significado = signo) e para designar apenas a *imagem acústica* ou seja, “significante”. Ele opta pelo primeiro sentido⁶.

b) Os termos “signo”, “significante” e “significado” não são a primeira escolha de Saussure para designar o conjunto e suas partes. Antes disso, ele fala em “imagem acústica” e “conceito”. Essa flutuação terminológica não é um problema; ela apenas

⁶ Embora se possa encontrar “signo” com sentido de “significante” no CLG. Por exemplo, na página 19 do CLG: “o ponto de partida do circuito se situa no cérebro de uma delas [das pessoas do circuito], por exemplo A, onde os fatos de consciência, a que chamaremos conceitos, se acham associados às representações **dos signos linguísticos ou imagens acústicas** que servem para exprimi-los” (Saussure 1975: 19, grifo nosso). A ambiguidade terminológica é uma das marcas do CLG.

mostra o processo da formação do pensamento de Saussure estava em formação; ela indica que devemos ler o CLG com esse espírito.

c) O termo “significante” tem (em francês, mas também em português) o sentido de um particípio presente⁷; o termo “significado” é um particípio passado. Ambos, juntos, contribuem para que se perceba a ideia de que o significante (com aspecto imperfectivo e voz ativa) está, de certa forma, em busca do significado (com aspecto perfectivo e voz passiva).

O SIGNO LINGUÍSTICO: CARACTERÍSTICAS

A partir do que foi dito, o CLG apresenta duas características fundamentais do signo, que são consideradas como princípios do estudo do signo linguístico. A primeira característica é a *arbitrariedade do signo*, que se refere à falta de motivação ou conexão direta entre o significante (forma acústica ou gráfica) e o significado (conceito representado). A segunda característica é o *caráter linear do significante*, que se relaciona ao fato de que os elementos sonoros ou visuais que compõem os significantes são organizados sequencialmente em uma cadeia.

A primeira característica, a que diz respeito ao arbitrário do signo, será trabalhada neste volume em capítulo especial, dada a importância que tem. No entanto, gostaríamos aqui de reter o que dessas duas características pode-se considerar para a definição do signo linguístico. Começemos falando no arbitrário do signo.

Segundo Saussure, “o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário*” (Saussure, 1975: 81). Ora, quando Saussure postula a

⁷ Ver: MEDEIROS, A. B. “Sintaxe e semântica do particípio presente”. In: *Linguística*. Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 259-273, 2005.

Medeiros, A. B. “O Particípio Presente no Português”. In: *Revista Letras*. Curitiba. n. 69, p. 191- 211, 2006.

arbitrariedade do signo, ele descarta a viabilidade de considerá-lo como algo estabelecido por convenção.

Se Saussure considerasse a ideia de convencionalidade, isso contradiria sua argumentação sobre a arbitrariedade, uma vez que a convencionalidade poderia ser vista como a causa da relação entre o significante e o significado, anulando o conceito de arbitrariedade. No entanto, no contexto saussuriano, o termo “arbitrário” significa exatamente “ausência de causa”, indicando que não há uma causa específica para a associação entre um determinado significante e seu significado; sua relação é arbitrária. Em suma, com o princípio geral do arbitrário do signo linguístico, Saussure apresenta uma terceira abordagem no debate linguístico: nem naturalismo, nem convencionalismo, mas arbitrariedade.

A segunda característica, embora menos tratada na literatura especializada, contribui fortemente para a definição do signo saussuriano. Em especial porque, ao considerar que “o significante, [...], desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha*” (Saussure, 1975: 84, destaques do autor), Saussure introduz uma perspectiva de entendimento do tempo que não é nem o da sincronia, nem o da diacronia. Arrivé (1999) dedica-se longamente a explorar essa característica e a avaliá-la no conjunto da teoria saussuriana. Por ora, é suficiente vermos que, “com o caráter linear do significante, estamos diante de *um* modo de intervenção do tempo na linguagem” (Arrivé, 1999: 48), e esse modo tem a ver com a “cadeia da fala”. Esse assunto mereceria maiores desenvolvimentos.

CONCLUSÃO

Em resumo, podemos dizer que o signo linguístico, conforme Saussure, é uma entidade de dupla face (com significante e significado), cada uma sendo de natureza psíquica; o significante

assim o é porque é uma imagem acústica e não uma sequência de sons e porque “sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar um poema” (Saussure, 1975: 80); o significado assim o é porque a conceptualização que damos do mundo pode diferir de sociedade para sociedade, de cultura para cultura, de língua para língua. Ambos estão ligados por um laço arbitrário, quer dizer, sem motivo ou causa que justifique tal ligação. Um último ponto a ser destacado é que a noção saussuriana de signo inclui qualquer entidade que tem essa dupla face e que funciona no interior de um sistema de valores, destinado a comunicar sentidos.

Recomendamos, portanto, que o leitor, para melhor compreender a noção de “signo” aqui trabalhada, a associe às noções de “valor”, “sistema” e “arbitrariedade”, presentes também na linguística saussuriana e melhor desenvolvida em outros capítulos deste livro.

REFERÊNCIAS

- ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e psicanálise; linguística e inconsciente*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GADET, Françoise. *Saussure une science de la langue*. Paris : PUF, 1987.
- LYONS, John. *Introdução à linguística teórica*. Tradução de Rosa V. Mattos e Hélio Pimentel. São Paulo: Ed. Nacional/Edusp, 1979.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975.

Capítulo 6

O ARBITRÁRIO SAUSSURIANO: UM PRINCÍPIO EPISTEMOLÓGICO

Stefania Montes Henriques¹

O princípio da arbitrariedade do signo não é contestado por ninguém; às vezes, porém, é mais fácil descobrir uma verdade do que assinalar o lugar que lhe cabe.”
Ferdinand de Saussure

INTRODUÇÃO

A citação que abre este artigo já nos indica, de antemão, o lugar – ou não-lugar - da arbitrariedade nas ciências da linguagem. Desde a Antiguidade Clássica, o arbitrário é discutido no que concerne à relação entre os nomes e o mundo. No diálogo *Crátilo ou da Justeza dos Nomes*, por exemplo, Platão nos apresenta duas visões opostas, representadas pelas personagens Hermógenes e Crátilo. O primeiro, defende que a relação estabelecida entre nomes e objetos é arbitrária, tendo em vista que é convencional, fruto de um acordo. Crátilo, por sua vez, afirma que os nomes espelham a natureza das coisas, o que implica dizer que há características inerentes aos objetos que motivam, de maneira natural, os nomes que lhes designam.

¹ Professora de Linguística da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG-Passos), Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo edital UEMG 10-2022, com o projeto “Entre a língua e a literatura: a transmissão da história nos manuscritos saussurianos sobre as lendas germânicas”.

Essa discussão, mediada por Sócrates, nos indica uma concepção de linguagem subjacente e preocupações teóricas específicas. O que se busca é apreender de que forma se dá o conhecimento e como é possível declarar que algo é verdadeiro ou falso, e a concepção de linguagem que norteia essa questão é a de nomenclatura². Na Antiguidade Clássica, então, o que se coloca como função fundamental de uma língua é dar nomes aos objetos, sem se pensar no seu funcionamento.

Não é essa a perspectiva encontrada nas elaborações de Ferdinand de Saussure. Considerado o pai da linguística moderna, um dos deslocamentos fundadores que realizou foi afirmar que a língua é um sistema de signos que possui uma ordem própria, independente de qualquer outra ordem que lhe seja exterior, o que inclui, obviamente, a relação entre a linguagem e a realidade.

Nesse contexto, Gadet (1990) nos lembra que há duas formas de se considerar o arbitrário, a saber, na perspectiva filosófica e na perspectiva linguística:

O arbitrário filosófico, com efeito, concerne na ligação entre uma coisa e seu nome. Enquanto o arbitrário linguístico é o princípio segundo o qual um significante como [soer] não está relacionado por nenhuma ligação interior ao significado 'soeur' [...]. (Gadet, 1990, p. 37, tradução nossa).³

Assim, por um lado, o arbitrário filosófico impõe a relação entre o nome e o referente, encontrando-se no exterior do signo. É esse o arbitrário encontrado na discussão entre Crátilo e Hermógenes e presente nas teorias que consideram a língua como uma nomenclatura. Por outro lado, o arbitrário linguístico situa-se

² A respeito dessa concepção de linguagem e de seu papel nas elaborações de Ferdinand de Saussure, conferir Henriques (2021).

³ "L'arbitraire philosophique, en effet, concerne le lien entre une chose et son nom. Alors, que l'arbitraire linguistique est le principe selon lequel un signifiant comme [soer] n'est lié par aucun rapport «intérieur» au signifié 'soeur' [...]".

na relação estabelecida entre significante e significado, ou seja, não há na constituição do signo linguístico um lugar para os objetos presentes no mundo, pois a imotivação encontra-se no interior da língua.

A perspectiva encontrada no Curso de Linguística Geral⁴ se opõe, então, àquela encontrada em Crátilo. Saussure, ao afirmar que a língua possui uma ordem própria, independente de qualquer outra ordem que lhe seja exterior, efetua um desligamento do objeto físico do funcionamento linguístico e, conseqüentemente, o princípio da arbitrariedade é deslocado para uma relação interna ao signo: entre significante e significado. Estamos diante, desse modo, do que Gadet (1990) nomeia como arbitrário linguístico.

Partimos do ponto de vista que este deslocamento tem conseqüências epistemológicas importantes. Em primeiro lugar, afirmar que a relação entre significante e significado é arbitrária faz com que se torne necessário, antes de mais nada, dedicar-se ao estudo do funcionamento interno do sistema e não às relações que esse sistema possa ter com outros domínios exteriores. É importante dizer que isso não implica em negar que a língua mantenha relações com os objetos na perspectiva saussuriana, mas sim que esta não é a sua principal função e que seu funcionamento interno não depende da realidade.

Não obstante, o arbitrário linguístico é fundamental para a teoria do valor e, conseqüentemente, para o funcionamento do mecanismo linguístico. É por isso que, neste capítulo, realizaremos um percurso teórico no CLG, com o intuito de não só explicitar em que consiste o arbitrário, como também qual o seu papel nas elaborações saussurianas, principalmente no que concerne à definição de língua, à mutabilidade e imutabilidade do signo e à teoria do valor .

⁴ Doravante CLG.

O PRIMEIRO PRINCÍPIO E A NEGAÇÃO DA NOMENCLATURA

A importância do arbitrário linguístico no arcabouço teórico saussuriano é evidente não somente pela designação de “primeiro princípio”, como também pelo seu papel na negação da língua como nomenclatura. Já no primeiro parágrafo do capítulo “A natureza do signo linguístico”, Saussure (2012[1916]) critica essa concepção, afirmando que

Para certas pessoas, a língua, reduzida a seu princípio essencial, é uma nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas. [...] Tal concepção é criticável em numerosos aspectos. Supõe ideias completamente feitas, preexistentes às palavras; [...] ela não nos diz se a palavra é de natureza vocal ou psíquica, pois *arbor* poderia ser considerada sob um ou outro aspecto; por fim, ela faz supor que o vínculo que une um nome a uma coisa constitui uma operação muito simples, o que está bem longe da verdade. (Saussure, 2012 [1916], p. 105-106).

Para Saussure, o único mérito da nomenclatura – que se fundamenta na relação arbitrária entre um nome e um objeto – é mostrar que a unidade linguística é dupla, “constituída de dois termos”. Entretanto, esses termos seriam de natureza distinta daquela defendida pelos filósofos: são psíquicos, não há nada de material que os constitua. Entramos, então, no domínio do signo linguístico, conceito fundamental da teoria saussuriana que nos indica, em um só golpe, a natureza psíquica da língua e a existência de um funcionamento que lhe é próprio, independente do mundo.

A relação estabelecida entre essas duas faces é arbitrária, e aqui entramos no domínio do arbitrário linguístico, tal como exposto por Gadet (1990) e citado na introdução deste artigo. Se não há, na constituição do signo a interferência do objeto exterior, tem-se que é internamente que se dá a arbitrariedade. Assim, Saussure (2012 [1916], 108) nos diz “a ideia de ‘mar’ não está

ligada por relação alguma anterior à sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual [...]”. Para o linguista, a prova de que não há motivação na relação entre significante e significado é justamente a diferença entre as línguas: se, em português, a ideia de ‘mãe’, por exemplo, está ligada ao significante *m-ã-e*, em outras línguas liga-se a significantes distintos, tais como *m-o-t-h-e-r*, *m-a-d-r-e*, etc.

Há duas questões a respeito do arbitrário que devem ser consideradas aqui. A primeira delas diz respeito à sua própria definição: afirmar que o signo linguístico é arbitrário significa dizer que ele é convencional ou imotivado? É comum que “convencional” e “imotivado” sejam tomados como equivalentes, sendo que, na verdade, não é isso que ocorre. Para De Mauro (1967), inclusive, é justamente essa confusão que fez com que o princípio da arbitrariedade fosse alvo de debates calorosos no século XX⁵. De acordo com ele, o termo “convencional”

[...] foi cuidadosamente evitado por Saussure em 1894 e depois, com motivações teóricas, na medida em que destaca, com razão, que o convencionalismo implica necessariamente uma concepção do significado e do significante como dois fatos sob os quais opera secundariamente a convenção humana para lhes associar. (De Mauro, 1967, p. 442, tradução nossa)⁶.

Se se considera, nesse sentido, que é pela convenção humana que se dá a associação entre significante e significado, parte-se, então, de uma concepção de língua como nomenclatura, que é

⁵ Dentre esses debates, podemos citar os artigos de Pichon (1937), Benveniste (1939) e Bally (1940). Para considerações a respeito desse tema, conferir Henriques (2012).

⁶ “ [...] est soigneusement évité par Saussure em 1894 et ensuite, avec des motivations théoriques, dans la mesure où il signale avec juste raison que la conventionnalité implique nécessairement une conception du signifié et du signifiant comme deux faits sur lesquels opère secondairement la convention humaine pour les associer.”

justamente aquela que Saussure combate. O arbitrário deve ser considerado enquanto um conceito que exprima “a inexistência de razões naturais, lógicas, etc. na determinação das *articulações* da substância acústica e semântica.” (De Mauro, 1967, p. 443, tradução nossa⁷).

A segunda questão relacionada ao arbitrário é que pensamos que, na perspectiva saussuriana, a afirmação de que o arbitrário é interno ao signo, na relação entre significante e significado, não implica dizer que não há uma arbitrariedade externa, ou seja, um arbitrário filosófico, localizado na relação entre signo e objeto. O que deve ser considerado é que esse arbitrário filosófico não importa ao funcionamento interno do sistema e, além disso, é bastante difícil de ser recuperado, no sentido de que não é possível retomarmos o momento em que os nomes foram dados às coisas. Nas palavras de Saussure (2012, p. 112)

A qualquer época que remontemos por mais antiga que seja, a língua aparece sempre como uma herança da época precedente. O ato pelo qual, em dado momento, os nomes teriam sido distribuídos às coisas, pelo qual um contrato teria sido estabelecido entre os conceitos e as imagens acústicas — esse ato podemos imaginá-lo, mas jamais foi ele comprovado. A ideia de que as coisas poderiam ter ocorrido assim nos é sugerida por nosso sentimento bastante vivo do arbitrário do signo.

Deve-se ressaltar que, em outros documentos saussurianos, tais como o manuscrito *Notes Item. Sôme et sème*, o linguista genebrino se questiona a respeito da relação entre os nomes e os objetos. Para ele, os nomes próprios e geográficos, signos que, por definição, estabelecem uma relação com mundo, poderiam ser considerados como exemplos do “caso mais grosseiro da

⁷ “[...] l’inexistence de raisons naturelles, logiques, etc., dans la détermination des *articulations* de la substance acoustique et sémantique.”

semiologia”, que consistiria na existência de um terceiro elemento na constituição do signo linguístico⁸.

O que se depreende, até o momento, é que o arbitrário pode ser considerado enquanto detentor de um papel importante no constructo teórico saussuriano. E isso porque ele assume uma função de premissa do funcionamento linguístico e da própria concepção de língua. É por isso que, pensando inclusive na noção de língua como um sistema herdado, do qual não se consegue recuperar a origem, é que nos deteremos, no próximo tópico, no caráter mutável e imutável do signo linguístico.

O ARBITRÁRIO: A MUTABILIDADE E IMUTABILIDADE

A citação mobilizada no tópico anterior, que versa sobre o fato de que sempre recebemos a língua como uma herança da época precedente, indica de antemão a relação do arbitrário linguístico com a continuidade e a mudança da língua. Antes de começarmos a explicitar essa relação, entretanto, é conveniente que retomemos De Mauro (1967), no que concerne ao entendimento de alguns autores a respeito anti-historicidade das elaborações saussurianas. De acordo com ele,

Ao ler essas páginas, dificilmente acreditamos que Saussure tenha sido considerado, ou frequentemente, culpado de ser o criador de uma linguística anti-histórica e virginal, de uma visão da língua como sistema estático, fora da vida social e da duração histórica. É, no entanto, esse fantasma que muitas vezes combatemos no lugar de Saussure. (De Mauro, 1967, p. 448, tradução nossa)⁹.

⁸ Não nos deteremos no caso dos nomes próprios e geográficos, tendo em vista que extrapola os limites deste artigo, mas sugere-se a consulta a Henriques (2021), em que há uma discussão acerca da relação entre signo e referente nas elaborações saussurianas.

⁹ "En lisant ces pages, on a peine à croire que Saussure ait été loué ou plus souvent blâmé comme le créateur d'une linguistique anti-historique et virginale, d'une vision de la langue comme système statique, hors de la vie sociale et de la

As páginas às quais De Mauro se refere são as que entraremos a seguir e que dizem respeito à mutabilidade e à imutabilidade do signo. A princípio pode parecer que esses dois movimentos são contraditórios, o que é apontado pelos editores em nota de rodapé. Entretanto, pensamos que é justamente em virtude da arbitrariedade que essa contradição não se sustenta. Já no início do capítulo, Saussure (2012 [1916], p. 111) afirma que

Se com relação à ideia que representa, o significante aparece como escolhido livremente, em compensação, com relação à comunidade linguística que o emprega, não é livre, é imposto. Nunca se consulta a massa social nem o significante escolhido pela língua poderia ser substituído por outro. Esse fato, que parece encerrar uma contradição, poderia ser chamado familiarmente de ‘a carta forçada’.

Há, nesse sentido, a retomada do arbitrário na medida em que não há motivação na escolha de um significante para determinada ideia, o que é dito no capítulo destinado à natureza do signo linguístico. Entretanto, o que se percebe é que a partir do momento em que a união entre significante e significado acontece, ela se torna necessária, ou seja, seu vínculo não é desfeito a qualquer momento ou por qualquer motivo.

Isso nos faz entender melhor a afirmação saussuriana de que a língua é uma instituição social, mas não como as outras¹⁰. No manuscrito *Notes pour un article sur Whitney* (1894), Saussure nos diz que “As outras instituições, com efeito, são todas baseadas (em graus diversos) sobre as relações NATURAIS das coisas, sobre uma conformidade entre [] como princípio final”. (Saussure, 1894 apud Engler, 1974). Ora, é justamente por ser arbitrária que a língua se coloca enquanto imutável aos olhos do falante: a relação entre significante e significado não se baseia em

durée historique. C’est pourtant ce fantôme qu’on a trop souvent combattu au lieu de Saussure”.

¹⁰ (cf. Saussure, 2012 [1916], p. 41).

uma norma razoável, que permita, por exemplo, que um falante sozinho modifique um signo. Para Saussure (2012 [1916], p. 113),

Pode-se, por exemplo, discutir se a forma monogâmica do casamento é mais razoável do que a forma poligâmica e fazer valer razões para uma e outra. Poder-se-ia também discutir um sistema de símbolos, poiso símbolo tem uma relação racional com o significado, mas para a língua, sistema de signos arbitrários, falta essa base; e com ela desaparece todo terreno sólido de discussão; não existe motivo algum para preferir *soeur* a *sister* ou a *irmã*, *ochs* a *boeuf* ou a *boi*.

Nesse sentido, é justamente por se caracterizar enquanto um sistema arbitrário complexo, utilizado pelos falantes de uma língua sem que haja uma reflexão em sua prática, que a língua pode ser considerada imutável. Entretanto, enquanto instituição transmitida de geração a geração, deve-se considerar também que ela se altera a partir do momento em que a massa falante a utiliza inserida no tempo. É aqui que, como apontam os editores, encontramos o aparente paradoxo de que a língua é imutável e mutável ao mesmo tempo, o que, a nosso ver, pode ser explicado na medida em que consideramos o arbitrário do signo, em conjunto com outros aspectos. Como aponta o linguista, “a língua está em condição de alterar-se porque se continua” (Saussure, 2012 [1916], p. 115).

Dentre esses aspectos, temos o tempo e a massa falante. Concomitante ao fato de que é o uso de uma língua no tempo que assegura sua imutabilidade e conseqüente transmissão de uma geração a outra, é também ele que possui como efeito a possibilidade de alteração dos signos linguísticos. Não obstante, pensar apenas o tempo enquanto responsável pela mudança da língua não é o bastante. Uma língua não sofreria nenhuma alteração no tempo, caso não fosse utilizada por uma massa falante e, da mesma maneira, não haveria modificações se se tomasse somente a língua e a massa falante sem se considerar sua

marcha no tempo. Nesse sentido, Saussure (2012 [1916], p. 118) nos diz que,

Se se tomasse a língua no tempo, sem a massa falante – suponha-se o indivíduo isolado que vivesse durante vários séculos – não se registraria talvez nenhuma alteração; o tempo não agiria sobre ela. Inversamente, se se considerasse a massa falante sem o tempo, não se veria o efeito das forças sociais agindo sobre a língua.

Assim, considerando essa dialética do mutável e imutável e o papel desempenhado pela massa falante e o tempo na transmissão e mudança da língua, é interessante que pensemos em que sentido o arbitrário incide nessa relação. Para Saussure (2012 [1916]), uma das consequências do arbitrário é justamente a impossibilidade da língua de se defender dos fatores que possam vir a lhe modificar. Por outro lado, também vimos que é também por causa da relação imotivada entre significante e significado, que um falante pode alterar sequer um signo na língua: “está atado à língua tal como ela é”. Assim, parece-nos perceptível o caráter fundamental que o princípio da arbitrariedade possui em relação à mutabilidade e imutabilidade de língua. Isso nos leva ao último ponto de nossa explanação, a saber, a relação estabelecida entre o princípio primeiro de funcionamento da língua e o valor linguístico.

O ARBITRÁRIO: O VALOR LINGUÍSTICO E O MECANISMO DA LÍNGUA

O capítulo destinado ao valor linguístico tem como fonte principal lições do terceiro curso de linguística geral ocorridas entre 30 de junho e 4 de julho de 1911. De Mauro (1967, p. 461) nos diz que, nesse momento, os alunos de Saussure já estavam preparados para ter contato com os pontos mais árduos de sua teoria da língua. Isso nos faz pensar que, didaticamente, o valor pode ser considerado um dos conceitos saussurianos que só é de

fato apreendido, a partir do momento em que pontos teóricos anteriores tenham sido assimilados.

Essa nos parece ser a primeira pista para pensar em que sentido o arbitrário incide nessa elaboração teórica. O primeiro ponto que nos chama a atenção encontra-se no tópico destinado a explicar a língua como pensamento organizado na matéria fônica. Aqui, ressaltamos o seguinte trecho:

Psicologicamente, abstração feita de sua expressão por meio de palavras, nosso pensamento não passa de uma massa amorfa e indistinta. Filósofos e linguistas sempre concordaram em reconhecer que, sem o recurso dos signos, seríamos incapazes de distinguir duas ideias de modo claro e constante. Tomado em si, o pensamento é como uma nebulosa em que nada está necessariamente delimitado. Não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua. (Saussure, 2012 [1916], p. 158).

A citação acima nos é importante, pois indica, concomitantemente, um deslocamento teórico, um indício da incidência do arbitrário e o papel da coletividade na transmissão da língua. O deslocamento teórico concerne à relação entre pensamento e língua: alguns estudiosos – dentre eles filósofos - defendiam que o pensamento é anterior à língua, o que implica pensar que esta é uma representação daquele. Para Saussure, não é assim que acontece, tendo em vista que não há pensamento organizado antes da língua. Ora, nesse sentido não é possível conceber a língua enquanto uma representação, mas sim como um fator determinante para a organização do pensamento.

Por outro lado, cabe nos perguntar de que forma esse sistema seleciona uma porção da massa amorfa das ideias e a liga com uma porção da massa amorfa dos sons. Estamos aqui diante de duas cadeias, sendo uma dos significantes e outra dos significados, mas que só serão constituídas enquanto tal a partir do momento em que a língua as organiza e as relaciona. É nesse ponto que vemos a incidência do arbitrário:

Não só os dois domínios ligados pelo fato linguístico são confusos e amorfos, como a escolha que se decide por tal porção acústica para essa ideia é perfeitamente arbitrária. Se esse não fosse o caso, a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora. Mas, de fato, os valores continuam a ser inteiramente relativos, e eis porque o vínculo entre a ideia e o som é radicalmente arbitrário. (Saussure, 2012, p. 160).

A relação entre arbitrário e valor é dada de forma explícita no trecho acima. Entretanto, devemos nos deter um pouco mais em seu conteúdo, considerando os apontamentos colocados por De Mauro (1967, p. 464. De acordo com ele, a última frase é um exemplo de redação infeliz por parte dos editores, tendo em vista que o fato de os valores serem relativos é colocado como a causa do arbitrário radical entre a ideia e o som. Na verdade, o que se percebe nos cadernos dos alunos é o contrário. Vejamos a diferença¹¹:

[...] Mais en fait les valeurs restent entièrement relatives, et voilà pourquoi le lien de l'idée et du son est radicalement arbitraire. (Saussure, 2005, p. 157).

Mais les valeurs restent parfaitement relatives parce que le lien est parfaitement arbitraire. (Dégallier apud Engler, p. 254).

O que se vê, desse modo, é o arbitrário enquanto uma condição fundamental para que os signos sejam relacionais e não o contrário. Isso nos parece mais coerente com a teorização saussuriana, a partir do momento em que consideramos que se o laço entre significante e significado é arbitrário não há nada que o signo carregue por si mesmo; ele é, na verdade, negativo e diferencial. Ademais, a língua só exerce esse papel de

¹¹ Para evidenciar essa diferença, tivemos que utilizar as citações no francês. Utilizou-se a Edição de Tullio de Mauro no que se refere ao conteúdo do CLG e a Edição de Engler para ter acesso às anotações de Dégallier.

intermediária entre o pensamento-som, a partir do momento em que é transmitida pela coletividade. Temos, desse modo, uma relação entre o arbitrário e o aspecto social da língua, o que nos remete à imutabilidade do signo explicitada anteriormente.

Faz-se necessário ainda um último apontamento. Até o momento o arbitrário que está em questão é aquele chamado de absoluto, ou seja, em que não há nenhuma motivação entre o significante e o significado. Entretanto, se partimos de que é a relação entre os signos no sistema que faz com que eles adquiram valor, devemos considerar que essa relação incide também no arbitrário linguístico. É nesse ponto que chamamos à baila os eixos associativo e sintagmático.

No Capítulo V, logo após as considerações sobre o valor, Saussure (2012 [1916], p. 171), nos explicita que as relações estabelecidas entre os signos se organizam em dois eixos, sendo que cada um deles “é geradora de uma certa ordem de valores”, estando ligados à nossa atividade mental. Assim,

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. [...] Por outro lado, fora do discurso, que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas. (Saussure, 2012 [1916], p. 171-172).

De antemão, o que nos chama a atenção aqui é que cada um desses eixos possui um escopo: a fala e a memória. O primeiro eixo é o sintagmático, presente no discurso e, desse modo, relacionado ao princípio da linearidade, que consiste no fato de que um significante se encontra em uma cadeia, não podendo ser sobreposto a outro. O segundo eixo, por sua vez, é o associativo, e

está localizado na memória, fora do discurso. Ele organiza grupos que se relacionam no que diz respeito à forma, ao sentido, etc¹².

O funcionamento simultâneo dessas duas ordens tem como consequência a limitação do arbitrário. Nesse sentido, Saussure (2012 [1916]) nos indica que apenas uma parte dos signos da língua são radicalmente arbitrários; os demais possuem uma arbitrariedade relativa, ou seja, eles possuem uma motivação na relação entre significante e significado. Aqui, entretanto, deve-se ressaltar que essa motivação é interior à língua, dada pela relação entre os signos, e não exterior, como aquela encontrada entre nomes e objetos em uma perspectiva naturalista¹³. Assim, Saussure (2012 [1916], p. 180) nos diz que:

[...] *vinte* é imotivado, mas *dezenove* não o é no mesmo grau, porque evoca os termos dos quais se compõe e outros que lhe estão associados, por exemplo, *dez*, *nove*, *vinte e nove*, *dezoito*, *setenta* etc.; tomados separadamente, *dez* e *nove* estão nas mesmas condições que *vinte*, mas *dezenove* apresenta um caso de motivação relativa.

A noção de relativamente motivado está, então, ancorada na relação entre os signos no interior do sistema: pressupõe uma análise tanto no âmbito sintagmático – no discurso – quanto associativo – na memória. Isso nos indica um ponto interessante a respeito da teorização saussuriana: o arbitrário, sendo o princípio primeiro do funcionamento linguístico é também afetado por este em proporções que variam de língua para língua. É por tal motivo que o linguista nos indica que, apesar de a língua repousar sobre o princípio do arbitrário, “o espírito logra introduzir um princípio

¹² Saussure (2012 [1916], p. 172), nos diz que “A relação sintagmática encontra-se *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes em uma série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual”.

¹³ É conveniente aqui que “naturalista”, neste contexto, não se refere à perspectiva teórica encontrada no século XIX, em nomes como A. Schleicher, por exemplo, mas sim às posições referentes ao arbitrário linguístico pertencentes à Antiguidade Clássica.

de ordem e de regularidade em certas partes da massa dos signos". (Saussure, 2012 [1916], p. 181).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, tivemos como objetivo principal explicitar o arbitrário na perspectiva saussuriana. Para isso, iniciamos com a explicitação do deslocamento teórico realizado por Saussure em relação a esse princípio: se, na antiguidade, o arbitrário era considerado na relação entre nome e objeto, a partir do linguista suíço ele passa a se encontrar entre o significante e o significado, no interior da língua.

Disso decorre que, para nós, a arbitrariedade se torna um axioma da teoria saussuriana: uma proposição fundamental a partir da qual todo o arcabouço teórico se constrói. Para tornar evidente o papel dessa proposição, mobilizamos alguns aspectos do funcionamento linguístico, tais como a própria definição de língua, a mutabilidade e a imutabilidade do signo e, por fim, a teoria do valor. Deve-se ressaltar, entretanto, que a incidência do arbitrário não se restringe aos aspectos tratados neste artigo. Como bem aponta Engler (1962), ele também é encontrado em pontos relacionados à Linguística Diacrônica, tais como as mudanças fonéticas e a analogia. Essa incidência somente corrobora aquilo que afirmamos no decorrer deste artigo: esse princípio ocupa um lugar central na teorização de Ferdinand de Saussure.

Apesar dessa centralidade, há também uma incerteza: o arbitrário não é contestado por ninguém, mas é difícil assinalar o lugar que lhe cabe. Vimos alguns dos lugares em que ele se apresenta e o impacto que isso traz ao sistema, entretanto ainda nos parece haver mais a se falar sobre a arbitrariedade. É nessa perspectiva que percebemos a necessidade, do ponto de vista epistemológico, de se perguntar a respeito do alcance e dos limites desse princípio nas elaborações saussurianas, tendo em vista que por meio dessa análise é possível chegar cada vez mais ao funcionamento da língua.

REFERÊNCIAS

- BALLY, C. L'arbitraire du signe: valeur et signification. *Le français moderne*, ano 8, n. 3, juin/juillet 1940. p. 193-206.
- BENVENISTE, E. A natureza do signo linguístico. In: *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- DE MAURO, T. Notes. In: SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale: édition critique par Tullio de Mauro*. Paris, Payot, 1986.
- ENGLER, R. Théorie et critique d'un principe saussurien: l'arbitraire du signe. *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Revue suisse de linguistique générale, n.19. Genève: Librairie Droz S.A., 1962. p. 5-66.
- GADET, F. **Saussure**: une science de la langue. Paris: Press universitaire, 1990. 128 p.
- HENRIQUES, S. M. O princípio da arbitrariedade e a referência em Ferdinand de Saussure. *Revista e-escrita*. V.3, n. 1 B, Nilópolis, 2012. p. 189-202.
- HENRIQUES, S. M. O caso mais grosseiro da semiologia: o que Saussure pode nos dizer sobre os nomes próprios?. Campinas: Editora da Abralin, 2021.
- PICHON, E. La linguistique en France: problèmes et méthodes. *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*. Paris, v.34, p.25-48, 1937.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. C. Bally e A. Sechehaye (orgs) com colaboração de A. Riedlinger, trad. A. Chelini, J. P. Paes e I. Blikstein, São Paulo: Cultrix, 1979.
- SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. C. Bally e A. Sechehaye (orgs) avec la collaboration de A. Riedlinger. Édition critique préparée par Tullio de Mauro. Paris: Payot & Rivages, 1967.
- SAUSSURE, F. *Cours de linguistique générale*. C. Bally e A. Sechehaye (orgs) avec la collaboration de A. Riedlinger. Édition critique préparée par Rudolf Engler. Otto Harrassowitz - Wiesbaden; 1968-1989. 515 p.

Capítulo 7

O PRINCÍPIO DA LINEARIDADE: UM CONCEITO ESTRUTURANTE DA LINGUÍSTICA SAUSSURIANA

Jomson Teixeira da Silva Valoz¹

INTRODUÇÃO

O conceito de linearidade ocupa um lugar um tanto quanto diferente na teorização saussuriana, uma vez que não obteve a mesma sorte de outros conceitos, ainda que no *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG ou *Curso*), apareça textualmente como um princípio do signo linguístico ao lado do conceito de arbitrariedade, assim como um princípio da língua quando Saussure trata dos eixos sintagmático e associativo. Embora

¹ Professor Adjunto de Linguística e Práticas de Ensino na Universidade de Pernambuco (UPE), campus Garanhuns. Realizou estágio de Pós-doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre e Doutor em Linguística. Atualmente, é professor permanente do Mestrado Profissional em Letras na UPE, campus Garanhuns. Compõe a liderança do Grupo de Pesquisa em Variação, Avaliação subjetiva, Ensino de Língua Portuguesa e Teorias Linguísticas - VAELP.TL/CNPq- (UPE). É membro do Grupo de Pesquisa Ferdinand de Saussure (CNPq), na linha de pesquisa "Epistemologia saussuriana e seus desdobramentos" E do Grupo de Trabalho "Estudos Saussurianos" da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). É membro do Núcleo de Estudos Queer e Decoloniais NuQueer (UFRPE). Coordena o projeto de pesquisa "Retorno a Ferdinand de Saussure através do Curso de Linguística Geral e dos Escritos de Linguística Geral".

alguns estudiosos de Saussure tenham abordado este princípio, parece que esse foi destacado muito mais como ponto de crítica à teorização saussuriana, do que como um conceito estruturador em relação à teorização do mestre genebrino sobre a língua. Testenoire, por exemplo, destaca que

A centralidade do conceito não se manteve no destino do saussurismo, no século XX. A disparidade do tratamento reservado àqueles dois princípios fundamentais é patente: a linearidade não conheceu a fortuna da arbitrariedade, nem suscitou tantas controvérsias. A reivindicação de uma Linguística saussuriana no século XX repousa, de fato, sobre um pequeno número de axiomas além da arbitrariedade do signo, as distinções língua/fala, sincronia/diacronia, as noções de sistema e de valor – de que a linearidade parece não fazer parte. (Testenoire, 2017, p. 90).

Neste capítulo, então, objetivamos apresentar a ideia segundo a qual o princípio da linearidade se apresenta como um conceito epistemológico e, assim, estruturante da linguística saussuriana. Para tanto, seguindo os passos de Testenoire (2010; 2017), e colocamos em tela o princípio da linearidade no CLG, buscando desfazer o tratamento que consideramos (Silva Filho, 2018) ser insuficiente/ingênuo em relação a ele, destacando-o como um conceito fundante e estruturante da teorização saussuriana. Tomamos como obra central para a discussão, o *Curso de Linguística Geral* (2004 [1916]), estendendo a análise a outros textos de Saussure como o *Escritos de Linguística Geral* (2004), assim como aos comentadores da fortuna saussuriana.

O CONCEITO DE LINEARIDADE NO CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

No capítulo seis deste volume, ao tratar do conceito de signo, Flores destaca que ao se estabelecer o estudo do signo linguístico, deve-se levar em consideração duas características: a arbitrariedade e o caráter linear do significante. Sobre a primeira

característica, remetemos o leitor ao capítulo sete de Henriques, também neste volume.

Como anunciamos anteriormente, trataremos neste momento especificamente do princípio da linearidade. É no capítulo um da primeira parte do CLG (onde são apresentados os “princípios gerais”) que Saussure, ao abordar a “natureza do signo linguístico” discute sobre a arbitrariedade e a linearidade. Em relação ao caráter linear do significante, este é considerado por Saussure o segundo princípio do signo linguístico sendo anunciado junto à arbitrariedade como uma característica primordial.

Saussure introduz sua argumentação em relação ao signo linguístico questionando a noção de língua como nomenclatura. O mestre genebrino conceitua o signo linguístico como uma entidade psíquica de duas faces (p. 80). O signo é, então, a totalidade da combinação de um conceito e de uma imagem acústica (p. 81). Após estabelecer sua definição de signo linguístico para diferenciá-lo da noção de signo filosófico, o genebrino enumera suas duas características.

Contudo, mesmo entendendo que esses dois princípios são primordiais (p. 81), a diferente abordagem estabelecida entre eles parece dar mais importância ao primeiro princípio. Sobre este, Saussure faz algumas afirmações categóricas: “o princípio da arbitrariedade não é contestado por ninguém”; “domina toda a linguística da língua”; “suas consequências são inúmeras”. Além disso, o genebrino apresenta argumentos contra as objeções que poderiam ser feitas ao princípio da arbitrariedade, quais sejam, as onomatopeias e as exclamações (p. 83).

Para o segundo princípio, no entanto, Saussure dedica apenas três parágrafos. Inicia afirmando que “o significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) *representa uma extensão*, e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha*” (p.84, itálicos do autor).

É o próprio Saussure quem ainda ressalta, em continuação, que esse princípio é evidente, mas que foi negligenciado porque foi sempre considerado muito simples, ao que contesta: “ele é fundamental e suas consequências são incalculáveis; sua importância é igual à da primeira lei. **Todo o mecanismo da língua depende dele**” (p. 84, destaque nosso).

O anúncio do princípio da linearidade nesse primeiro momento no CLG se dá de forma sucinta e se referindo apenas ao significante. Este último fato alicerça a crítica de Jakobson (1962) para quem o caráter linear do significante não leva em conta a simultaneidade dos traços distintivos dos fonemas. O modo como o erudito genebrino discute o princípio tem como consequência duas críticas principais: uma oriunda da fonologia de Praga; outra da descoberta dos textos anagramáticos. Como lemos em Testenoire (2017), essas “duas críticas, frequentemente retomadas e compartilhadas, ilustram as ambiguidades induzidas pelo tratamento demasiado sucinto do segundo caráter primordial do signo, no CLG” (p. 91).

No entanto, em outro momento, a linearidade reaparece, mas agora em relação ao próprio funcionamento da língua. Ao remeter o leitor à página 142, Saussure argumenta que todo o mecanismo da língua depende desse princípio.

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter *linear da língua*, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se aliam um após outro na cadeia da fala. Tais combinações, **que se apoiam na extensão**, podem ser chamadas sintagmas. (CLG, p. 142).

Vejamos. Segundo Saussure, como fica evidente no trecho acima, o caráter linear agora não diz respeito apenas ao significante, mas a língua em seu funcionamento discursivo. Observamos então uma questão epistemológica em relação ao conceito mesmo de língua e sua relação com a fala, pois é na fala

que os elementos da língua se alinham como uma cadeia formando sintagmas. Semelhantemente ao que argumenta o autor em relação à natureza do signo linguístico, quando diz que os significantes acústicos se apresentam um após o outro, formando uma cadeia, Saussure ao tratar, dos eixos de funcionamento da língua, ressalta que no eixo sintagmático a relação entre os signos, se dá também por meio de uma linha, de uma extensão, formando também cadeias e por isso, o sintagma é sempre formado por duas ou mais unidade significativas, ainda que internamente a uma palavra, como exemplifica o autor com o termo “re-ler”. Essa questão epistemológica pode também ser confirmada quando Saussure afirma que, em relação ao domínio do sintagma, não há um limite categórico entre a língua e a fala, ou entre o fato de língua e o fato de fala.

A RECEPÇÃO DO PRINCÍPIO DA LINEARIDADE

Retomemos o que afirma Saussure sobre o princípio da linearidade: No CLG (2004 [1916]), Saussure nos diz:

O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão, e b) essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha (p.84, destaques do autor).

Mesmo aparecendo com destaque no CLG, embora reconheçamos que de modo muito abrupto, esse princípio não foi reclamado pelas teorias da linguagem nos séculos XX e XXI, como foram, por exemplo, a arbitrariedade, e outros conceitos que fazem parte do cabedal teórico saussuriano. Testenoire (2017) afirma que essa (não) recepção do princípio da linearidade não se deve ao modo de produção do CLG como obra póstuma ou devido à transmissão “caótica” do pensamento de Saussure, mas a forma sucinta como foi anunciado. O linguista francês chega mesmo a afirmar que “em momento algum de sua recepção ele é

apreendido como um princípio estruturador da linguística saussuriana” (Testenoire, 2017, p. 90).

O autor ainda nos lembra de que mesmo nas resenhas que sucederam às primeiras edições do CLG, o termo “linearidade” se quer aparece. Testenoite (2017) exemplifica em nota de rodapé (nota 2, p. 90), que pesquisadores importantes como Meillet, Vendryes, Schuchardt, Sechehaye e Bloomfield que publicaram suas resenhas ainda entre 1916 e 1924, reunidas por Normand (1978), não mencionam a linearidade, uma vez que é a definição de língua *versus* fala que é principalmente e, quase sempre, abordada.

Mesmo no caso daqueles que defendem a substituição do CLG pelos manuscritos encontrados na segunda metade do século XX – Bouquet (2000), por exemplo, afirma que o CLG deturpa o verdadeiro pensamento de Saussure –, o princípio da linearidade ainda aparece como conceito marginal da estruturação da teorização de saussuriana.

Retomando as duas críticas ao princípio da linearidade conforme introduzidas no início deste texto, relembremos que Roman Jakobson se apresenta como um dos críticos mais ferozes do princípio da linearidade, apoiado principalmente na concepção de fonema de Saussure, que segundo Jakobson, não considera a simultaneidade de traços distintivos, por isso Jakobson (1962) e Jakobson & Waugh (1980) citados por Testenoire (2017), afirmam que “o princípio da linearidade do significante é um “círculo vicioso”, apontando que Saussure carrega esse princípio do “empirismo ingênuo” dos neogramáticos.

O aparecimento nos anos 60 dos manuscritos dos anagramas se apresenta como outro ponto de crítica importante. Souza (2012), em sua dissertação de mestrado sobre os anagramas, afirma que “para alguns autores como Kristeva (1968), Choi (1996), Wunderli (2004) e outros, o signo linguístico nos anagramas se encontra numa outra dimensão que não a linearidade habitual dos signos na língua” (p. 113).

Dessa forma, os autores citados por Souza (2012) parecem corroborar o que defende Jakobson (1973) quando este afirma que

os anagramas de Saussure o libertarismo do princípio da linearidade, pois

O anagrama poético viola as duas ‘leis fundamentais da palavra humana’ proclamadas por Saussure: a da ligação codificada entre significante e significado, e a da linearidade dos significantes. Os meios da linguagem poética têm condições de nos colocar ‘para fora da ordem linear’ (MF, p. 255) ou, como resume Starobinski, “saímos do tempo da ‘consecutividade’ próprio à linguagem habitual” (Jakobson, 1973 *apud* Testenoire, 2017, p. 91).

Independente do modo como o conceito de linearidade tenha sido recebido pelos estudiosos de Saussure, o que se pode concluir é que todas as ambiguidades e até mesmo o “descaso” com aquilo que foi chamado de “princípio” pelo mestre genebrino, deve-se basicamente ao modo sucinto como esse princípio foi exposto no CLG, o que justifica a retomada deste ponto da teorização saussuriana a partir de outros textos do autor, já que como afirma Testenoire (2017, p. 92) “convém, assim, reexaminar, as diferentes aplicações do conceito, cuja síntese operada por Charles Bally e Albert Sechehaye resolve apenas imperfeitamente”.

A EXTENSÃO DO PRINCÍPIO DA LINEARIDADE À LÍNGUA

Na primeira seção, destacamos o fato de que Saussure afirma que todo mecanismo da língua depende do princípio da linearidade (CLG, p. 84). Em relação ao signo, diz ele que, o segundo princípio apresenta o “caráter linear do significante” e acrescenta que

Este princípio é evidente, mas parece que sempre se negligenciou enunciá-lo, sem dúvida porque foi considerado demasiadamente simples; todavia, ele é fundamental e suas consequências são incalculáveis; sua importância é igual à da primeira lei. *Todo o mecanismo da língua depende dele* (CLG, p. 84, destaque nosso).

Percebemos que, embora numa discussão muito breve em que Saussure anuncia o segundo princípio, ele demarca consequências excepcionais, igualando esse princípio ao primeiro e, ainda, afirmando a dependência de todo mecanismo da língua, o que nos leva a entender que mesmo falando apenas do signo nesse momento, Saussure já começa a elaborar a ideia de que a linearidade também é um princípio da língua.

Recorremos mais uma vez a Testenoire. O autor destaca que trazer de volta a discussão sobre o princípio da linearidade, exige que se retome os cadernos dos estudantes que participaram dos Cursos. Ao historicizar o aparecimento de termos como 'linear', "linearidade" nas anotações dos cadernos desses alunos, Testenoire (2010) assevera que a segunda ocorrência da menção ao princípio da linearidade acontece quando o genebrino vai tratar especificamente da linguística sincrônica para introduzir as noções de relações sintagmáticas e associativas, tratando mais uma vez da linearidade, mas referindo-se à língua. Sobre isso, retomemos as palavras de Saussure:

As relações e as diferenças entre os termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas, cada uma das quais é geradora de certa ordem de valores; [...] De um lado no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no *caráter linear da língua*, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. (CLG, p. 142, destaque nosso).

Notamos haver uma dificuldade em relação a esse conceito devido às oscilações a que ele se refere, ora ao caráter linear do significante, ora ao caráter linear da língua. Retomando seu estudo de (2010), Testenoire (2017) afirma que a dificuldade aumenta quando se analisa os cadernos dos estudantes: "Com efeito, de acordo com os cadernos de estudantes que assistiram aos três cursos, Saussure atribuiu sucessivamente, entre 1907 e

1911, um ‘caráter linear’ à língua, à cadeia da fala, ao signo linguístico e ao significante”. (p. 91).

Ainda assim, o caráter linear é relevante, pois toca diretamente o conceito de valor linguístico em sua totalidade, por isso entendemos que o conceito de linearidade é um conceito fundante para a noção de língua em Saussure, como estamos buscando argumentar.

Testenoire (2010) afirma que se o substantivo ‘linearidade’ não é atestado, o adjetivo ‘linear’ aparece mais de uma vez nas anotações realizadas pelos alunos nos três cursos de Genebra. Continuando sua análise cronológica, o autor elucida que no primeiro Curso de Linguística Geral ministrado por Saussure em 1907 na Universidade de Genebra, o termo ‘linear’ aparece em uma passagem dedicada às unidades linguísticas:

Toda sintaxe remonta a um princípio tão elementar que parece pueril evocá-lo: (é) o caráter linear d (a) língua. É aquilo que faz com que, em toda forma, haja um antes e um depois. Esse princípio é dado pela própria natureza das coisas: não posso representar a palavra a não ser (por uma só linha formada de partes sucessivas:) |—|—|—|—|—|—|—|—| (Tanto) no interior (no cérebro quanto na esfera da fala). (Vejo que nas duas esferas há) dois ordenamentos correspondentes a dois tipos de relações: por um lado, há uma ordem discursiva, que é (forçosamente) aquela de cada unidade (na frase ou na palavra (signi-fier)), em seguida uma outra, (a) ordem intuitiva (que é aquela das associações (como signifier, fero, etc.) que não estão no sistema linear, mas que a mente abraça de uma única vez.) (Saussure, 1996 *apud* Testenoire, 2017, p. 92).

O princípio da linearidade aqui é introduzido para se referir à incapacidade de se pronunciar dois elementos ao mesmo tempo, devido a uma questão articulatória. Essa questão também ficou marcada na edição de 1916 do CLG. Chama-nos a atenção o fato de que, no CLG, ao anunciar o princípio da linearidade em relação ao significante, Saussure afirma que “este princípio é evidente, mas parece que sempre se negligenciou enunciá-lo, sem dúvida,

porque foi considerado demasiadamente simples” (CLG, p. 84). Essa mesma constatação é feita em relação a toda sintaxe da língua, como percebemos no trecho anteriormente citado. Novamente Saussure ressalta que “o princípio é tão elementar que parece pueril evocá-lo”.

Em relação à linha fragmentada no trecho, Godel (1957) assevera que ela remonta à representação da cadeia acústica, o que faz o autor concluir que mesmo parecendo paradoxal, o caráter linear da língua se manifesta primeiramente no plano acústico-articulatório, ou seja, a linearidade observada no plano fonatório seria uma consequência da linearidade da língua, o que nos leva diretamente a concluir com Saussure que esse princípio está relacionado ao eixo sintagmático.

Haveria, então, duas manifestações do caráter linear da língua: uma manifestação acústico-articulatória que diz respeito à impossibilidade de pronunciar ou de ouvir simultaneamente dois elementos da língua e que estaria relacionada ao significante, e uma manifestação sintagmática quando se trata da impossibilidade de combinar as unidades da língua a não ser pela sucessividade, o que estaria relacionado à língua.

Na aula de 1908, a noção de linearidade é retomada a partir das unidades da língua:

Existe um caráter capital da matéria fônica não colocado suficientemente em destaque que é o de se apresentar a nós como uma cadeia acústica, o que provoca imediatamente o caráter temporal, que consiste em ter apenas uma dimensão. Poderíamos dizer que é um caráter linear: a cadeia da fala necessariamente se apresenta a nós como uma linha e isso tem uma imensa repercussão para todas as relações posteriores que se estabelecerão. (Saussure, 1997, p. 20 *apud* Testenoire, 2017).

Testenoire (2017) alerta que a linearidade “da língua” é introduzida no capítulo em que é abordada a questão das relações associativas e sintagmáticas. As primeiras se efetuam no cérebro

dos falantes, enquanto a segunda se efetua na cadeia da fala e são obrigatoriamente submetidas a uma ordem linear.

A linearidade sintagmática é reafirmada principalmente no capítulo 4 do CLG “sobre as unidades abstratas da língua”, mas é a linearidade do significante que causa as maiores discussões. Testenoire (2010) então conclui que de acordo com os cadernos de estudantes dos Cursos de Linguística Geral, a linearidade se mostra em três planos:

Na esfera da fala,

- uma linearidade devida à natureza acústica da substância da linguagem.

Na esfera da língua,

- uma linearidade que se manifesta no nível do significante;
- uma linearidade que se manifesta no nível das relações sintagmáticas. (p. 96).

Assim, Testenoire (2017) retoma as duas críticas ao princípio da linearidade que, segundo ele, serviria de base para a desconstrução desse princípio, a saber, a crítica de Jakobson e a pesquisa anagramática para concluir que:

Ao termo deste percurso, o conceito de linearidade aparece de modo mais coerente no âmbito do pensamento saussuriano do que puderam imaginar seus detratores. As duas objeções formuladas por Roman Jakobson – a objeção fonológica e a contradição entre os anagramas e o CLG – repousam em mal-entendidos, devidos, em parte, às vicissitudes da transmissão dos textos saussurianos e, em outra parte, ao programa de leitura jakobsoniano.

CONCLUSÃO

De acordo com o que acompanhamos na breve discussão aqui estabelecida, o princípio da linearidade comparece de forma controversa na teorização saussuriana. Língua, cadeia da fala,

signo, significante se revestem sucessivamente de um 'caráter linear'. A análise dos cadernos de estudantes, conforme nos apresenta Testenoire (2010, 2017), mostra que Saussure reconheceu uma linearidade na fala - não se poder pronunciar simultaneamente dois elementos - e na língua, a partir das relações sintáticas e sintagmáticas.

Entretanto, como bem nota Testenoire (2017), no último curso Saussure apresenta um importante aforismo: o princípio da linearidade do significante estabelece um elo entre a língua e a fala. Só é possível segmentar as palavras numa frase porque existe uma linearidade sintagmática; ao mesmo tempo, a linearidade acústico-articulatória da fala só é possível devido à linearidade do significante, porque ele é acústico.

Souza (2012), por sua vez, conclui: "De fato, o princípio da linearidade é uma lei inegável do signo linguístico e está ligado ao caráter temporal e de sucessão que cada unidade, seja fonema ou signo, possui na cadeia da língua e na realização da fala". (p. 113), ou seja, o princípio da linearidade constitui-se como um conceito fundante da teorização saussuriana, um princípio epistemológico, porque estabelece um elo entre a língua e fala, mostrando como esses dois conceitos estão intimamente ligados.

Concluimos, assim, que o princípio da linearidade não está vinculado apenas ao significante como parece à primeira vista, mas, por meio do funcionamento do eixo sintagmático da língua, esse princípio se apresenta internamente à rede conceitual de Saussure de forma que está teórica e epistemologicamente ligado à sua concepção de língua, sendo a partir desse princípio ser possível ao falante da língua segmentar as palavras numa frase.

A consequência teórica de se levar a cabo a máxima segundo a qual *todo mecanismo da língua depende do princípio da linearidade* se revela, para além do que já apresentamos neste capítulo, mais um indício de que a díade língua-fala, uma das dicotomias mais radicais e epistemologicamente intrigantes, não se apresenta como da ordem da exclusão de uma sobre a outra, mas como conceitos que se complementam de forma íntima. Ou seja, comprova mais

uma vez que é a noção de relação que baliza a rede conceitual saussuriana. Como afirma Marques (2016), embora as noções de língua e fala não se confundam, elas também não se excluem. O princípio da linearidade, parece-nos, se apresenta como uma evidência epistemológica dessa afirmação.

REFERÊNCIAS

- GODEL, R. *Les sources manuscrites du cours le linguistique générale de Ferdinand de Saussure*. Genève: Droz, 1957.
- MARQUES, A. C.M. *A noção de relação na teoria linguística de Ferdinand de Saussure*. 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2016.180>
- SAUSSURE. BOUQUET, S.; ENGLER, R. (Orgs. e Eds.). *Escritos de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SAUSSURE, F de. *Curso de Linguística Geral*. Tradução Antônio Chelini et al. 25ª edição. São Paulo: Cultrix, 2004[1916].
- SILVA FILHO, J. T. da. *Linearização e hierarquia: retomando o paradoxo posicional a partir do programa minimalista*. 2018. 146 f. Tese (doutorado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Maceió, 2018.
- SOUZA. M. O. *Os anagramas de Saussure: entre a poesia e a teoria*. Dissertação de mestrado. Universidade federal de Uberlândia, 2012.
- TESTENOIRE, Pierre-Yves. *Genèse manuscrite d'un principe saussurien. L'exemple de la linéarité*. Recto/Verso 6, 2010.
- TESTENOIRE, Pierre-Yves. *Ferdinand de Saussure à la recherche des anagrammes*. Limoges: Lambert-Lucas. 2013.
- TESTENOIRE. Pierre-Yves. A linearidade saussuriana em retrospecto. *I Cadernos de historiografia linguística do CEDOCH [livro eletrônico]: Por ocasião do centenário do Curso de Linguística Geral (1916) /organizadoras do volume: Cristina Altman, Lygia Testa-Torelli – São Paulo : FFLCH/USP, 2017.*

Capítulo 8

O VALOR LINGUÍSTICO

Alena Ciulla¹

INTRODUÇÃO

A teorização sobre o valor linguístico de Ferdinand de Saussure é talvez a sua principal contribuição para a linguística, pelo alcance da reflexão e porque distingue a sua linguística dos estudos do seu tempo. Neste capítulo, o intuito é o de ajudar a justificar essa afirmação, mas, sobretudo, o de reunir alguns pontos do *Curso de Linguística Geral* (doravante CLG) que ajudem a compreender a ideia de valor.

De acordo com Flores:

O valor é o conceito mais importante da teoria de Saussure; tudo o que o autor diz acerca da linguagem, da língua e das línguas converge para o *valor*: ele é um ponto de chegada de tudo o que o mestre construiu; ele contém todos os demais conceitos da teoria. Quem não entende o alcance e a profundidade dessa noção na obra saussuriana não dimensionou corretamente o pensamento do genebrino; essa é a sua maior originalidade no âmbito de sua linguística geral. Ou ainda, de maneira mais categórica: a linguística geral de Ferdinand de Saussure é a “Teoria do Valor Linguístico.”. (Flores, 2023, p.106)

¹Professora adjunta do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: alenacs@gmail.com

Para este estudo, observamos que é possível delinear um percurso de leitura do CLG, em que Saussure, para definir o signo, começa por derrubar teses anteriores e encaminha sua formulação para a questão do valor. Percebe-se um dos primeiros passos importantes desse movimento, na citação abaixo, por exemplo, quando é afastada a concepção de *símbolo*, que se encontrava impregnada na expressão *signo linguístico* pela tradição dos estudos anteriores a Saussure:

O símbolo tem como característica não ser jamais completamente arbitrário; ele não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado. O símbolo da justiça, a balança, não poderia ser substituído por um objeto qualquer, um carro, por exemplo. (CLG, p.82).

Também na primeira parte do CLG, no capítulo I, Saussure rejeita a abordagem da língua como nomenclatura. Essa concepção é rejeitada (e ilustrada pelo célebre esquema, em que se tem dois desenhos, representando uma árvore e um equino, e as palavras *arbor* e *equos*, escritas ao lado, correspondendo, respectivamente, aos desenhos, sugerindo uma lista de palavras e coisas) com a seguinte justificativa:

Tal concepção é criticável em numerosos aspectos. Supõe ideias completamente feitas, preexistentes às palavras (ver, sobre isso, mais adiante p.130); ela não nos diz se a palavra é de natureza vocal ou psíquica, pois *arbor* pode ser considerada sob um ou outro aspecto; por fim, ela faz supor que o vínculo que une um nome a uma coisa constitui uma operação muito simples, o que está longe de ser verdade. Entretanto, esta visão simplista pode aproximar-nos da verdade, mostrando-nos que a unidade linguística é uma coisa dupla, constituída da união de dois termos. (CLG, p.79)

São delineadas, nesse trecho, três importantes premissas a serem consideradas para compreender o que Saussure descarta de teses anteriores e o que leva em conta em sua concepção de

língua: as ideias não são dadas de antemão em relação às palavras; o vínculo que une uma palavra a uma coisa é efetivamente duplo, mas não é nem simples nem transparente; é preciso entender a língua em seu aspecto vocal e psíquico.

Ao longo de todo este capítulo, serão destacadas e comentadas passagens do CLG para compreender melhor essas questões e como que, para dar-lhes um encaminhamento, Saussure chega na Teoria do Valor.

Observamos, aliás, que a página 130 do CLG, entre parênteses na citação logo acima, remete justamente ao capítulo IV, *O Valor Linguístico*, em que se tem uma espécie de sumarização da reflexão vista, então, sob o viés do valor. Há, portanto, uma sinalização no próprio CLG de que é preciso compreender desde a formulação dos princípios que definem o signo, para que se tenha uma dimensão do conceito de valor em Saussure. Ao mesmo tempo, é o valor que permite constituir a própria unidade do signo, como veremos.

A UNIDADE DO SIGNO

O questionamento à tradição dos estudos é conduzido por Saussure, a partir das premissas, já mencionadas, de que: as ideias não são dadas de antemão em relação às palavras; o vínculo que une uma palavra a uma coisa é efetivamente duplo, mas não é simplesmente duplo; é preciso entender a língua em seu aspecto vocal e psíquico. Todas essas questões estão interrelacionadas e muito embricadas na reflexão de Saussure, como veremos a seguir. Por isso, não as trataremos em separado, mas seguiremos mais ou menos a sequência apresentada no CLG.

Para Saussure uma unidade linguística é dupla, porque “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica.” (CLG, p.80). Ora, um conceito tem natureza psíquica (nos termos de Saussure), e uma imagem acústica tem natureza vocal, mas nenhum deles diz respeito à coisa empírica no mundo. Saussure exclui, assim, a “coisa” de sua formulação para explicar

a língua. É descartada, dessa maneira, uma relação em que as palavras corresponderiam às coisas *a priori*, como etiquetas.² O signo é definido, então, como “uma entidade psíquica de duas faces” (CLG, p.80), constituído pela necessária relação entre uma imagem acústica e um conceito.

Saussure decide ajustar os termos, como se sabe, tornando-os mais precisos em sua reflexão: *imagem acústica* passa a ser *significante* e *conceito* passa a ser *significado*. A seguir é estabelecido o princípio da arbitrariedade, o que também se relaciona à rejeição da crença na língua como simples vínculo de etiquetagem das coisas: o laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou seja, aquilo que une o significado ao significante é imotivado. A ideia de “mar”, por exemplo, não está ligada por relação alguma à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante; essa ideia poderia ser representada igualmente bem por outra sequência. E assim acontece com todos os signos da língua.

Vê-se estabelecer, até aqui, algumas características do signo, isoladamente. Todavia, é preciso ressaltar que essa totalidade do signo, conforme proposta por Saussure, não equivale a uma unidade delimitada e acabada por si só. A unidade linguística não se dá, como em outras ciências, a partir de um objeto definido de antemão, imposto “de fora” (como o animal, na zoologia, ou o bicromato de potássio, na química), mas é preciso apreendê-la sempre no jogo de relações que se estabelece entre os signos na língua. Por exemplo,

² É importante notar que Saussure, com isso, não nega a inevitável relação entre palavras e coisas, mas sinaliza, em primeiro lugar, para uma falha da abordagem da nomenclatura em explicar a questão, pois ela “faz supor que o vínculo que une um nome a uma coisa constitui uma operação muito simples, o que está bem longe da verdade” (CLG, p.79). Sobre essa operação, cuja investigação estaria relacionada à referência e pertenceria a uma linguística da fala, no âmbito da reflexão de Saussure, há poucos registros deixados pelo mestre. Ademais, para o propósito deste capítulo, essa discussão será dispensada.

Quando alguém diz *vamos!*, pensa inconscientemente em diversos grupos de associação em cuja interseção se encontra o sintagma *vamos!* Este figura, por um lado, na série *vai! vão!*, e é a oposição de *vamos!* com essas formas que determina a escolha; por outro lado, *vamos!* evoca a série *subamos! comamos!* etc., em cujo interior é escolhida pelo mesmo procedimento; em cada série, sabemos o que é mister variar para obter a diferenciação própria da unidade buscada. Mude-se a ideia a exprimir, e outras oposições serão necessárias para fazer aparecer um outro valor; diremos, por exemplo, *vão!* ou *subamos!* (CLG, p.151)

Neste exemplo, são evidenciadas as relações entre termos que podem substituir-se entre si, não sem promover modificações, evidentemente: é o que Saussure chama de relações associativas. A unidade linguística de *vamos!* é definida de maneira diferencial e negativa em relação a todas as outras formas que poderiam substituí-la, por exemplo, *vai!*, *vão!*, que são flexões diferentes do mesmo verbo, e *subamos!*, *comamos!*, que são diferentes verbos com a mesma flexão. Em outras palavras, um enunciado como *vamos!* por si só, isoladamente, não significa, mas, sim, em relação a outras formas, como *vai!*, *vão!*, *vou!* etc. Conforme Normand (2009, p.75), aquilo “que chamamos, em geral, de ‘significação’ não é suficiente para dar conta do sentido empregado; este depende das escolhas que o sistema irá permitir”.

Outro exemplo de relações associativas são as que a palavra *ensinamento* pode evocar com *ensinar* e também com *educação* e *aprendizado*, ou ainda com *armamento*, *desfiguramento*, etc.: “por um lado ou por outro, todas têm algo de comum entre si.” (CLG, p.143). Todos os signos entram em relações dessa natureza (e aqui lembramos que não apenas palavras são signos, mas também unidades de outras dimensões, como prefixos, sufixos, marcas de declinação de nomes e de flexões de verbos, etc.) e só assim têm seu valor delimitado. Essa delimitação é, entretanto, fugaz, pois a cada novo enunciado, novas relações são evocadas e novos valores daí emergem.

Além das relações associativas, Saussure explica o jogo de relações a que estão sujeitos os signos no que diz respeito ao caráter linear da língua, em que os termos são encadeados, um após o outro, sem que haja a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Essa característica também tem uma implicação na determinação do valor, pois “colocado num sintagma um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos.” (CLG, p.142). Porque se trata de combinações consecutivas – ou, em um termo mais preciso, de *sintagmas* - Saussure batiza essas relações de *sintagmáticas*.

Saussure considera, então, que as relações e diferenças entre termos linguísticos se desenvolvem nessas duas esferas distintas, cada uma das quais, gerando certa ordem de valores. Para Saussure, as relações associativas e sintagmáticas “correspondem a duas formas de nossa atividade mental, ambas indispensáveis para a vida da língua.” (CLG, p.142).

De acordo com Arrivé (2007, p.40), “o verdadeiro estatuto do signo linguístico é constituído pelo valor que lhe é conferido pelos termos com os quais ele estabelece relações associativas e sintagmáticas.”.

Há ainda um problema, levantado por Saussure, sobre uma possível confusão entre “identidade” e uma “mesma unidade”, que é preciso acrescentar na discussão. Quando podemos dizer que há identidade linguística? A resposta de Saussure é a de que, em primeiro lugar, a condição de que uma mesma porção de sonoridade esteja investida da mesma significação não é suficiente para que haja identidade. É preciso comparar uma série de frases em que se encontre a mesma unidade, comprovando que o sentido autoriza a delimitação: por exemplo, em “la force du vent” [“a força do vento”] e em “à bout de force” [“quase sem força”] o mesmo conceito /force/ coincide com a mesma porção fônica \ 'fɔ:IS\ e, assim, conforme Saussure (CLG, p.121), trata-se da mesma unidade linguística. Já em “il me force à parler” [“ele me força a falar”], “force” tem um sentido bem diferente e, por isso, constitui outra unidade.

A analogia feita por Saussure para explicar ainda a questão, envolve uma linha de trem: dois expressos Genebra-Paris, saindo às 8h45 da noite e que partem com vinte e quatro horas de intervalo são “aos nossos olhos”, o mesmo expresso, “e, no entanto, provavelmente, locomotiva, vagões, pessoal, tudo é diferente.” (CLG, p.126). Porque os identificamos como o mesmo trem, então? “Porque a entidade que constitui não é puramente material; funda-se em certas condições a que é estranha sua matéria ocasional” (CLG, p.126). O que faz o trem é o seu horário de partida, seu trajeto e todas as outras circunstâncias que o distinguem dos outros trens.

A identidade linguística é como a do expresso Genebra-Paris. Quando, por exemplo, em uma conferência, ouvimos repetir a palavra *Senhores*, mas com diferentes entonações, variações no volume de sopro etc.: “cada vez que emprego a palavra *Senhores*, eu lhe renovo a matéria: é um novo ato fônico e um novo ato psicológico” (CLG, p.126). A identidade entre os dois empregos da mesma palavra não está nem na identidade material, nem na exata semelhança de sentido: “o mecanismo linguístico gira todo ele sobre identidades e diferenças, não sendo estes mais que a contraparte daquelas.” (CLG, p.126).

Conforme dissemos anteriormente, somente a correspondência entre significante e significado não assegura a identidade, mas apenas fornece uma ilusão de uma mesma unidade. Isso porque a unidade do signo não é algo dado de antemão. A natureza do signo é tal, que permite ter sua unidade fixada apenas em termos de suas relações e do valor que assume no sistema.

O SISTEMA DA LÍNGUA

Conforme vimos até aqui, para Saussure, o signo linguístico não é visto isoladamente, por si só. Além das relações entre significado e significante, o signo também depende das constantes relações com os outros signos, renovadas a cada

emprego. Assim, Saussure afirma que “a língua é um sistema de conhece somente a sua ordem própria” (CLG, p.31) e a compara a uma partida de xadrez:

Primeiramente, uma posição de jogo corresponde de perto a um estado da língua. O valor respectivo das peças depende de sua posição no tabuleiro, do mesmo modo que na língua cada termo tem seu valor pela oposição aos outros termos. (CLG, p. 104)³

Cada elemento da língua, como uma peça do jogo, assume um valor, conforme a posição que ocupa no tabuleiro. Uma observação importante também é a de que ao falar de sistema, Saussure trata da organização dos elementos da língua em um dado momento, ou seja, ao sistema está vinculado o conceito de sincronia/diacronia. Assim, na afirmação de que “a língua é um sistema que conhece somente sua ordem própria” (CLG, p.31), o sistema deve ser entendido como um jogo de relações que se observa em um estado desta língua, pois “a língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica”. (CLG, p.102).

É somente no sistema dessas relações de oposição que se define a unidade concreta da língua. A ideia de sistema é fundamental, pois é dele que o valor emerge: “a língua é um sistema em que todos os termos são solidários e o valor resulta tão-somente da presença simultânea de outros” (CLG, p.133).

O princípio da arbitrariedade também está relacionado ao conceito de sistema e ajuda a compreendê-lo melhor. Justamente por ser o signo arbitrário “desaparece todo terreno sólido de discussão; não existe motivo algum para preferir *soeur* a *sister*, ou a *irmã*, *ochs* a *boeuf* ou *boi*.” (CLG, p.87). Dessa maneira, “a coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única

³ Nessa passagem, em que Saussure explica as diferenças entre uma linguística estática e uma linguística evolutiva, vê-se que a ideia de valor também aí tem um papel importante para determinar os diferentes métodos de estudo que a sincronia e a diacronia exigem.

razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja.” (CLG, p.132). É o fato social, portanto, que pode criar um sistema linguístico.

Para finalizar esta seção, destacamos ainda que, de acordo com Saussure (CLG, p.124), a língua apresenta um caráter estranho e surpreendente de não oferecer entidades perceptíveis à primeira vista. Para o mestre, é o jogo da língua – sistema de relações - que a constitui. Podemos dizer que é na ideia de sistema, então, que, ao lado do arbitrário, Saussure se apoia, para defender uma unidade linguística que exclui a coisa do mundo e permite estudar a língua por suas próprias relações. Afinal, do ponto de vista linguístico, não se trata da coisa, mas do valor do signo que emerge dessas relações.

A LÍNGUA É UM SISTEMA DE VALORES

Vimos que a unidade linguística é explicada e delimitada a partir do valor. Vimos, além disso, que essa explicação somente é possível, compreendendo-se, entre outros, o princípio do arbitrário, o conceito de sincronia e, finalmente, o de sistema. É mais ou menos esse o percurso do CLG para chegar, então, ao capítulo que se intitula *O Valor Linguístico*.

Neste capítulo, é discutido o valor em relação à língua como um todo, depois o valor em relação a cada uma das partes do signo e, por fim, o valor em relação ao signo em sua totalidade. Fica evidente, então, que a noção de valor perpassa toda a reflexão saussuriana no CLG.

Na primeira parte, em que é definida a língua como pensamento organizado na matéria fônica, Saussure remete, de certo modo, à questão da rejeição da língua como uma nomenclatura e afirma que o nosso pensamento “não passa de uma massa amorfa e indistinta, uma nebulosa em que nada está delimitado, pois “não existem ideias preestabelecidas, e nada é distinto antes do aparecimento da língua.” (CLG, p.130). Também os sons não são entidades circunscritas de antemão. A substância fônica “não é um

molde a cujas formas o pensamento deve necessariamente acomodar-se, mas uma matéria plástica que se divide, por sua vez, em partes distintas, para fornecer os significantes dos quais o pensamento tem necessidade.” (CLG, p.130).

De acordo com o mestre, o papel da língua não é servir de canal para a expressão de ideias, mas servir de intermediário entre o pensamento e o som, de maneira que as unidades se delimitem reciprocamente. “Não há, pois, nem materialização de pensamento, nem espiritualização de sons; trata-se (...) de o ‘pensamento-som’ implicar divisões e de a língua elaborar suas unidades constituindo-se entre duas massas amorfas.” (CLG, p.131).

Outra característica importante, retomada por Saussure nesta parte do capítulo, é que na língua não se pode isolar o som do pensamento nem o pensamento do som e, por isso, é comparável a uma folha de papel, que não se pode cortar de um lado, sem cortar do outro.

E sobre o princípio do arbitrário do signo, Saussure reitera que

Não só os dois domínios ligados pelo fato linguístico são confusos e amorfos como a escolha que se decide por tal porção acústica para tal ideia é perfeitamente arbitrária. Se esse não fosse o caso, a noção de valor perderia algo de seu caráter, pois conteria um elemento imposto de fora. Mas, de fato, os valores continuam a ser inteiramente relativos, e eis porque o vínculo entre a ideia e o som é radicalmente arbitrário. (CLG, p.132)

Por fim, além de relembrar o aspecto necessário do fato social para a criação do sistema linguístico e do estabelecimento de valores, Saussure toca novamente na questão da ilusão de considerar a unidade do signo simplesmente como a união de certo conceito a um certo som: “Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir os sistema fazendo a soma deles, quando,

pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra.” (CLG, p.132).

Na segunda parte do capítulo, em que trata o valor no âmbito do aspecto conceitual do signo (ou significado), Saussure esclarece algo que pode ser motivo de dúvidas, pela analogia dos termos: *valor* e *significação* não são sinônimos⁴. Há uma delicadeza na distinção, que é, no entanto, absolutamente necessária, de acordo com o mestre, pois sem esclarecê-la, corremos o risco de reduzir a língua a uma nomenclatura.

Talvez a maior dificuldade de compreender a questão é que há um paradoxo: por um lado, precisamos entender o signo em suas próprias relações “internas”, digamos; por outro lado, é preciso entender o signo em relação solidária com todos os outros signos – o que cria o sistema. E o valor do signo resulta da presença simultânea de outros signos que é o sistema.

A partir desse raciocínio, Saussure propõe pensar os valores como sendo constituídos sempre:

1º. por uma coisa *dessemelhante*, suscetível de ser *trocada* por outra, cujo valor resta determinar;

2º. por coisas *semelhantes* que se podem *comparar* com aquela cujo valor está em causa.

Esses são fatores necessários para a existência de um valor. (CLG, p.134)

A analogia que é feita para compreender o valor, aqui, é a da determinação do valor de uma moeda. Por quanto pão, por exemplo, podemos trocar uma moeda de cinco francos? Esse seria o primeiro caso, da troca por uma coisa dessemelhante. Também podemos comparar a moeda de cinco francos com o valor de outras moedas do mesmo sistema, um franco, por exemplo, ou ainda pela comparação com uma moeda de outro sistema, como o dólar. “Do mesmo modo, uma palavra pode ser trocada por algo

⁴ Para uma discussão sobre a diferença entre valor e significação, ver Gadet (1987), especialmente o capítulo 4.

dessemelhante: uma ideia; além disso, pode ser comparada com algo da mesma natureza: uma outra palavra.” (CLG, p.134). O valor dessa palavra, todavia, não estará fixado apenas comprovando-se que a palavra pode ser trocada por este ou aquele conceito, isto é, não estará fixado porque tem esta ou aquela significação. É preciso comparar a palavra com os valores semelhantes e com os que se lhe podem opor: a palavra, “fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo, de um valor, e isso é coisa muito diferente.” (CLG, p.134).

Saussure observa ainda que todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente. Assim, *recear*, *temer* e *ter medo* só têm valor próprio pela oposição. Se *recear*, por exemplo, não existisse, seu valor iria para os concorrentes.

Outro exemplo apresentado compara diferentes línguas: *mouton*, em francês, pode ter o mesmo significado que o inglês *sheep*, mas não o mesmo valor, pois ao se referir a um prato culinário de carne deste animal, o inglês empregará *mutton*, e não *sheep*. A diferença de valor entre *mouton* e *sheep*, então, é que *mouton* não concorre com outros termos, pois em francês só há um, já *sheep* tem ao seu lado *mutton*. É assim que podemos dizer que *mouton* e *sheep* têm, portanto, valores diferentes.

Ainda que grande parte dos exemplos seja com palavras lexicais, o mestre lembra que isso se aplica também às entidades gramaticais, como o caso do valor de um plural, que, entre as línguas diferentes, também pode ser estabelecido de modo diferente. Em sânscrito, por exemplo, há três números para o plural, em vez de dois, como no português ou no francês. Desse modo, *olhos*, *orelhas*, *braços* e *pernas*, em sânscrito, estariam em um plural dual. Por isso, por essa perspectiva, seria inexato atribuir o mesmo valor ao plural em sânscrito e em português ou francês.

Também a distinção dos tempos verbais faz ver as diferenças de valor entre as línguas. No hebraico, de acordo com Saussure, não há distinção de flexão entre o passado, presente e futuro. No protogermânico e em outras línguas em que não há forma para o

futuro, quando se diz que se expressa o presente nessas línguas, comete-se um equívoco, pois o presente não é o mesmo em línguas cujo sistema admite formas de futuro. É preciso sempre entender como os elementos são valorados no âmbito do sistema a que pertencem.

Em todos esses casos, pois, surpreendemos em lugar de ideias dadas de antemão, valores que emanam do sistema. Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são. (CLG, p.136)

Na terceira parte do capítulo, Saussure examina o valor considerado em seu aspecto material, qual seja, o significante. De início, estabelece que, do mesmo modo que a parte conceitual do valor, sua parte material é igualmente constituída apenas por relações e diferenças com outros termos da língua. E reitera que “o que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras.” (CLG, p.137).

Também no âmbito do significante rege o arbitrário, já que não há imagem vocal mais ou menos adequada ao significado que lhe corresponde. Para Saussure, “é evidente, mesmo a priori, que jamais um fragmento de língua poderá basear-se, em última análise, noutra coisa que não seja sua não coincidência com o resto. Arbitrário e diferencial são duas qualidades correlativas.” (CLG, p.137).

Em outro ponto interessante, Saussure elucida de que modo o significante é material. O som não pertence por si só à língua, é “matéria que põe em jogo” (CLG, p.137). Assim “todos os valores convencionais apresentam esse caráter de não se confundir com o elemento tangível que lhes serve de suporte.” (CLG, p.137).

Retornando à analogia com a moeda, assim como não é o metal da moeda que lhe fixa o valor,

isso é ainda mais verdadeiro no que respeita ao significante linguístico; em sua essência, este não é de modo algum fônico; é incorpóreo, constituído não por sua substância material, mas unicamente pelas diferenças que separam sua imagem acústica de todas as outras. (CLG, p.138-139).

O que caracteriza, então, os fonemas de uma língua não é sua qualidade própria e positiva, mas o fato de não se confundirem entre si. Prova disso é a margem que os falantes têm no que diz respeito à pronúncia, bastando que os sons se distingam uns dos outros. Os exemplos dados são de diversas línguas. Tomamos aqui o do russo, que é bastante claro no que diz respeito à distinção: se na pronúncia não for diferenciado o *t* de *t'* (*t* molhado), confundem-se dois sons distintos, como em *govorit'* [falar] e *govorit* [ele fala]. Do francês, é dado o exemplo de sons que não se confundem, como o *r* uvular e o *r* alveolar: usar um ou outro não prejudica a língua, pois não distinguem sentidos diferentes (cf. CLG, p.137-138).

Na última parte do capítulo sobre o valor, é apresentado o valor em relação ao signo considerado em sua totalidade. É reafirmado, de início, o aspecto negativo que funda o sistema de valores da língua: “quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes deste sistema.” (CLG, p.139). Contudo, é importante notar que, ainda que a língua apresente esse caráter negativo na definição das unidades que engendra o sistema, isso diz respeito ao significante e ao significado tomados separadamente. Com relação ao signo visto em sua totalidade, há um aspecto positivo que emerge daí e que é assim percebido por Saussure:

Conquanto o significado e o significante sejam considerados, cada qual à parte, puramente diferenciais e negativos, sua combinação é um fato positivo; é mesmo a única espécie de fatos que a língua comporta, pois o próprio da instituição linguística é justamente manter o paralelismo entre essas duas ordens de diferenças. (CLG, p.139)

Concluindo o capítulo, Saussure afirma que, de qualquer lado que abordemos a língua, estaremos diante da complexidade que é esse equilíbrio de termos que se condicionam reciprocamente. “Dito de outro modo, a língua é uma forma e não uma substância” (CLG, p.141).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, resenhamos o conteúdo do CLG, selecionando as passagens que nos pareceram mais propícias para compreender o que Saussure concebia como *valor linguístico*. Nesse movimento, percebemos que, para chegar no valor, era preciso, na verdade, repassar alguns, senão todos os principais conceitos saussurianos, quais sejam: signo e, portanto, significado e significante, relações associativas e sintagmáticas, arbitrário do signo, sistema e sincronia.

Observamos que, iniciando a empreitada de estabelecer os princípios gerais de sua linguística pela derrubada da abordagem da língua como nomenclatura, Saussure termina por explicar a unidade do signo pelo aspecto do valor, que considera “seu aspecto primordial” (CLG, p.129). Para Normand (2009, p.79), o valor chega mesmo a se sobrepor ao signo – “os signos são valores”. Esse é o percurso que permite definir a própria língua como um sistema de valores. Por isso, podemos concordar com Flores (2023) de que, ao menos no CLG, trata-se sobretudo de uma Teoria do Valor.

Muitas são as inquietações que podem causar a reflexão de Saussure sobre o valor, inclusive algumas que se pode entrever

nas próprias linhas do CLG, como a questão do paradoxo das relações do signo, os problemas da referência e de tudo que diz respeito a uma linguística do discurso, entre muitos outros.

Por tudo isso, o estudo do valor linguístico se torna ainda hoje atual e instigante.

REFERÊNCIAS

ARRIVÉ, Michel. Qu'en est-il du signe chez Ferdinand de Saussure ? In. : *Journal Français de Psychiatrie*, vol.2, n.29, 2007, p. 39-41.

FLORES, Valdir do Nascimento. *A Linguística Geral de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Contexto, 2023.

GADET, Françoise. Saussure. *Une Science de la Langue*. Paris : Presses Universitaires de France, 1987.

NORMAND, Claudine. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1975.

CAPÍTULO 09

RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS E RELAÇÕES ASSOCIATIVAS

Camila Pilotto Figueiredo¹

Daiane Neumann²

INTRODUÇÃO

No capítulo "O valor linguístico", vimos que o valor de cada termo resulta das relações que estabelece em oposição aos outros signos pertencentes a um sistema. Em outras palavras, se os signos não possuem valor intrínseco e se a língua não é uma soma de signos, isso decorre justamente da natureza das relações travadas entre os termos no sistema. Para entendermos como funciona o valor, não basta, entretanto, explorarmos seus aspectos gerais. É importante compreender como ele opera na língua, ou seja, como ocorrem os tipos de relação que se instituem entre os signos na língua.

O capítulo "Relações sintagmáticas e relações associativas", sobre o qual aqui nos debruçaremos, aborda justamente o funcionamento das relações que constituem a língua como sistema de signos. Tais relações são de duas naturezas e geram, por conseguinte, duas ordens de valores. Por essa razão, é

¹Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. E-mail:figueiredo.camilapilotto@gmail.com

²Professora dos cursos de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: daiane_neumann@hotmail.com

impossível tratarmos de tais relações sem considerarmos sua íntima conexão com a noção de valor linguístico.

Essas duas ordens de valores caracterizam as duas formas de funcionamento da atividade mental humana, as quais são possíveis porque existe uma "faculdade de associação e de coordenação que se manifesta desde que não se trate mais de signos isolados; é essa faculdade que desempenha o principal papel na organização da língua enquanto sistema de signos" (Saussure, 2004, p. 21). Estudar as relações sintagmáticas e associativas é, então, investigar as operações dessa faculdade da atividade mental humana a qual se constitui apenas linguisticamente enquanto sistema.

Dessas palavras iniciais, é importante observar que as relações sintagmáticas e as relações associativas devem ser compreendidas e estudadas em estreita articulação com outros conceitos que fazem parte do universo da obra saussuriana, quais sejam, o conceito de valor, de sistema e de funcionamento. Para o desenvolvimento deste capítulo, utilizaremos como base de pesquisa o *Curso de linguística geral*, recorrendo, quando necessário, às edições críticas estabelecidas por Rudolf Engler (CLG/E) e Tullio de Mauro³.

RELAÇÕES SINTAGMÁTICAS

Para discorrer acerca das relações sintagmáticas, o *Curso de linguística geral*, doravante CLG, resgata, de início, um dos princípios apontados no Capítulo I, da Primeira Parte, denominado "Natureza do signo linguístico", qual seja: o princípio da linearidade. Retoma-se, assim, a reflexão acerca do

³ Também figurou como fonte de consulta a obra intitulada *Escritos de Linguística Geral*, organizada e editada por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weil, em 2002; traduzido por Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco, no Brasil, pela editora Cultrix, em 2004. No entanto, a discussão principal do capítulo foi pouco abordada nessa fonte, por isso não será mencionada no corpo do texto.

caráter linear da língua, que "exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo" (Saussure, 2004[1916], p. 142).

A ordem de coordenação estabelecida pelas relações sintagmáticas evidencia que os termos se alinham um após o outro na cadeia da fala e que, por consequência, um termo adquire valor via oposição do que o precede, do que o segue, ou de ambos. Essas combinações que se apoiam na linearidade são denominadas de sintagmas, que não devem ser confundidos com a sintaxe no sentido tradicional, na medida em que os exemplos trazidos pelo CLG evidenciam que esse tipo de composição pode se dar no âmbito do léxico, do sintagma, bem como da oração e do período.

Como exemplo da composição estabelecida no âmbito do léxico, o CLG apresenta o exemplo de *re-ler*; no do sintagma, *contra todos* e *a vida humana*; no do período, há um exemplo relacionado ao período simples, *Deus é bom*, e outro, ao período composto, *se fizer bom tempo, sairemos*.

Considerando esses exemplos que dão a dimensão de que tais relações se estabelecem em diferentes níveis da linguagem, percebe-se uma outra característica apontada também no CLG, qual seja, a de que "a relação sintagmática existe *in praesentia*", ou seja, "repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva". (Saussure, 2004[1916]), p. 143). Isso significa que esses termos se especificam no âmbito do discurso, ou seja, ultrapassam o domínio da língua, constituindo-se na cadeia da fala.

Tal constituição aponta para a liberdade de combinação dos elementos que compõem o sintagma, de modo que o sentido dos termos e a delimitação das unidades da língua serão possíveis apenas no domínio da fala. Não obstante, é evidente que tal liberdade é limitada pela sintaxe do sistema linguístico em consideração, sendo que "sintaxe", aqui, diz respeito a todos os agrupamentos de signos passíveis de serem combinados em uma língua, ultrapassando o que se entende tradicionalmente por esse

termo.⁴ Ademais, o princípio da linearidade do significante impõe que o sintagma possua uma extensão, o que significa que ele deverá ser espacialmente limitado, pois o valor dos termos que o formam, bem como seu sentido, só poderá ser estabelecido considerando-se uma coordenação finita de termos.

Não obstante, o sintagma não é exclusivo ao campo da fala. As formas fornecidas pela tradição, como as frases feitas e as expressões cristalizadas - *à quoi bon?* e *prendre la mouche*, por exemplo -, pertencem ao domínio da língua, sendo formas regulares fixas, que não podem ser modificadas. Isso não significa que possamos delimitar de modo exato o que se caracteriza como fato de língua, que tange ao uso coletivo, e como fato de fala, que depende da liberdade do indivíduo, haja vista que "[n]um grande número de casos, é difícil classificar uma combinação de unidades, porque ambos os fatores concorreram para produzi-la e em proporções impossíveis de determinar" (Saussure, 2004 [1916], p. 145).

Neste ponto da reflexão saussuriana, é interessante notar, conforme o faz Tullio de Mauro, em Saussure (2005 [1916/1967]), que a discussão acerca das relações sintagmáticas testemunha um ponto "em aberto" na sua obra, na medida em que há uma certa oscilação quanto à consideração do sintagma como um fato de

⁴ No CLG, vemos que "[...] a sintaxe, vale dizer, segundo a definição mais corrente, a teoria dos agrupamentos de palavras, entra na sintagmática, pois esses agrupamentos supõem sempre pelo menos duas unidades distribuídas no espaço. Nem todos os fatos da sintagmática se classificam na sintaxe, mas todos os fatos de sintaxe pertencem à sintagmática" (SAUSSURE, 2004 [1916], p. 158). Percebe-se, com essa passagem, que uma teoria dos sintagmas (e das associações) se mostra mais ampla do que a sintaxe, pois abrange fenômenos que desaparecem, se considerados apenas pela perspectiva da sintaxe tradicional. Assim, abordar o fenômeno linguístico não mais pelas divisões tradicionais em linguística, mas pelos eixos associativos e sintagmáticos, permite repensar e entender a própria sintaxe de modo diferente. É o que encontramos em uma nota do CLG/E: "[A] questão da ordem das sub-unidades na palavra relaciona-se exatamente com a do lugar das palavras na frase: tem-se a sintaxe, mesmo quando se trata de sufixos; é uma outra espécie de sintaxe, mas não deixa de ser uma" (CLG/E 1989 [1968], p.278, tradução nossa)

língua e como um fato de fala. Essa observação aponta para duas questões importantes a serem consideradas, mesmo dentre aqueles que estão iniciando seu desbravar pelos estudos linguísticos e saussurianos.

A primeira questão que se impõe diante dessa constatação é a de que o legado saussuriano não é acabado e repleto de certezas, como tradicionalmente tem sido tratado. O segundo ponto levantado por essa constatação é o de que os limites traçados entre o par *língua* e *fala* não aparecem de forma estanque na obra saussuriana, conforme o afirmam as leituras construídas a partir dos chamados pares dicotômicos (*língua/fala*, *sincronia/diacronia*, *significante/significado*, *sintagma/paradigma*⁵). Percebe-se ademais, nesse ponto, que a distinção entre *língua* e *fala* não é mais do que um recorte metodológico, não uma separação estanque, uma dicotomia, como se afirma comumente.

RELAÇÕES ASSOCIATIVAS

No que tange às relações associativas, o CLG sublinha que as palavras as quais oferecem algo em comum se associam na memória, formando grupos dentro dos quais se organizam relações das mais diversas. Essas relações se estabelecem fora do discurso, ou seja, fora do eixo da linearidade.

Dessa forma, ao contrário das relações sintagmáticas, as relações associativas "não têm por base a extensão" (Saussure, 2004 [1916], p. 143), pois estão no cérebro de cada indivíduo, fazendo parte do "tesouro interior" que constitui a língua. São, por isso, relações *in absentia*, em séries mnemônicas virtuais.

Essas séries associativas se constituem a partir de traços comuns entre palavras, o CLG traz exemplos como a palavra francesa *enseignement* que se associa a outras como *enseigner*,

⁵ É importante observar que a denominação "paradigma" foi cunhada pelo movimento estruturalista. No CLG, há a utilização das expressões "relações associativas", "eixo associativo". Isso ficará mais evidente na próxima seção..

renseigner, devido ao radical de tais vocábulos, ou a *armement*, *changement*, se se considerar a aproximação via sufixo, ou ainda a *éducation* e *apprentissage*, ao se observar a relação estabelecida via campo semântico. Os tradutores do CLG apresentam o equivalente de tais exemplos em língua portuguesa, assim, *ensino* ou *ensinamento* se relacionam, via radical, a *ensinar*, contudo, podem ser aproximados também de *armamento*, *desfiguramento*, considerando os sufixos de tais vocábulos, e, por fim, é possível que se associem a *educação*, *aprendizagem*, no que tange ao campo semântico.

Esses exemplos dão o testemunho de que essas associações não se estabelecem apenas devido à aproximação de elementos comuns, mas porque os falantes compreendem a natureza dessas relações e estabelecem quantas forem possíveis. Para além das relações suscitadas em séries cujos elementos comuns possam ser o radical, o sufixo ou o campo semântico, o CLG ainda traz a possibilidade, através da relação entre *enseignement* e *justement* ou *ensinamento* e *lento*, de uma relação via imagens acústicas.

No que tange a esse último exemplo, há uma nota dos editores, destacando que a associação entre *enseignement* e *justement* ou *ensinamento* e *lento* poderia ser tomada como "anormal", na medida em que perturbaria o que chamaram de "inteligência do discurso". Nesse caso, ao contrário dos outros, não haveria uma associação em termos cujos valores os agrupam em torno de um radical ou de um sufixo, elementos que embora sejam tomados em seus aspectos formais, intervêm para a construção dos sentidos de tais vocábulos, nem mesmo há associação relacionada ao campo semântico.

Neste caso, o que se tem é associação via imagens acústicas, que é concebida pelos editores como "categoria inferior de jogos de palavras que se funda em confusões absurdas que podem

resultar no homônimo puro e simples⁶" (Saussure, 2004 [1916], p. 145-146). É importante, contudo, observar que são exatamente essas as associações que intervêm nas análises dos poemas saturninos, realizadas por Saussure e publicadas em Starobinski (1974 [1971]). Nesse conjunto de manuscritos, é possível de se observar que o linguista buscava outras formas de significar da linguagem, através da pesquisa por anagramas presentes de forma enigmática em tais poemas. Para essa busca, as relações via imagens acústicas tornaram-se essenciais.

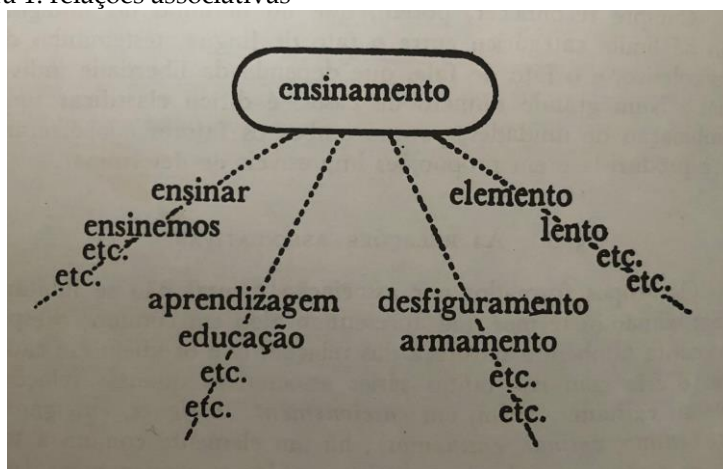
As associações podem realizar-se via relação entre forma e sentido ou considerando somente a forma ou somente o sentido. O eixo associativo permite, portanto, uma infinidade de associações, a partir de uma palavra qualquer. Não há um número definido⁷ nem uma ordem determinada, ao contrário das relações sintagmáticas em que a escolha de um sintagma suscita uma ordem e um número delimitado de elementos.

Para ilustrar essa infinidade de possibilidades de associações, o CLG toma como centro de uma constelação a palavra "ensinamento" e arrola termos que seriam coordenados por esse centro, cuja soma indefinida é bem marcada pela presença dupla de "etc."

⁶ Como exemplo, se traz no CLG a frase "Les musiciens produisent les *sons* et les grainitiers les vendent" ou, em português, "Os músicos produzem as *notas* e os perdulários as gastam" (SAUSSURE, 2004 [1916], p.146).

⁷ Ao final do da reflexão acerca das relações associativas no CLG, há uma observação de que essa característica das relações associativas não se verifica sempre. Destaca-se o caso dos paradigmas de flexão, que se apresentariam em número limitado.

Figura 1: relações associativas



Fonte: Saussure (2004 [1916], p. 146)

As relações sintagmáticas e as relações associativas foram tratadas, neste texto, em seções distintas, por uma questão didática. Elas não devem ser, contudo, tomadas de forma separada ou como pares dicotômicos, na medida em que, no funcionamento da língua, os dois eixos são dependentes e relacionais. Para adentrar nessa discussão, trataremos, em seguida, do mecanismo da língua constituído a partir da relação entre esses dois processos da língua, responsáveis pela constituição de valores.

O MECANISMO DA LÍNGUA

Ao destacar o modo de funcionamento do sistema linguístico, o CLG pormenoriza e complexifica a noção de valor linguístico. Para além da afirmação de que na língua "tudo se reduz a diferenças" (Saussure, 2004 [1916] p. 149), há também duas outras observações importantes sobre a construção dos valores da língua, quais sejam: a de que o todo vale pelas suas partes, bem como as partes valem em virtude de seu lugar no todo; e a de que, na língua, tudo se reduz a agrupamentos.

Assim, essas duas observações podem ser relacionadas tanto à solidariedade sintagmática, quanto à solidariedade associativa, na medida em que para o estabelecimento das duas ordens de valores, é preciso que se considere a relação das partes com o todo e do todo com as partes, bem como os agrupamentos suscitados por cada um dos eixos. Isso significa que o mecanismo da língua opera pelas relações de valor que se estabelecem entre os signos da língua, sendo que tais relações são de ordem associativa e sintagmática.

Há, de um lado, as solidariedades sintagmáticas, segundo as quais a unidade linguística depende do que a rodeia na cadeia da fala, assim como dos elementos que a compõem. É o que se verifica no exemplo, trazido pelo CLG, de *desej + oso*, cuja unidade se trata da combinação de dois elementos solidários (*desej* e *oso*) que somente ganham valor em uma unidade superior (*desej + oso*). De outro lado, cada um desses elementos que compõem a unidade superior somente têm lugar na língua, na medida em que se associam a uma série de outros elementos. No caso em questão, o sufixo *oso* adquire valor também porque se associa a outras possibilidades de combinação, tais como *calor-oso*, *duvid-oso*, etc. O radical *desej*, por sua vez, também tem seu lugar estabelecido via associação com o sufixo, não se trata, portanto, de uma unidade autônoma.

Da mesma forma, são apresentados dois outros exemplos no CLG relacionados a esse mecanismo, quais sejam, de *desfazer* e de *quadruplex*. No primeiro se observa a solidariedade sintagmática, bem como a unidade que vale no todo e o todo que vale pelas suas partes, na combinação entre *des + fazer*. O prefixo *des*, contudo, somente adquire seu lugar na língua, considerando um arrolado de outras relações de combinação no eixo associativo, tais como *descolar*, *deslocar*, *descoser*, etc. O verbo *fazer*, por outro lado, relaciona-se a outra série associativa, em *fazer*, *refazer*, *contrafazer*, etc.

Em *quadruplex*, há o agrupamento, via relação sintagmática, em *quadru-plex*. A unidade tem seu todo constituído pelas partes, bem como suas partes constituídas pela combinação no todo.

Simultaneamente, estabelece duas outras séries associativas, a partir de cada um dos elementos da composição, *quadrúpedes, quadrifrons, quadraginta*, de um lado, e *simplex, triplex, centuplex*, etc, de outro.

Para além da composição de léxicos, via sufixação e prefixação, ainda se podem observar outros exemplos no CLG, no âmbito do sintagma. Dessa forma, a escolha de *vamos!* implica a exclusão de outros elementos que a ele podem ser relacionados por associação, tais como *vai! vão!*, bem como *subamos! comamos!* etc. O valor de *vamos!* se estabelece somente via relação de oposição com as séries associativas que suscita.

Ao se observar o âmbito de períodos simples, percebe-se que a escolha de *lhe* em "quem *lhe* disse" evoca outras possibilidades latentes, tais como: "quem *te* disse?", "quem *nos* disse?". Trata-se, portanto, da observância dos dois eixos, neste capítulo discutidos, em funcionamento conjunto.

Mesmo que, no CLG, se apresentem algumas unidades ditas "independentes" das relações sintagmáticas, tais como *sim, não, obrigado*, também se afirma que tais fatos seriam excepcionais. Não seriam, portanto, suficientes para comprometer o princípio geral.

Cumprir observar, ao se tratar de tais relações, que as escolhas operadas na língua se fazem com base na consideração dos eixos associativos e sintagmáticos concomitantemente. A escolha de uma forma linguística evoca "todo um sistema latente, graças ao qual se obtêm as oposições necessárias à constituição do signo" (Saussure, 2004 [1916] p. 151).

Na edição crítica de Rudolf Engler (CLG/E), encontramos em diversas notas de alunos a afirmação de que há dois sentidos que nos permitem dizer como um signo relaciona-se aos demais no sistema: sintagmaticamente, importa o contexto, ou seja, o que vem antes ou após na cadeia da fala, encadeado espacialmente; associativamente, há a simultaneidade virtual dos demais signos, os quais são unidos pela consciência do sujeito falante, mas que não ocupam lugar no espaço.

O mecanismo da língua, expresso pelas relações associativas e sintagmáticas operando em conjunto, estabelece ordem e regularidade com relação aos grupos de signos que constituem o sistema, de modo que esses grupos de signos são motivados internamente uns com relação aos outros, como nos exemplos acima citados associados a *desfazer*, por exemplo. Isso significa que é graças às relações associativas e sintagmáticas que temos o arbitrário motivado da língua. No CLG é afirmado que não existe nenhuma língua absolutamente arbitrária, até porque o arbitrário radical completo levaria à complicação suprema do sistema, já que, nesse caso, não haveria modo de depreender o sentido de um termo pela relação com os demais fora da cadeia da fala.

No CLG, menciona-se como exemplo que a palavra "vinte" é imotivada, ao passo que "dezenove é associativamente solidário de dezoito, dezessete, etc., e sintagmaticamente de seus elementos dez e nove" (Saussure, 2004 [1916], p. 153). Aqui, fica expresso claramente como os dois eixos são constitutivos da limitação do arbitrário. É através das relações associativas que são evocados outros signos motivados pela mesma construção e é através da esfera sintagmática que se percebem os elementos formativos de significação. Quando evidenciamos os morfemas de "dez-e-nove", percebemos a motivação com relação a "dez-oito".

Ademais, é por tais relações que as unidades da língua podem ser delimitadas, ou seja, decompostas em unidades. Em uma nota de Riedlinger referente ao segundo curso, presente no CLG/E, afirma-se que "[...]ela [des-fazer] *seria* indecomponível, se as outras formas <com> de- *desaparecessem da língua: desfazer seria apenas uma unidade*; <já não poderíamos opor des- e fazer- " (CLG/E, 1989 [1968], p. 203, grifo do autor, tradução nossa). Isso significa que a delimitação das unidades da língua, tão difícil pelo fato de na linguística não termos unidades imediatamente reconhecíveis, dadas de antemão, requer a consideração dos dois eixos operando conjuntamente.

Por fim, importa salientar ainda que é através das relações sintagmáticas e associativas, expressas pelo mecanismo da língua,

que o princípio da analogia, abordado em outro capítulo deste livro, funciona. Quando é mencionado que o princípio do mecanismo da língua estabelece a ordem entre grupos de signos por meio do arbitrário motivado, percebe-se que justamente a analogia é um princípio que mostra como as relações sintagmáticas e associativas operam no reestabelecimento de tal harmonia.

A analogia remete sempre a um modelo da língua e envolve sua imitação regular, de modo que uma forma sempre surge por associação a outra. Ela é denominada de princípio das criações da língua, mas também é responsável por sua conservação. É um processo bastante observado na aprendizagem da língua pelas crianças. Quando uma criança diz "eu fazi" ao invés de "eu fiz", está criando uma palavra na língua por analogia a outras formas verbais regulares pertencentes à segunda conjugação que estejam no pretérito perfeito, ou seja, por associação às formas "eu comi", "eu vendi", "eu corri", entre outras.

No CLG, é dito da analogia que ela "nos faz tocar com o dedo o jogo do mecanismo linguístico", visto que em toda a criação analógica há "uma comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua, onde as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas" (Saussure, 2004 [1916], p. 192). Em outras palavras, as criações linguísticas expressas por meio da analogia fundam-se nessas relações estudadas que, lembremos, constituem as duas ordens pelas quais o valor linguístico se expressa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos, nesse capítulo, que as relações sintagmáticas e associativas são expressões do valor linguístico, o qual constitui o mecanismo da língua, e permite que o sistema se modifique ao longo do tempo. Tais relações estão na base da delimitação das unidades da língua, sendo então tal reflexão fundamental para a instituição da língua como ciência autônoma no século XIX.

Percebe-se que seria impossível abordar tais relações sem situá-las na discussão do valor linguístico, bem como seria absurdo tratá-las como pares dicotômicos isolados, haja vista que o mecanismo linguístico opera pelas duas ordens conjuntamente. Ademais, a exposição aqui feita aponta para a necessidade de entendermos o aparato conceitual saussuriano em íntima conexão, visto que os princípios semiológicos influenciam uns aos outros: as relações sintagmáticas e associativas associam-se ao princípio da linearidade do significante, ao princípio da arbitrariedade do signo, ao princípio da analogia, os quais dizem respeito ao mecanismo da língua.

Isso demonstra, então, o lugar de importância das relações associativas e sintagmáticas na teorização do mestre genebrino. É importante questionarmos: o que seria da língua sem tais relações? A noção de valor cairia por terra e, com ela, todos os princípios a elas conectados. Parafraseando Saussure em uma nota manuscrita (CLG/E), isso significa que a própria noção de língua deixaria de ser o que ela é, assim como também o espírito humano seria uma outra coisa, haja vista que a língua não poderia mais ser um sistema de signos.

REFERÊNCIAS

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. Editora Cultrix: São Paulo, 2004 [1916].

SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de linguistique générale*. Publicado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Edição crítica preparada por Tullio de Mauro. Éditions Payot & Rivages: Paris, 2005 [1916/1967].

SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 1). Wiesbaden: Harrassowitz, 1989 [1968].

STAROBINSKI, Jean. *As palavras sob as palavras* - os anagramas de Ferdinand de Saussure. Tradução de Carlos Vogt. Editora perspectiva: São Paulo, 1974 [1971].

Capítulo 10

O CONCEITO DE ANALOGIA NO *CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL*

Ítalo de Freitas Almeida¹

INTRODUÇÃO

Parece haver certo consenso quanto à popularidade da Linguística geral de Ferdinand de Saussure se admitirmos, como critério, a extensa pulverização de conceitos e noções divulgados em seu livro póstumo, o *Curso de linguística geral* (Altman, 2021), (Cruz; Faria, 2019). Com efeito, aspectos centrais da produção intelectual de Saussure em torno do fenômeno linguístico serão rapidamente acomodados em novas abordagens e modelos estruturalistas, no Brasil e em diversos países situados no continente europeu, ao longo do século XX (Ilari, 2011).

Como esperado, o retorno às ideias do passado é sempre motivado por um interesse atual e temas privilegiados anteriormente podem ressurgir em abordagens contemporâneas, seja para fornecer resoluções aos quebra-cabeças de uma determinada especialidade (Kuhn, 1962) seja para promover outras interpretações historiográficas sobre o conhecimento linguístico

¹ Estudante de Doutorado em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de São Paulo (USP) vinculado ao Centro de Documentação em Historiografia da Linguística (CEDOCH). Possui Mestrado em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Licenciatura em Letras - Português pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

produzido por agentes ao longo da história de nossa disciplina (Altman, 2021). Em ambos os casos, firma-se uma conexão entre o linguista do presente e o passado de sua disciplina. É precisamente neste encontro em que se insere este texto.

Assumida esta primeira consideração historiográfica, o tema deste capítulo é o conceito de analogia formulado por Ferdinand de Saussure, doravante, Saussure, e trata de aspectos historiográficos do contexto de produção de suas ideias sobre a Linguística geral no último quartel do século XIX, assim como a possibilidade de conceber duas definições teóricas para o conceito de analogia, tal como apresentado no *Curso de linguística geral*.

SAUSSURE E A LINGUÍSTICA DE SEU TEMPO: A ANALOGIA

Como afirmado na seção anterior, apesar da contribuição do pensamento de Saussure para a Linguística Moderna (Robins, 1979)², sabe-se que o autor genebrino inicia o ofício de linguista durante o século XIX, portanto, tem a Linguística histórico-comparativa como ‘pano de fundo’. De fato, os únicos trabalhos publicados em vida por Saussure seguiram a orientação histórica e comparativa amplamente aceita por seus contemporâneos. Foi precisamente este ofício que lhe consagrou notoriedade, em Paris, devido ao escopo e a novidade dos resultados expostos na célebre *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* (1879)³, doravante *Mémoire*, obra ainda considerada uma das mais belas no campo da linguística histórico-comparativa (Morpurgo Davies, 2004).

Nesse sentido, é possível encontrar referências ao trabalho histórico de Saussure em manuais de Linguística, mais

² Vale dizer, a Linguística do século XX, especialmente a partir das décadas de 1920 e 1930, segue diversas orientações dispostas, prioritariamente, no plano sincrônico e descritivo das línguas e da linguagem. Para esse tema, ver Ilari (2011).

³ Em tradução para o português do Brasil: *Dissertação sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias*.

comumente, como um dos participantes da Escola Neogramática (Mounin, 1970). Assim, Paveau e Sarfati (2006) situam o nome de Saussure ao lado do nome de Karl Brugmann, líder intelectual e organizacional da Escola Neogramática⁴. Para esses pesquisadores, a *Mémoire* adota os procedimentos metodológicos formulados pelos linguistas do grupo neogramático ao utilizar o “exame dos fatos disponíveis com a formulação de princípios hipotético-dedutivos que autorizam a reconstrução de mecanismos languageiros há muito tempo desaparecidos” (Paveau; Sarfati, 2006, p. 27).

Esse critério autorizaria, de acordo com os autores supracitados, incluir Saussure como um dos membros desse grupo, tendo em vista o “alto grau de abstração do cálculo das leis fonéticas” presente em sua *Mémoire*. Pelas razões citadas, concluem que “Saussure, participa, então, plenamente do movimento Neogramático” (Paveau; Sarfati, 2006, p. 27). É inegável a referência que Saussure faz ao grupo neogramático ao encerrar o Capítulo I do *Curso de linguística geral* – intitulado Visão geral da História da Linguística⁵ – com menção modesta aos membros do grupo neogramático, gesto que parece situá-los em sua narrativa histórica como *gatekeepers* de sua geração. A retrospecção de Saussure define o mérito do grupo neogramático no último quartel do século XIX:

consistiu em colocar perspectiva histórica todos os resultados da comparação e por ela encadear os fatos em sua ordem natural. Graças aos neogramáticos não se viu mais na língua um organismo que se desenvolve por si só, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos. Ao mesmo tempo, compreende-se quão errôneas e insuficientes eram as ideias da Filologia e da Gramática Comparada (Saussure, 1970, p. 12).

⁴ Para conhecer mais sobre a formação e o papel do grupo neogramático na Linguística histórico-comparativa do século XIX, ver Jankowsky (1972).

⁵ Neste capítulo, Saussure assume postura de historiador e traça uma breve apresentação panorâmica e crítica da ciência da linguagem.

Com efeito, é comum encontrar referências em manuais de linguística sobre a mudança de direção operada pelos membros do grupo neogramático na história da Linguística do século XIX. Nessa direção, Kristeva (2007, p. 214) anuncia sobre esse respeito neogramático: “os sinais precursores de uma verdadeira ciência linguística autônoma, destacada da gramática e da filologia se deve aos Neogramáticos”. No texto de Mounin (1970) encontramos uma interpretação da hetero percepção – nas visões de Saussure e de *scholars* contemporâneos – quando do advento do grupo neogramático: “se aperceberam muito claramente os contemporâneos de Bréal, de Saussure e Meillet, para quem, os Neogramáticos marcam, na data charneira de 1878, a passagem da Gramática Comparada a uma plena e propriamente dita Linguística histórica” (Mounin, 1970, p. 212).

Curiosamente, lemos em Godel (1957)⁶ uma separação menos nuançada entre a Gramática Comparada e a Escola Neogramática, com base em anotações tomadas por Albert Riedlinger. Nessa ocasião, Saussure, encarregado do segundo curso de Linguística geral⁷, separa dois momentos decisivos na história da Linguística oitocentista, notadamente distintos da divisão estabelecida no *Curso*. Para o linguista de Genebra, as práticas linguísticas anteriores à formação do grupo neogramático não compreenderam a analogia corretamente e, assim, cometeram “erros na natureza do fenômeno analógico” (Godel, 1957, p. 75). Em seguida, a narrativa de Saussure recobre elogiosamente a orientação do grupo neogramático.

⁶ Godel (1957) publicou o trabalho filológico intitulado *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de Ferdinand de Saussure*, pesquisa que reúne notas do próprio Saussure, assim como cartas e anotações dos alunos que participaram dos três cursos de Linguística geral.

⁷ O segundo Curso de Linguística geral ministrado por Saussure teve início em novembro de 1908 e foi finalizado em 24 de julho de 1909 e foi nesse segundo curso que “Saussure mais se debruçou sobre a revisão dos estudos linguísticos anteriores” (Altman, 2021, p. 40).

A nova escola (Direção neogramática): influência de Whitney, das obras dos romanistas e germanistas. Advento do método histórico; a linguagem encarada como um produto do espírito coletivo das sociedades humanas; *justa apreciação do fenômeno analógico*; estudo de fonologia. A partir de então, uma visão mais justa do indo-europeu (Godel, 1957, p. 75 – grifos nossos).

Em realidade, é comum lidar com manuais que apresentem a analogia como a segunda causa de mudança das línguas (Lyons, 1979), tendo sido postulada pelo grupo neogramático, assim, para explicar exceções à ação regular da mudança fonética, isto é, a analogia seria convocada como fator de perturbação diante da ausência de regularidade de formas engendradas pela ação fonética. Logo, a analogia teria como resultado a criação de uma forma linguística “em conformidade com outros elementos da mesma língua, com base em uma semelhança mais frequentemente sonora” (Paveau; Sarfati, 2006, p. 29).

Apesar dos apontamentos de Saussure, como ilustrado em Godel (1957), sabemos que o linguista de Genebra foi fortemente crítico a muitas proposições dos membros do grupo neogramático e afirmou haver problemas teóricos remanescentes no campo da linguística, mesmo após as contribuições metodológicas parcialmente aceitas pela comunidade dos *scholars* situados no último quartel do século XIX: “não se pode dizer que tenha esclarecido a totalidade da questão e, ainda hoje, os problemas fundamentais da Linguística Geral aguardam uma solução” (Saussure, 1970, p. 12).

Parece, portanto, necessário ao linguista de nosso tempo fazer escolhas relativas às fontes a serem estudadas de acordo com os interesses e problemas delineados. No contexto de pesquisas sobre a fortuna saussuriana, há um aspecto metodológico que se refere à necessidade de definição do *corpus* saussuriano. É assim que Fiorin, Flores e Barbisan (2013) chamam atenção para a necessidade de uma “escolha de leitura” ao sublinharem que a investigação do material produzido por Saussure requer, antes, uma seleção pelo

pesquisador. Em outras palavras, é preciso delimitar previamente o *corpus* de pesquisa com as fontes saussurianas em função da vasta quantidade de documentos disponíveis atualmente e da natureza heterogênea deles.

Para a presente reflexão, admite-se a posição de Engler (2004) que concebe “a existência do CLG, um fato de importância histórica” (Engler, 2004, p. 47), na medida em que gerações posteriores não poderiam ter conhecido tão publicamente as ideias sobre a Linguística geral de Saussure sem o trabalho de “assimilação e reconstituição” de Bally e Sechehaye. Como fontes secundárias, foram acompanhadas algumas reflexões de filólogos do texto saussuriano (Godel, 1957), (Engler, 1968), historiadores (Normand, 2009), (Joseph, 2012) e estudiosas da fortuna crítica de Saussure (Gadet, 1987), (Castro, 2018), igualmente inscritas no circuito de produção e de debate das ideias saussurianas.

O CONCEITO DE ANALOGIA NA LINGUÍSTICA DIACRÔNICA

Em um primeiro momento, Saussure formula uma definição para a analogia no quadro da Linguística diacrônica. Engler (1968) recolhe em seu *Lexique de la terminologie saussurienne*, doravante, *Lexique*, duas definições de analogia, mas apenas o primeiro verbete parece remeter à analogia neste quadro ao apresentar o conceito como uma criação linguística baseada na fórmula exposta a seguir:

criação → paraplasma, instalação de uma concorrente [→ forma analógica] ao lado de uma forma que pode ir tão longe quanto a substituição de uma forma criada por associação com uma forma tradicional → procedimento (≠ processo) baseado em três elementos (o tipo transmitido, o concorrente, → o entorno associativo), prestado pela fórmula da 4ª proporcional (Engler, 1968, p. 12).

Se assumida essa fórmula, a criação analógica pode ser representada com base na operação análoga ao cálculo da quarta

proporcional. Nesse sentido, Castro (2018) esclarece que esse cálculo se baseia no “modelo matemático pelo qual se expressa um movimento em favor da regularidade” (Castro, 2018, p. 819), conforme o exemplo abaixo:

Figura 1: Exemplo de analogia representada pela fórmula da quarta proporcional

$$\begin{array}{l} \text{\textit{ōrātōrem}} : \text{\textit{ōrātor}} = \text{\textit{honōrem}} : x \\ x = \text{\textit{honor}} \end{array}$$

Fonte: *Curso de linguística geral* (1970)

O exemplo *ōrātōrem: ōrātor, honōrem: x* representa a formação de *honor* como efeito de uma relação de associação com as outras formas acima segundo o esquema dos moldes da quarta proporcional. Note-se a necessidade de existência de três formas da língua cujos padrões regulares participam da formação de *honor*, isto é, da forma “criada por associação” (Godel, 1957, p. 57). Entretanto, a criação analógica, não implica o desaparecimento instantâneo da forma tradicional com a qual nova forma concorrerá, i.e., no momento do surgimento da criação analógica, materializada pela fala individual de um sujeito falante, ela não apaga a forma anterior, “não acarreta necessariamente o desaparecimento daquela a que vem duplicar” (Saussure, 1970, p. 190), pode ela mesma ser aceita e incorporada ou não, pela massa falante, em um segundo tempo.

Essas duas formas podem ainda ser conservadas no *continuum* do tempo e coexistirem até que o desuso, geralmente da mais antiga, encaminhe-a ao “desaparecimento que cai em desuso, devido à sua irregularidade” (Gadet, 1987, p. 109). Sendo assim, pode-se concluir que, para Saussure (1970), a criação de uma forma por analogia implica um determinado fenômeno, enquanto o desaparecimento da forma ‘tradicional’ se trata de um “fenômeno independente do primeiro” (Saussure, 1970, p. 190).

Para o linguista, a analogia é o fenômeno de criação de um signo com base na imagem de uma outra forma, ou de outras, “segundo uma regra determinada” (Saussure, 1970, p. 187) e sua ação deve ocorrer como organizadora “em favor da regularidade dos processos de formação e de flexão de uma língua” (Saussure, 1970, p. 188) quando a mudança fonética os altera, portanto, a analogia opera como “ação unificadora” (Saussure, 1970, p. 188). Seu “capricho”, contudo, é o de tornar impossível prever sobre quais formas a criação linguística poderá incidir, assim como a extensão de sua ação e os modelos adotados para formá-la, pois há formas que simplesmente resistem à pressão analógica.

É nessa direção que Castro (2018) conclui que, na perspectiva saussuriana, a analogia é uma atividade de natureza ‘inconsciente’ em que o sujeito falante se submete ao esquecimento momentâneo, consideração que implica sugere a ausência de intencionalidade no fenômeno analógico. E, com efeito, Saussure distingue cuidadosamente os termos ‘intenção’ e ‘vontade’ (Joseph, 2012), pois, na criação analógica “não há jamais premeditação” (Castro, 2018, p. 821), na medida em que o saber linguístico do sujeito falante é um saber complexo que “preside o uso vivo da língua: saber adquirido e implícito” (Normand, 2009, p. 94). Em outras palavras, a atividade criadora da analogia permite ao sujeito falante a inovação linguística.

Explicado o papel da memória ou do nível de consciência do sujeito falante na criação de uma forma gerada por analogia, fica claro que a forma tradicional não participa efetivamente na geração da criação analógica, uma vez que a primeira simplesmente não se encontra na consciência do sujeito falante durante o fenômeno criativo, em realidade, essa é a *conditio sine qua non*⁸ para a sua efetiva produção: “a condição para esta criação é certamente o esquecimento <momentâneo> da forma legítima

⁸ Expressão latina que significa em português brasileiro “condição sem a qual”. Trata-se de uma expressão amplamente utilizada na terminologia legal para expressar uma circunstância ou ação indispensável.

até então existente. A forma herdada é a única que não participa da formação do novo tipo” (Saussure, 1996, p. 61).

Para concluir, a analogia, nessa perspectiva, permite a criação de formas, mas não opera nem uma troca, tampouco uma substituição imediata da forma antiga pela concorrente inédita, situação paradoxal que encaminha o autor genebrino a um questionamento a respeito do papel da analogia em outra seara do fenômeno linguístico geral: “serão eles [os fenômenos analógicos], como comumente se acredita, mudanças? (Saussure, 1970, p. 189 – meus acréscimos).

Para ele, esse erro de interpretação sobre a natureza da analogia se deve às práticas anteriores dos linguistas que reconheceram haver um processo de mudança na comparação de formas historicamente relacionadas como resultado de uma pressão analógica. Tal resultado, nos conta Saussure, levou os linguistas a “crer numa transformação” (Saussure, 1970, p. 190). No entanto, a substituição de formas é alheia à analogia vista como um fenômeno, e a aparente “eliminação da forma tradicional que dá a ilusão de uma mudança” (Godel, 1957, p. 57) decorre precisamente da relação estabelecida entre “um termo suplantado pelo novo, um metaplasmo” (Saussure, 1970, p. 189).

O CONCEITO DE ANALOGIA NA LINGUÍSTICA SINCRÔNICA

A segunda definição de analogia fornecida por Engler (1968, p. 12) em seu *Lexique* é de que esse conceito é a “relação, semelhança entre várias coisas diferentes: qualquer relacionamento de analogias também implica o relacionamento de diferenças”, razão pela qual, afirmará Saussure em outra ocasião, que “toda aproximação das analogias implica também a aproximação das diferenças” (Saussure, 1996, p. 67). Não surpreende, pois, que Saussure assinale uma certa imprecisão quanto ao princípio que organiza o funcionamento da analogia, porque o princípio da “criação analógica se confunde com o

princípio das criações linguísticas em geral” (Saussure, 1970, p. 191). Muito acertadamente, Normand (2009, p. 95) compreende que o princípio da criação analógica está subordinado “ao princípio geral que define a língua como um sistema de relações”. Portanto, o fenômeno analógico tem demasiada importância para a linguística geral saussuriana, na medida em que fornece “para o estudo do funcionamento da língua, um aspecto complementar do jogo de relações no mecanismo” (Gadet 1987, p. 110).

Porque a criação analógica convoca a presença do sujeito falante, Saussure classifica a analogia como um fenômeno “de ordem psicológica” (Saussure, 1970, p. 191), já que as analogias ocorrem na fala individual do sujeito, porém, acrescenta a esse conceito a expressão metalinguística “ordem *gramatical*”, pois a analogia operada pelo sujeito pressupõe um saber relacional, ou seja, “supõe a consciência e a compreensão de uma relação que une as formas entre si” (Saussure, 1970, p. 191). A analogia é, portanto, de ordem psicológica e de ordem gramatical. Isso se refere ao ponto de vista do linguista genebrino quanto ao mecanismo de funcionamento da língua, as relações que definem as unidades no âmbito do sistema, haja vista que, em um estado de língua encontra-se “tudo que chamamos ou deveríamos chamar de gramática: a gramática, com efeito, pressupõe um sistema de unidades contemporâneas entre eles” (Godel, 1957, p. 63).

Ao atribuir a natureza gramatical em analogia, Saussure ainda precisa enfrentar o paradoxo representado pelo material resultante dela, qual seja, a relação da analogia com a fala “e se pôr em frente ao ato de fala para compreender a operação da analogia” (Castro, 2018, p. 819), pois é a fala que registra a atividade individual de uma nova criação analógica. Em outras palavras, o produto que se apresenta na fala, pela materialidade fônica e como elemento inédito, pertence à execução individual e não está situada, necessariamente, em uma instância compartilhada por todos membros da massa falante.

Por oposição, a materialidade não está integrada ao sistema, logo, não faz parte de seu conceito interdependente, o conceito de

língua. Por essa razão, a analogia se apresenta como problemática para Saussure, na medida em que “o quebra-cabeça colocado pela mudança analógica é que seu produto é uma forma que não faz parte da língua no momento de sua criação. No entanto, está sendo produzido por analogia proporcional nas mentes de falantes individuais” (Joseph, 2012, p. 506).

Eis que, na perspectiva saussuriana, a forma analógica surge na fala do falante individual “é a obra ocasional de uma pessoa isolada. É nessa esfera, e à margem da língua, que convém surpreender primeiramente o fenômeno” (Saussure, 1970, p. 192). Contudo, se as relações das formas que se associam concernem ao conceito de língua, os elementos materialmente percebidos pelos sujeitos falantes “são construções repentinas, por ocasião da fala” (Godel, 1957, p. 61).

Por meio dessa intrincada relação dos domínios da língua e da fala, o autor destaca o papel que a analogia desempenha no fenômeno linguístico geral “a analogia nos faz tocar com o dedo o jogo do mecanismo linguístico” (Saussure, 1970, p. 192), ao encaminhar o linguista a uma experiência concreta de tornar visível as diversas relações realizadas pelo sujeito falante inconscientemente com o mecanismo da língua: “constituindo para o linguista o equivalente de uma experiência analisável” (Normand, 2009, p. 93-95). Essa reflexão fundamental permitirá Saussure a delinear uma bifurcação em linguística ao auxiliar na separação da língua e da fala (Saussure, 1970).

Tendo em vista essa tarefa de separação, torna-se fundamental distinguir o fenômeno analógico propriamente dito, realizado antes do surgimento da forma material, na fala, porque a atividade da língua é contínua e detém todas as associações possíveis em seu sistema “contém em si não somente todas as possibilidades de um falar conforme ao uso, mas também todas as possibilidades de formações analógicas” (Saussure, 1970, p. 192). Por essa razão, o fenômeno analógico, Gadet (1987, p. 110) corretamente assinala que “uma criação analógica só reúne elementos que existem de outra forma, mas não estão agrupados em um sintagma”. Se assim

considerado fenômeno, que a formação por analogia não “se produz no momento em que surge a criação; seus elementos já estão dados já existem em potência na língua e sua realização na fala é um fato insignificante em comparação com a possibilidade de formá-la (Saussure, 1970, p. 193).

A analogia deve ser interpretada, portanto, como uma das operações do sujeito falante com o mecanismo do funcionamento da língua, por isso ela “não passa de um aspecto do fenômeno de interpretação, uma manifestação da atividade geral que distingue as unidades para utilizá-las em seguida. Eis porque dizemos que a analogia é inteiramente gramatical e sincrônica” (Saussure, 1970, p. 193). Para Gadet (1987, p. 109), referindo-se ao que propõe Saussure sobre a analogia, há uma inovação na forma de conceber a analogia: “é radicalmente nova a apresentação da analogia como um fenômeno inteiramente gramatical e sincrônico, assimilável ao mecanismo comum da língua”.

De fato, Saussure compreende que muitas criações analógicas manifestas pela fala não terão destino na língua, dito de outro modo, entende Saussure que determinadas inovações permanecerão restritas à fala individual e jamais repercutem no sistema da língua, ou, nos termos de Saussure: “são combinações sem futuro, que a língua provavelmente não adotará” (Saussure, 1970, p. 196). Ainda assim, essas formações por analogia seguem uma regularidade e podem ser esquematicamente estabelecidas em uma operação análoga ao cálculo da quarta proporcional “da mesma maneira que as que a língua aceitou” (Saussure, 1970, p. 196).

Por isso, Saussure, é a razoável a conclusão de Saussure, para quem a analogia propriamente dita não poderia ser concebida como princípio de mudança das línguas, em suas palavras, a analogia “não poderia ser, por si só, um fator de evolução” (Saussure, 1970, p. 197). Contudo, a substituição de formas pela mudança analógica, porém, é um dado incontornável no estudo da evolução linguística porque “cada vez que uma criação se instala definitivamente e elimina sua concorrente, existe verdadeiramente algo criado e algo abandonado” (Saussure, 1970, p. 197), razão pela

qual a analogia se situa na segunda bifurcação em linguística, no cruzamento dos eixos da sincronia e diacronia (Castro, 2018).

O papel desempenhado pela analogia na mudança linguística é, portanto, muito distinto da importância dispensada à ação fonética. Assim, seu papel é mais geral, “mais considerável, inclusive, que o da mudança dos sons” (Saussure, 1970, p. 199), por essa razão, o estudo das evoluções linguísticas, em sua integralidade, deveria considerar a analogia como fator de evolução da língua tão significativo como o fora a mudança fonética, contudo, diferente desta última “o fenômeno da analogia é uma força transformadora da linguagem” (Saussure, 1997, p. 63).

O autor genebrino ainda esclarece que, na história de cada língua, quase todos os elementos que resultam de fenômenos analógicos “são conservados; somente que se distribuem de forma diversa” (Saussure, 1970, p. 199-200) por esse motivo a analogia também representa um fator de conservação linguística, na medida em que preserva formas da língua por meio de “combinações novas de elementos fônicos arrancados a formas mais antigas” (Saussure, 1970, p. 200), o que a torna “eminentemente conservadora” (Saussure, 1970, p. 200).

Em realidade, Saussure (1970) assume que não há criação linguística *ex nihilo*⁹, ou seja, um signo não integra ao sistema como inovação sem estar ele mesmo em relação com os demais. É, portanto, lógico que a analogia “utiliza sempre a matéria antiga para as suas inovações” (Saussure, 1970, p. 200), isto é, o funcionamento analógico da língua pressupõe a acomodação de formas antigas em seu sistema e assim é esperado: “que sempre envolva o rearranjo do material previamente existente” (Joseph, 2012, p. 506) em cada estado, sendo assim, a analogia é, ao mesmo tempo, “eminentemente sincrônica” (Castro, 2018, p. 826).

Em segundo lugar, a analogia também garante a continuidade das formas de uma língua quando a estabilidade do

⁹ Locução adverbial latina que significa em português brasileiro ‘do nada’ ou ‘nada vem do nada’.

sistema não altera significativamente o mecanismo relacional, isto é, as unidades perduram em função da organização estável do sistema: “que reforça o funcionamento normal do mecanismo, pois a estabilidade das formas está ligada ao seu enquadramento no sistema, e é na medida em que se pode analisar uma forma que se transmite intacta” (Gadet, 1987, p. 111).

O exemplo fornecido por Saussure da forma latina *agunt* ilustra como essa forma foi transmitida quase intacta, ao longo de séculos, por obra da analogia: “não foi *agunt*, mas *ag-unt*; a forma não muda, porque *ag-* e *-unt* se verificavam regularmente em outras séries, e foi esse cotejo de formas associadas que preservou *agunt* ao longo do caminho” (Saussure, 1970, p. 200) ou seja, as relações dessas formas com as demais foram transmitidas por causa da estabilidade no sistema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que Saussure propõe duas definições teóricas para o conceito de analogia. Na visão do linguista, a analogia é um fenômeno que tem incidência no plano da *fala*, mas reconhece o autor que a analogia ocorre no plano psíquico, portanto, na esfera da língua. Por outro lado, a criação analógica percebida pelos sentidos, pelos sujeitos falantes, pressupõe e pertence à fala. Ao relacionar a analogia com o conceito de língua, ela pode ser categorizada como fenômeno de ordem psicológica e de ordem gramatical, portanto, fenômeno circunscrito ao escopo da Linguística sincrônica, uma vez que se realiza por meio de relações com elementos coexistentes da língua em um determinado momento, vale dizer, em um estado de língua.

Por outro lado, uma segunda definição do conceito de analogia também a desloca para a dimensão da linguística diacrônica. Como vimos, a criação analógica se refere ao resultado material, a forma linguística inédita que poderá substituir a forma tradicional ou não, porém seu surgimento instantâneo, na fala individual de um sujeito falante, não implica o desaparecimento

imediatamente da forma mais antiga, do sistema de uma língua. Na visão de Saussure, uma consequência possível para o desaparecimento da forma antiga estaria ligada ao desuso, então a analogia poderia ser, nesse sentido, vista como fator de evolução das línguas.

Quanto ao tratamento da analogia pelos membros do grupo neogramático, é verdadeiro que Saussure creditou as boas ideias do grupo, porém, o desenvolvimento de uma epistemologia *a priori* certamente permitiu ao linguista genebrino meditar para além dos dados linguísticos positivos para compreender a analogia como um fenômeno geral, relacional e psíquico. Ademais, a analogia proposta por Saussure permite articular e separar, ao mesmo tempo, o lugar do sujeito falante no fenômeno linguístico, assim como as distinções entre sincronia e diacronia, de um lado, de outro, língua e fala (Gadet, 1987).

Por fim, se quisermos considerar que a separação do domínio sincrônico do diacrônico foi assumida como condição de possibilidade de construção de uma ciência da linguagem autônoma (Cruz, 2018), então a analogia detém um papel decisivo para encaminhar a reflexão de Saussure à sincronia (Koerner, 2020) e para reconhecer essa dimensão de análise linguística como o domínio em que as unidades da língua não são definidas por si mesmas, mas são efeitos de relações realizadas no âmbito do sistema da língua pelos sujeitos falantes.

REFERÊNCIAS

- ALTMAN, C. *A guerra fria estruturalista: estudos em historiografia linguística brasileira*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.
- CASTRO, M. F. P. de. Sobre a analogia na reflexão saussuriana. *DELTA*. v.34, n.3, São Paulo, 2018.
- CRUZ, M. A. Um aspecto da teoria saussuriana que Jakobson teria ignorado ou da relativização do caráter radical da

separação entre sincronia e diacronia em Saussure. *Revista do GELNE*, v. 19, p. 248–259, 2018.

CRUZ, M. A.; FARIA, N. R. B. Novo retorno a Saussure: algumas reflexões sobre a circulação indefinida do nome de Ferdinand de Saussure. *Leitura*, v. 1, nº 62, 2019, p. 2-12.

d'Albert Riedlinger, edited by E. Komatsu et G. Wolf, Oxford/New York/Tokyo, Pergamon Press, 1996.

ENGLER, R. *Lexique de la terminologie saussurienne*. Utrecht-Anvers: Spectrum. Comité international permanent des linguistes. Publication de la commission de terminologie, 1968.

ENGLER, R. The making of the CLG. In: SANDERS, C. (Org.) *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FIORIN, J. L.; FLORES, V. do N.; BARBISAN, L. B. Por que ainda ler Saussure? In: FIORIN, J. L.; FLORES, V. do N.; BARBISAN, L. B. (Orgs.) *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013

GADET, F. *Saussure: Une science de la langue*. Paris: PUF, 1987.

GODEL, R. *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. Genève: Libraire Droz, 1957.

ILARI, R. O Estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. v. 3., 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

JANKOWSKY, K. R. *The Neogrammarians. A Re-Evaluation of their Place in the Development of Linguistic Science*. The Hague; Paris: Mouton, 1972.

JOSEPH, J. *Saussure*. United Kingdom: Oxford University Press, 2012.

KOERNER, E. F. K. *Last Papers in Linguistic Historiography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2020.

KUHN, T. S. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

LYONS, J. *Introdução à Linguística Teórica*. São Paulo: Nacional/EDUSP, 1979.

- MORPURGO DAVIES, A. Saussure and Indo-European Linguistics. In: SANDERS, C. (Ed.) *The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- MOUNIN, G. *História da Linguística: das origens ao século XX*. Porto: Edições Despertar, 1970.
- NORMAND, C. *Saussure*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- PAVEAU, M-A.; SARFATI, G-É. *As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática*. São Paulo: Editora Claraluz, 2006.
- ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1970.
- SAUSSURE, F. de. *Deuxième cours de linguistique générale (1908-1909) d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois*, edited by E. Komatsu et G. Wolf. Oxford/New York/Tokyo, Pergamon Press, 1997.
- SAUSSURE, F. de. *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Leipzig: B. G. Teubner, 1879.
- SAUSSURE, F. de. *Premier cours de linguistique générale (1907) d'après les cahiers*

Capítulo 11

ALGUMAS NOTAS SOBRE O PAR CONCEITUAL *SINCRONIA E DIACRONIA*

Marcus Garcia de Sene¹
Paulo Henrique Alves da Silva²

Saussure é em primeiro lugar e sempre
o homem dos fundamentos
(Benveniste, 2005 [1966], p. 35)

INTRODUÇÃO

Toda língua natural constitui-se com base em sua própria metalinguagem, isso implica dizer que ela não necessita de nenhum outro tipo de sistema de signos que a glose (Nascimento, 1990; 2008), além de que, com base nessa mesma língua, o homem traduz todos os outros sistemas de signos que o interpelam e o

¹ Professor Adjunto do Departamento de Linguística e Práticas de Ensino da Universidade de Pernambuco *campus* Garanhuns. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação Nacional em Letras (Profletras). Líder do Grupo de Pesquisa em Variação Linguística, Avaliação subjetiva, Ensino de Língua Portuguesa e Teorias Linguísticas. E-mail: marcus.sene@upe.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2715-5294>;

² Licenciado em Letras – Português e suas Literaturas pela Universidade de Pernambuco. Especialista em Linguagens e suas Tecnologias pela Universidade Federal do Piauí. Membro do Grupo de Pesquisa em Variação Linguística, Avaliação subjetiva, Ensino de Língua Portuguesa e Teorias Linguísticas. E-mail: paulo.henriquealves@upe.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8476-3889>

perpassam em seu cotidiano. Não à toa, Roland Barthes (1964), ao discutir alguns pensamentos saussurianos, afirma que a Linguística não é uma parte, menos privilegiada, da ciência geral dos signos, ao contrário disso é uma ciência que visa desnudar o sistema linguístico – e isso faz essa obra tão importante, mesmo depois de 100 anos da publicação do Curso de Linguística Geral.

Embora a língua possua esse estatuto que cativou a todos como um objeto de dado deslumbramento que, ao mesmo tempo que cria a poesia, faz-se a ciência, ela nunca esteve isenta do tempo. Com isso, outras ciências que trabalham com um objeto que é dado aprioristicamente e que podem considerar seus objetos, por diferentes pontos de vista, podem não sofrer a intervenção do fator tempo, caso seus interesses sejam outros. A Linguística, diferentemente de outras ciências, precisa perfilar o seu ponto de vista, dado que não há possibilidade de compreender a totalidade da língua sem delimitar sobre qual perspectiva o cientista da linguagem irá investigar: estática (sincrônica) ou evolutiva (diacrônica).

A título de exemplo, toma-se emprestado a palavra ‘nu’, utilizada no CLG para ilustrar que um observador superficial será tentado a ver nela um item linguístico concreto que represente algo no mundo. Em contrapartida, um observador mais atento, ou ao menos interessado em questões sobre a língua, a depender do ponto de vista, pode compreendê-la como uma forma de retomar aspectos remanescentes da história da língua, mais especificamente considerando que ‘nu’ advém do latim “*nudum*” ou, ainda, sob outro ponto de vista, uma expressão de uma ideia, uma sequência de sons, etc.

A essa altura, vale destacar que ainda que o cientista da linguagem defina um ponto de vista para sua investigação, que no caso dos estudos saussurianos é a visão estática e sincrônica da língua, “o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (Saussure, 2006, p. 15). Por essa razão, por ser a linguística uma ciência que não comporta uma visão unilateral, nesse capítulo,

apresentar-se-á uma breve introdução sobre as dicotomias *sincronia e diacronia* tal como elas foram estabelecidas por Ferdinand de Saussure, em sua obra o *Curso de linguística geral* (CLG).

É importante esclarecer que, para a elaboração dessas reflexões, adotou-se essencialmente as discussões do CLG publicado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger, em 1916, em Lausanne e em Paris, três anos após a morte de Saussure. Além dessa obra, também se recorre aos Escritos de Linguística Geral, organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com colaboração de Antoinette Weil, traduzidos no Brasil por Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco e publicados também pela Editora Cultrix (2002).

A EVOLUÇÃO E A ESTABILIDADE EM SAUSSURE

Embora em Saussure “cada um de seus segmentos só tem sentido em suas relações com os demais”, nesse capítulo, não serão mobilizadas outras concepções importantes defendidas e promulgadas no CLG, para isso recomenda-se a leitura dos demais capítulos dessa obra, em especial aqueles que discutem o conceito de língua como objeto da Linguística, além das proposições acerca do signo linguístico como uma entidade psíquica de duas faces (significante e significado) e sobre suas características primordiais (imutabilidade e caráter linear).

A língua, para Saussure (2006), é imaterial, dado que ela não estaria disponível na exterioridade, trata-se de um aspecto que se desenvolve na mente do falante; é psíquica e, tal como um tesouro, é depositada em cada indivíduo. Com isso, estudá-la, ao mesmo tempo sob a ótica do tempo e do sistema, seria demasiadamente complicado. Isso porque o tempo é um fator que traz multiplicidade à língua; ao passo que o sistema, complexidade.

Talvez a ideia de multiplicidade da língua seja um indicativo de que, ainda que o mestre genebrino não tenha se dedicado aos

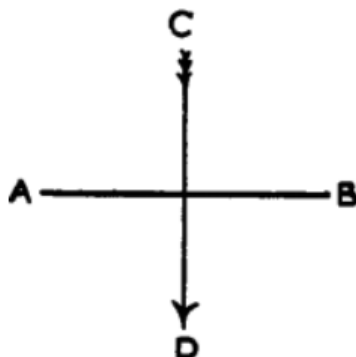
fatores externos que evidenciam o caráter dinâmico da entidade língua, havia o reconhecimento de que o então objeto da linguística era heterogêneo – talvez não como se concebe atualmente com a Sociolinguística – mas, com certeza, dado ao fator tempo, era inerentemente mutável. Há assumpções associadas ao então pai da Linguística moderna que endossam essa questão e que, conforme orienta Lima (2021), poderiam ser assumidas ou até atribuídas a outros intelectuais, se não retomássemos constantemente as proposições saussurianas, a saber: “o tempo altera todas as coisas” e que, assim sendo, “não existe razão para que a língua escape a essa lei universal” (Saussure, 2006[1916], p. 91).

Tal dimensão fica mais evidente quando se observa os Escritos de linguística geral, organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, em que o mestre genebrino declara que

Em qualquer exemplo que a história nos permita acompanhar uma língua ao longo de dois ou três séculos, constata-se que o espaço de tempo escoado corresponde regularmente a uma modificação mais ou menos forte dessa língua. Não há exemplo de imobilidade absoluta. Absoluto é o princípio do movimento da língua no tempo [...]. (Saussure, 2004[2002], p. 268).

À medida que se avança nas reflexões de Saussure, nota-se que o fator tempo é tão relevante de modo que suas implicações podem gerar ciências diferentes, como é o caso da Linguística em que, a depender do ponto de vista assumido, o estudo da língua pode se ocupar das transformações ocorridas o tempo (Linguística evolutiva), bem como num dado estado momentâneo dos fenômenos da língua (Linguística estática). A partir dessa questão, Saussure (2006) propõe a existência de dois eixos, aquele que diz respeito a simultaneidade e, portanto, ao caráter estático da língua, quando o outro eixo é o das sucessões, que diz respeito a evolução da língua. Essa discussão é representada no CLG com base na seguinte figura:

Figura 1: Esquema dos eixos simultâneos e sucessivos.



Fonte: Saussure (2006)

No eixo A-B, conforme coloca Saussure no CLG, encontra-se as relações entre coisas coexistentes, isso implica dizer que, nesse eixo, atesta-se a relação presente entre os fatos de um sistema linguístico do modo como ele se apresenta, estático, sem interferência do fator tempo (Saussure, 2006 [1916]; Lopes, 1997). No tocante ao eixo C-D, o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez (Saussure, 2006 [1916]), atesta a existência do fator tempo, de modo que a língua deve ser compreendida à luz da continuidade temporal em que todas as coisas do primeiro eixo (A-B) estão situadas.

Essas dimensões podem ser explicadas, como quase todo par conceitual do CLG, com base na metáfora do xadrez, dado que a partida e a existência do jogo, *per se*, tem a sua condição assentada sobre o eixo, primeiro, da simultaneidade e, igualmente, no eixo das sucessões. O jogo pode ser observado tanto no instante em que se está jogando, como também numa sucessão de jogadas (Saussure, 2006 [1916]; Silva, 2013). A esse respeito, Silva (2013, p. 21) declara que “a primeira forma de observação nos levará a capturar um arranjo das peças dentro do qual os valores são estabelecidos, enquanto a segunda forma de observação possibilitará ver aquilo que há de diferente nos arranjos de um instante a outro”.

Ainda que esses pares da simultaneidade e das sucessões sejam interpretados um em relação ao outro, não existe interdependência de ambos. A determinação de um estado da língua pode ser descrita sem que as sucessões da língua sejam consideradas. No CLG, essa independência dos pares é explicitada da seguinte forma:

Numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar liberta de seus antecedentes; é totalmente indiferente que se tenha chegado a ela por um caminho ou outro; o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que vem espiar o estado do jogo no momento crítico; para descrever a posição, é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu dez segundos antes. (Saussure, 2006, p. 105)

A questão da suposta inutilidade do tempo, apresentada na citação, não implica dizer que o mestre genebrino ignora a relevância do olhar diacrônico para os dados da língua. Saussure não nega a importância do olhar histórico; a predileção do genebrino pelos estudos estáticos (sincrônicos) da língua, envolvia uma decisão epistemológica para encerrar a realidade da língua. Para o mestre genebrino, só a sincronia poderia dar conta da língua em sua totalidade, dado que as relações de valor, dentro do sistema, só são passíveis de observar *in praesentia*, isto é, na presença e coexistência dos elementos.

A esse respeito, vale recuperar a citação de Saussure (2006, p. 71) quando destaca que “a língua não consiste em um conjunto de valores positivos e absolutos, mas de um conjunto de valores negativos ou de valores relativos que só têm existência pelo fato de sua oposição.”. Nesse contexto, olhar a língua pelas lentes do seu processo evolutivo ou de diferentes estados não permitiria, então, afirmar como ela é, apenas descrever uma porção dela com algumas alterações ocorridas ao longo do tempo. Embora a questão das sucessões, ou seja, o fator evolutivo da língua esteja aparentemente em segundo plano nos estudos saussurianos, isso não implica dizer

que a diacronia não possua valor. O percurso histórico de uma certa língua é sempre dela constitutivo (Silva, 2013).

O PAR CONCEITUAL: DIACRONIA E SINCRONIA

A opção de Saussure pela estabilidade do sistema, que nesta seção será intitulada de sincronia, reflete uma tentativa metodológica para investigação da língua. Também vale destacar que essa predileção também está relacionada a relação existente entre a natureza do signo e o método sincrônico, afinal “a relação entre o significado e o significante é radicalmente arbitrária e, conseqüentemente, a única razão que determina a configuração particular entre um significado e um significante é o fato de os outros significantes e significados coexistirem com ele no mesmo sistema que o delimita e define.” (De Mauro, 1985, p. 451). Dito de outro modo, um signo é investigado dentro do sistema do qual ele faz parte, haja vista que só assim é capaz de depreender qual é o seu valor.

A língua constitui-se, então, de um sistema de valores puros (Saussure, 2006) e, para investigá-la deve-se considerar as relações existentes entre as coisas e isso implica considerar um estado de língua. Sobre a sincronia, Saussure (2006) escreve que “é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência”. Com essa escolha, o mestre genebrino justifica que, para um sujeito que fala, utiliza-se um estado específico da língua, e não as sucessões do tempo.

Em outras palavras, a sincronia representa, então, um estado de língua, que é o que o falante reconhece de antemão. Dentre todos os momentos possíveis na língua, a sincronia é um recorte, sem considerar as sucessões de fatos que possuem a língua. É como se fosse um instantâneo da língua, um fato capturado e eternizado sobre o qual a estrutura da língua pode ser depreendida. Esclarece-se, ainda, que a sincronia para Saussure não é um fato empírico, mas um conceito teórico metodológico que contribui com o corte epistemológico promovido na ciência Linguística.

Para além da Linguística, o conceito de sincronia, postulado como a verdadeira causa da inovação trazida por Saussure (Choi, 2002), influenciou também as ciências humanas e, por essa razão, deve ser interpretado de forma gradual, uma vez que possibilitou o questionamento do paradigma histórico que perfazia as pesquisas das ciências humanas em geral. A partir de então, surge uma nova dimensão de investigação – a sincronia – que coloca o fator tempo em uma preocupação relativamente secundária.

No que se refere à diacronia, existem diversas passagens em que o mestre genebrino destaca o fator tempo sobre a língua. Um exemplo está no seguinte trecho: “O tempo, que assegura a continuidade da língua, tem um outro efeito, em aparência contraditório com o primeiro: o de alterar mais ou menos rapidamente os signos linguísticos e, em certo sentido, pode-se falar, ao mesmo tempo, da imutabilidade e mutabilidade do signo” (Saussure, 2006, p. 89). Para Saussure, o tempo seria o responsável por mudanças universais das quais a língua não escaparia.

A partir disso, o genebrino escreve que diacrônico seria tudo que diz respeito às evoluções da língua (Saussure, 2006), o termo designa, então, “[...] uma fase de evolução” (Saussure, 2006, p. 96). Com a postulação de que cabe à Linguística moderna o estudo sincrônico da língua, Saussure não exclui a história, apenas dá a ela um espaço diferente de investigação, por isso Linguística Evolutiva e Linguística Estática. Com essa diferenciação, portanto, não houve exclusão da relação entre o tempo e um dado estado de língua, isso fica evidenciado quando se observa passagens do tipo: “[...] quanto mais se estuda a língua, mais se chega a compreender que *tudo na língua é história*, ou seja, que ela é um objeto de análise histórica e não de análise abstrata [...]” (Saussure, 2006, p. 131, grifos no original).

Desse modo, diacronia não deve ser entendida como uma tentativa de excluir o tempo da investigação científica, afinal tal aspecto vai contra a possibilidade de reconhecer as transformações e sucessões do fato da língua. Inclusive, o próprio genebrino destaca que a história exerce influência sobre o sistema

linguístico, apesar de eles não estarem, na opinião de Saussure, diretamente relacionados: “na perspectiva diacrônica, ocupamos com fenômenos que não têm relação alguma com os sistemas, apesar de os condicionarem” (Saussure, 2006, p. 101).

Com isso, pode-se concluir que o tempo age sobre o sistema, sobre a língua, mas não é possível que o falante o capture, tal como a investigação de um dado estado da língua na sincronia. Como destaca Cruz (2013), há

[...] uma ordem na língua em que, para a consciência dos sujeitos falantes, as mudanças, apesar de reais, não são percebidas. Em outras palavras, embora a língua tenha uma história, esta escapa à consciência dos sujeitos falantes, e essa sucessão contínua de ordem diacrônica não cessa de se dissolver na dimensão do presente, isto é, na dimensão da sincronia (Cruz, 2013, p. 40)

É considerando essa divisão entre a história e a consciência da estrutura linguística que Saussure propõe que a investigação da linguística moderna recubra a dimensão estática (sincrônica), ao passo que a dimensão histórica é, pelo menos no primeiro momento, em segundo plano.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Longe de propor qualquer conclusão às reflexões propostas por Saussure, mas com a necessidade de que esse capítulo obtenha um fim a contento, pode-se dizer que a sincronia é o caminho de investigação do estado da língua e, sobretudo, do reconhecimento de que ela é um sistema de valores puros (Saussure, 2006) sobre o qual deve-se considerar a relação existente entre as coisas, isto é, os valores dos signos são atribuídos um em relação ao outro, considerando o estado de língua que eles estão e não as sucessões advindas do tempo.

Nesse sentido, a sincronia, operada para além de um eixo de teorização dentro das discussões de Saussure, é igualmente um princípio metodológico que permite a dissolução da linguística em

pontos de vistas diferentes: um estático outro evolutivo. A diacronia, em contrapartida, é convocada, nas discussões do genebrino, como um princípio importante que atua na delimitação da *langue*, já que carrega as sucessões de eventos e estados da língua, mas que, por questão metodológica, é colocada em segundo plano. Destaca-se que Saussure (2006) não exclui a história (diacronia) de suas discussões, ao contrário, fomenta princípios que permitem estabelecer pontos teóricos-metodológicos possíveis para elegê-la como um objeto da linguística. No entanto, para o corte epistemológico proposto pelo genebrino, interessa-nos, em primeiro momento, a investigação do estado atual da língua (sincronia) para delimitação do sistema linguístico.

Por fim, retoma-se a metáfora do xadrez para obter melhor elucidação sobre o par conceitual *diacronia e sincronia*. Saussure compara a sincronia a uma posição do jogo, ao passo que a diacronia é o deslocamento de peças. Sobre isso, o mestre escreve que

numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar libertada de seus antecedentes; é totalmente indiferente que se tenha chegado a ela por um caminho ou outro; o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que vem espiar o estado do jogo num momento crítico; para descrever a posição, é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu dez segundos antes. Tudo isso se aplica igualmente à língua e consagra a distinção radical do sincrônico e do diacrônico (Saussure, 2006, p. 105).

REFERÊNCIAS

- CHOI, Yong-Ho. *Le problème du temps chez Ferdinand de Saussure*. Paris: L'Harmattan, 2002.
- CRUZ, Marcio Alexandre. Uma contradição aparente em Saussure: o problema da relação língua-história. In: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 33-43.

- DE MAURO, T. *Edição Crítica do Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. Paris: Payot, 1985.
- LIMA, D. T. O “FATOR TEMPO” COMO EIXO DA TEORIZAÇÃO SAUSSURIANA SOBRE A LÍNGUA. Tese de doutorado. 171f. Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). 2021.
- NASCIMENTO, E. M. F. S. Metalinguagem Natural e Teoria da Linguagem. *Revista da ANPOLL*, v. 34, p. 115-120, 1990.
- NASCIMENTO, E. M. F. S. Saussure: o estruturalista antes do termo. *Diálogos Pertinentes*, v. 4, p. 159-278, 2008.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SAUSSURE, F. de. *Escritos de lingüística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2004 [2002].
- SILVA, E. C.. Língua, fala, sincronia e diacronia no jogo de xadrez. *Investigações (Online)*, v. 26, p. 01-30, 2013.

Com esta obra temos um objetivo claro: retomar a leitura do *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure. Contudo, esse **Saussure: termos, conceitos e noções** não busca ser um manual de introdução ao *Curso*, mas, a partir da discussão desses termos, desses conceitos e dessas noções desnaturalizar interpretações e instigar (quiza!) a leitura do *Curso* saussuriano que foi capaz de operar o corte epistemológico no campo da linguística e revolucionar a história das ciências humanas e sociais.

